A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

A

CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

POEMA

POR

Domingos José Gonçalves de Magalhães

RIO DE JANEIRO

EMPREZA TYPOG. — DOUS DE DEZEMBRO — DE PAULA BRITO
IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL.

1856.

Á

SUA MAGESTADE IMPERIAL

O SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR

PERPETUO DO BRASIL.

SENHOR

Não é um simples motivo de particular gratidão por especiaes favores devidos a Vossa Magestade Imperial, e sim um sentimento mais patriotico de profunda admiração, e elevado reconhecimento pela prosperidade do nosso paiz, devida á sabedoria, justiça e amor ás instituições livres, que tão altamente brilham no Throno na Augusta Pessoa de Vossa Magestade Imperial; é este nobre

sentimento que me inspira a ideia de offerecer e dedicar a Vossa Magestade Imperial este meu trabalho litterario, como um tributo espontaneo de um subdito fiel ao melhor dos Monarchas.

Vossa Magestade Imperial deseja ser amado pelas suas virtudes publicas e privadas, que tanto edificam; e o Brasil todo o ama e o admira.

Si os bens materiaes, que crescem todos os dias entre nós, assás apregoam a solicitude de Vossa Magestade em promovel-os, muito mais apregoam a sabedoria do seu governo, os bens moraes e politicos de que gozamos, e pelos quaes velhas nações da Europa ainda hoje derramam rios de sangue.

A instrucção publica propagada e protegida, a completa liberdade da imprensa, a

Beija as sagradas mãos de Vossa Magestade Imperial o

De Vossa Magestade Imperial

Subdito fiel e reverente

Domingos José Gonçalves de Magalhães.

CANTO PRIMEIRO.

ARGUMENTO.

Invocação ao sol e aos Genios dos bosques do Brasil.—Primazia desta parte d'America.—O Amazonas e o Paraná.—Nada é comparavel ás bellezas desta natureza virgem.—Seus indigenas.—Perseguição contra elles.—Aimbire, o mais audaz dos chefes Tamoyos, confedera todas aquellas tribus contra os Portuguezes.—Para esse fim vai elle procurar Pindobuçú, e o acha dando sepultura a um filho.—Lança Aimbire uma pedra sobre essa sepultura, que encerra talvez o cadaver de um amigo; e recordando-se do tempo da sua infancia, saúda a terra em que nasceo, e a que volta depois de longa ausencia.—Pindobuçú o reconhece, e lhe diz que o morto é Comorim seu filho.—Lamenta Aimbire a perda do companheiro da sua infancia.—Conta-lhe Pindobuçú como fôra o filho mortalmente ferido defendendo sua irmã Iguassú, atacada por alguns Portuguezes, dos quaes tres ou quatro foram mortos na lucta.—Jura Aimbire vingar a morte do amigo; e aproveita a occasião para ligar aquella tribu contra os Portuguezes.

A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

CANTO PRIMEIRO.

Oh sol, astro propicio que abrilhantas
Do creado universo altos prodigios;
Que aos bosques dás verdor, doçura aos fructos,
E os petalos das flores vario esmaltas!
Oh sol, vital principio, que na terra
O tenro germe da semente aqueces,
E o fecundas co'os teus benignos raios:
Luzeiro perennal, nume adorado

Dos innocentes filhos da Natura,
Que mal seu Creador, seu Deos conhecem!
Oh sol, hoje m'inflamma a mente ousada,
Que azas desprende p'ra mais altos vôos.

Vós, solitarios Genios dos desertos
Do meu patrio Brasil, nunca invocados
Té-qui por nenhum vate, a cujas vozes
Doçura deram do Carioca as aguas;[1]
Genios, que outr'ora com choroso accento
Suspiros repetistes lamentosos
De tantas malfadadas tribus de Indios,
Que viram do Europêo n'ávida espada
O sangue gotejar dos caros filhos,
Das esposas, dos pais, e dos parentes;
Doces inspirações prestai-me, oh Genios!
Dos Tamoyos o intrepido ardimento,
Tão fatal á colonia portugueza,
Do olvido sorvedor hoje exhumemos:
Na mente bafejai-me imagens que ornem
Dos filhos dos sertões a sorte adversa.

Das Americas plagas venturosas,
Que ás mais plagas do mundo nada invejam,
Ufana-se o Brasil como a primeira.
Formosa é sempre ahi a Natureza,
Eterna a primavera, o outono eterno.
Em leitos diamantinos pura lympha
Rega seus campos em caudaes correntes.
Innumeras, pujantes catadupas,
Voz dando á solidão, em crystaes curvos
De rochedos alpestres precipitam-se;
E de horrendo estridor pejando os ermos,
De valle em valle, entre asperas fraguras,
Onde atroam tambem gritos das feras,
Das serpes os sibillos, e os trinados
Dos passaros, e a voz dos roucos ventos,
Viva orchestra parece a Natureza,
Que a grandeza de Deos, sublime, exalta.

Balisa natural ao Norte avulta
O das aguas gigante caudaloso,
Que pela terra alarga-se vastissimo;

Do Oceano rival, ou rei dos rios,
Si é que o nome de rei o não abate;
Pois mais que o rei supera em pompa e brilho
No solio á multidão em torno curva,
Supera o Amazonas na grandeza
A quantos rios ha grandes no mundo!
O Kiang, o Nilo, o Volga, o Mississípe,
Inda que as aguas suas reunissem,
Com elle competir não poderiam.
Ao lado seu direito, e ao esquerdo lado
Mil feudatarios rios vem pagar-lhe
Tributo perennal de suas aguas.
Resupino gigante se afigura,
Qual outro Briarêo, mas verdadeiro,
Que estende os braços p'ra abarcar a terra!
Pujante assim no Atlantico se entranha,
Ante sí repellindo o argenteo salso,
Como si elle na terra não coubera,
Ou como de inundal-a receioso
Si mais longo e mais lento a discorresse!
O Amazonas co'o Oceano furioso
Lucta renhida trava interminavel

Para roubar-lhe o leito; e ronca e espuma,
Qual no lago, enlaçada a cauda a um tronco,
Feroz sucuriúba horrida ronca [2]
Quando sente mover-se á flôr das aguas
Lontra ligeira, ou anta descuidada,
E inchando as fauces, a cabeça eleva,
Os queixos escancára, a lingua sólta,
Para de uma só vez tragar o amphibio.
Tal no pleito co'o Oceano o Amazonas
Para sorvel-o a larga foz medonha
Legoas abre setenta! A ingente lingua
Estende de tres vezes trinta milhas,
Como uma longa espada, que se embebe
Ao travez do Atlantico iracundo,
Que gemendo recúa no arremesso,
E em montes alquebrado o dorso enruga.
Armas que joga ao mar são grossos troncos
Arrancados na furia, são pedaços
De esbroadas montanhas que elle mina:
Seus gritos são trovões tão horrorosos,
Que alli parece submergir-se o mundo
Quando se incha seu corpo desmedido:

Equorea, espessa nuvem se levanta
Como uma chuva contra o céo erguida,
Reflectindo do sol os sete raios.
Tal o conquistador, que co'os despojos
Dos reis desthronisados se opulenta,
Ou co'os tributos dos vencidos povos,
Em pé firme no carro do combate,
Envolto n'uma nuvem de poeira,
Na frente vai levando debandada
Ingente alluvião de imigas hostes,
E ante as portas de bronze do castello
Nova victoria alterca porfiosa.

Da opposta parte, não tão magestoso,
Mas grande em sí, o Paraná se alonga
Da serra Mantiqueira, e cava, e afunda
Largo sulco nas terras que devassa;
Como escorregadiça, argentea estrada,
Obra sem par das mãos da Natureza,
Em prol dos filhos seus circumvisinhos,
No trajecto veloz se assenhoreia

De pingues, numerosos affluentes,
Té no Prata perder-se, ou dar-lhe origem.

Nesta vasta extensão do Eden terrestre
Se ostenta o céo tão lindo e tão sereno
Como os olhos da virgem, cuja mente
Erma está de amorosos pensamentos:
Tão crystallino e azul como um zimborio
De inteiriça turqueza, ou de saphira.
O ar é tão nectareo como o aroma
Que no dia nupcial o ardente esposo
Nos puros labios frûe da virgem noiva
Co'as primicias de amor, beijo suave!
E tão leda e garbosa a Natureza
Como as faces de riso salpicadas
De uma mãi que se expande entre os filhinhos,
Que innocentes meiguices lhe tributam.
Oh vós da Grecia deleitosos campos,
Onde o Alphèo e o Eurotas serpenteam,
E em cujas margens Dryades habitam!
Montes, que dais abrigo em vossos topes,

De loureiros á sombra, ás castas Musas,
Vós não assoberbais a magestade
Destes montes brasilios, destes bosques!
Desdenha este sumptuoso Paraiso
As sonhadas ficções da mente humana;
Malignos Faunos, pudibundas Nymphas
Nestas virgens florestas não vagueam:
Grande como sahio das mãos do Eterno,
A Natureza é tudo, e excede ao homem,
Que hade bem cedo emparelhar com ella!
Oh placido remanso!.. Aqui a mente
Repousa, e se deleita em contemplal-o;
E no intimo d'alma, que se espraia,
Resôa de seu Deos a voz cadente,
Como resôa em bosques de palmeiras
Vago sopro das auras matutinas.

Raças mil de homens livres sem cultura,
Cuja origem té hoje ignora o mundo,
Estes sertões outr'ora povoaram,
Antes que a industria e as artes, transplantadas

Pelas mãos do Europêo, aqui mudassem
Brutas pedras e troncos em cidades.
Mas quanto, oh Parahyba, quanto sangue
De innocentes indigenas primeiro
Tuas aguas tingio, regou teus campos!

Tu só, Religião sublime e santa
Do Deos por nosso amor martyrisado,
Tu só consolador oleo verteste
Nos ulcerados corações dos Indios.
Tu só com mão piedosa as almas cordas
D'harpa mysteriosa revolvendo
Milagrosos accentos extrahiste,
Que os filhos dos desertos encantaram,
E á tua grei os foram attrahindo.
Si as maravilhas tuas cantar posso,
Meu estro fortifica, aquece-o, anima-o
Co'uma brasa do teu sacro thurib'lo.

Oh! e porque tão frio, tão amargo

Pranto verteis, meus olhos magoados?
Tanto dos Indios vos contrista a sorte,
Ou dos nossos maiores a dureza
Com que á escravidão os reduziram?
A escravidão! .. oh céos! Quando do mundo
Tão grande crime fugirá p'ra sempre?
Máos, sim, nossos pais foram p'ra com elles.
Torpe ambição, infame crueldade
Os esforços mil vezes deslustraram
Dos primeiros colonos Lusitanos,
Que o amor do aureo metal e feios crimes
A estas virgens plagas conduziram.

Não, dos canhões não foi o echo estrondoso
Que ao Indio impoz terror; nem mesmo a morte;
Que mortes e trovões terror não causam
Aos filhos dos sertões á guerra affeitos,
Que livres deslisavam vida errante;
Foi sim o captiveiro, algemas foram,
Que alguns, ora colonos, de seus pulsos
Aos pulsos dos indigenas passaram;

Alguns, ora colonos, mas que outr'ora
Em Lisia réos infames se opprimiam
De empestadas prisões nos subterraneos.

Como preza a andorinha a liberdade,
E por instincto soe cantar errante,
Errante fabricar ligeiros ninhos;
E si no aereo carcere encerrada
Triste pende a cabeça, encolhe as azas,
Cala o trinado que soltava livre,
Rejeita tenue grão, suspira e morre:
Não menos estes filhos das florestas
Errante vida e liberdade estimam.
Ora aqui, ora alli erguem choupanas,
E onde frondosas arvores estendem
Pejados ramos de gostosos fructos,
Ahi é seu paiz, ahi se abrigam.

« Toda esta terra é nossa, e nunca falta
Terra para os mortaes. O passarinho

Que nos ares nasceo, nos ares vôa,
E nem n'um tronco só seu ninho tece;
Embora o tronco firme sobre a terra,
Supporte a chuva, e o sol, e o vento, e o raio;
Não tem membros o tronco que o transportem.
Mas nós homens, a quem Tupan deo tudo,
Nós, que livres nascemos nestes bosques,
Porque escravos agora nos faremos? »
Deste geito discorrem os selvagens.

Depois que as praias e os sertões brasilios,
Ribombando o trovão da artilharia
Repetiram taes sons—Tudo isto é nosso—
Viram-se os Indios sob o peso curvos
De asperrimos trabalhos, como brutos,
Que os Portuguezes brutos os julgavam,
Cantando ao som do látego incessante,
Mas cantico de dôr com voz de escravo.

Não mais, grotas, não mais em vós soára
O canto do homem livre!—A liberdade
Trocado havia em lucto as brancas vestes,

E só tristes gemidos exhalava;
Como o guará, que perde as alvas pennas [3]
E novas porém negras só lhe crescem,
E de tão lindo que era e tão garboso,
Adejando ligeiro á flôr do lago,
Co'o rostro ora ferindo-o, e contemplando
Sua imagem no meio de mil orbes,
Que iam delineando as moveis aguas;
Ora curvando a aquatica vergontea
Co'o peso de seu corpo, qual esbelta
Virgem que em bamba corda se embalança;
Ora emfim alongando o airoso collo
Como uma flauta eburnea, a voz soltava;
De tão lindo qu'elle era, se transforma
Em passaro funéreo, e fugitivo
Geme, como carpindo a perda sua,
E nem ousa mostrar-se envergonhado,
Até que o lucto em purpura se muda
Co'as plumas novas, que lhe crescem rubras.

Assim fugiste, oh cara liberdade,

De lucto envolta; e só com sangue agora
Te é dado o triumphar! — Ai, pobres Indios!
Uns faziam gemer a virgem terra
Co'os repetidos golpes das enxadas;
Outros nos densos mattos mutilavam
Arabutans, jacarandás, graûnas,
E os bosques rebramavam co'as pancadas
Resoantes dos machados: — parecia
Que de dôr se carpiam, por se verem
Roçados pelas mãos de homens escravos
Pela primeira vez; homens que outr'ora
Livres á sombra sua se acoutavam.
Outros emfim das abas das montanhas,
Sobre os despidos hombros já callosos,
Os lavrados esteios carregavam,
Que deviam erguer nascentes villas,
Para commodo só dos seus senhores.

Inda tudo não é; mesmo no centro
De incognitos sertões o Luso armado,
Como da destruição o infrene genio,

Levava o captiveiro, o horror, o estrago,
O incendio e a morte ás tabas indianas. [4]
Homens justos, apostolos de Christo,
Anchieta e seus irmãos em vão bradavam
Contra tão fera usança e ruim costume:
Conselhos de dever, de honra, que valem
P'ra as almas encharcadas na cobiça?

Aimbire, o mais audaz entre os Tamoyos,
Meditava projectos de vingança
Contra a Lusa colonia Vicentina,
Donde p'ra seus irmãos o mal saía.
De sertão em sertão, de taba em taba
Andava elle incansavel incitando
As tribus dos Tamoyos á revolta.
Já tinha percorrido as ferteis plagas
Que banha o Pirahy, e o Parahybuna;
Tinha já costeado a dextra margem
Do longo, caudaloso Parahyba;
E atravessado os campos e as montanhas
Que entre o Guandú e o Macahé se estendem:

Por toda a parte amigos encontrára,
Promptos como elle, para a grande empreza,
E todos de vingança sequiosos;
Que o presente cruel se lhes mostrava,
E o futuro peior; terrivel tudo.
O Indio verboso, e de subtil engenho,
Por afanosos trances amestrado,
Inda mais inflammando-lhes o odio,
P'ra vingança commum os colligava.

Só faltava-lhe o braço e a experiencia
Do ancião Pindobuçú; a elle corre,
Sóbe ao alto da Gavia, onde elle habita,
E o acha, oh dôr, em funebre apparato
Dando o eterno repouso a um caro filho.

Já o cadaver dentro da igaçaba, [5]
Com as guerreiras armas de que usára,
Tinha sido enterrado em funda cova.
De Comorim o irmão e os companheiros

Com lentos passos, e as cabeças curvas,
E os olhos para o chão, em pranto envoltos,
Já para a sepultura vão levando
Toscas pedras p'ra o tosco monumento.
O Cacique, sentado junto á cova,
Pousa a sinistra mão sobre a cabeça
Da filha, que soluça em seus joelhos,
E co'a dextra apertando a propria fronte,
P'ra o funereo moimento absorto attenta,
E como que sua alma além vagueia.

Aimbire chega, e pára; olha, examina;
Bate-lhe o coração; fallar não ousa.
Ao ver o velho assim, e ao lado a filha,
Parece adivinhar. . . Toma uma pedra
E a leva á sepultura: « Em paz descança,
(Diz) oh guerreiro, cujo nome ignoro;
Mas és Tamoyo, e amigos meus te choram.
Aqui teus ossos jazerão p'ra sempre
Sobre este monte, que me vio pequeno,
Após meu pai, andar sahís caçando,

Tão lindos qu'eu co'as pennas me enfeitava.
Lá diviso a Tijuca tão saudosa,
Cujas aguas bebi; nellas banhei-me.
Alli n'aquelle morro, onde se eleva
O Corcovado pincaro ventoso,
Doce e manso deslisa-se o Carioca,
A cujas margens minha mãi cantava
Tão mestos cantos, qu'eu chorando ouvia,
E ainda choro co'a lembrança delles.
Quantas vezes naquella escura varzea,
Onde o Catête saltitante corre,
Ouvindo o sabiá e o gaturamo,
Dormí, sonhei, aromas respirando
Co'aquelles ares puros que dão vida!
Aqui a baixo o Comorim se alarga, [6]
Onde eu pescava tantas vezes, tantas.
Terras em qu'eu nascí, como sois bellas!
Como és formoso, oh céo do Guanabara!
Mais azul do que as pennas d'ararùna!
E a vós eu volto e vos saudo em frente
De uma recente, pranteada campa,
De quem, não sei; talvez de algum amigo! »

Mal a voz — Comorim — soou ao velho,
Subito elle estremece; olha, procura
Reconhecer o incognito guerreiro
Que tal nome soltou. A voz lhe escuta,
Mede-o todo; e depois qu'elle se cala:
— Aimbire! não és tu?
— Sim sou Aimbire!
E o Cacique, lançando-se em seus braços,
O aperta contra o peito; encara-o e chora,
E de novo o aperta uma e mais vezes.

— Aimbire! tu aqui. . . Ah, quem te disse,
Como soubeste qu'eu perdi meu filho,
Teu amigo da infancia, o meu querido,
O meu bom Comorim?..
« Que! pois é elle?
Elle?.. o meu Comorim?.. é elle o morto
Que alli jaz?... Comorim: como morreste?
Tu tão moço, tão bravo, e tão robusto?
Quem um putumujú te não julgára, [7]
Em força, em duração, como em belleza?

Que raio te ferio antes de tempo?
Eu não sabia, ah, não... Quando cuidava
Poder hoje apertar-te nestes braços,
Contar-te minha vida, meus trabalhos,
Meus longos soffrimentos e desgraças,
Venho pôr um pedra em teu moimento!
Oh companheiro meu nos tenros jogos
Dessa idade feliz, que brilha e acaba,
Como a flôr da urumbeba, após deixando
Feio tronco, escabroso, e todo espinhos!
Quantas vezes amigos apostámos
Quem mais certeiro mandaria a flecha
O passaro ferir, alto pairando!
Quem mais veloz nadando, ou já correndo,
Primeiro chegaria ao dado termo.
Ou quem mais agil pendurado a um galho
Para o galho fronteiro se arrojára.
Como eu gostava de brincar comtigo!
E perdi-te! e não mais ver-te-hão meus olhos!
Como subindo alegre esta montanha,
Tão cheio de prazer e de esperanças,
Pensando tanto em ti, que vivo eu cria,

Não palpitou-me o coração presago;
Nem ouvi murmurar por entre o bosque
O echo de nenhum Maraguigana, [8]
Que este golpe fatal me annunciasse!
Ai! quanto custa a perda de um amigo,
De um bravo como tu! . . E eu inda vivo! »

O pai, o irmão, a irmã, os Indios todos
Enternecidos choram, vendo Aimbire,
E ouvindo-o deplorar do amigo a morte.
Queixas, lamentações longas soaram.
« Mas emfim, disse o velho, é tempo, oh filhos,
De deixar em repouso a quem não vive.
Pois que Aimbire aqui chega afadigado
De bem longe talvez, que se passaram
Tantos sóes sem noticias termos delle,
Vamos dar-lhe agasalho e algum repouso. »

« Não, disse Aimbire, não: quero primeiro
Que em torno destas pedras assentados

Me contes si em combate, ou de que modo
O bravo Comorim perdeo a vida. »

—Ai, exclama o Cacique, nenhum homem
Morreu ainda por mais nobre causa!
Era meu filho! E como morreria
Senão luctando tão audaz guerreiro!

« Apenas ha tres sóes que uns Emboabas, [9]
Dos que talvez na Bertióga habitam,
N'aquella praia em baixo appareceram.
Comorim e Iguassú tambem andavam
Nesse dia fatal por lá caçando:
Quem podia prever um mal tão grande?
Em quanto n'um momento, não cuidoso,
Meu filho pelo bosque se entranhára
Após um caitutú que lhe fugia,
Sua irmã, que aqui vês, linda e garbosa,
Que vence o sahixé na gentileza,
E excede o sabiá no meigo canto,

Cantando andava só, toda entretida
A colher uns ingás pela restinga;
P'ra mim ella os colhia; é seu costume
Sempre que sahe trazer-me alguma cousa.
Aquelles máos a viram tão sósinha,
E assim que a viram, cobiçando-a logo,
Quizeram agarral-a: ella, gritando,
Coitada! como a rôla perseguida,
Para o matto correo. Correram elles
Após como as igáras esfaimadas;
Mas ella, pelo irmão chamando sempre,
Mais ligeira do qu'elles lhes fugia.
Um mais audaz já quasi a segurava,
Quando o meu Comorim apparecendo,
Já co'o arco esticado e a flecha no alvo,
Com prompta morte atravessou-lhe o peito.
Outro, que vinha após, co'o braço alçado
Para lhe disparar troante bala,
Varado o braço, alli cahio bramando.
Era a ultima flecha, e já meu filho
Daquelle inutil braço ía arrancal-a,
P'ra mandal-a de novo a outro ousado.

Que vira mais além por entre os ramos,
Quando dous por detraz o aferraram,
E seus punhaes nas costas lhe embeberam.
Comorim, mesmo assim preso e ferido,
Curva-se um pouco, e subito se erguendo,
O corpo sacudio e os fortes braços,
E por terra atirou os dous contrarios:
Como ligeiro e forte era meu filho!
E agarrando-os depois pelos cabellos,
Dèo co'a cabeça de um contra a do outro,
Que batendo quebraram-se estalando,
Como estalam batendo as sapucaias!
Nenhum mais se mostrou: os mais fugiram.
Entretanto Iguassú vinha gritando,
Até que ao longe vio alguns Tamoyos,
Que a seus gritos pungentes acudiram,
E sabendo do caso logo foram
O irmão soccorrer. Porém, oh magoa!
Já longe do logar da feroz lucta
O acharam quasi exangue e semimorto.
Assim o filho aos hombros me trouxeram:
Assim nos braços o tomei chorando.

Ah meu filho! parece que o estou vendo!
Que não fiz eu para estancar-lhe o sangue,
Que das largas feridas se escoava!
Elle sem exhalar um só suspiro,
A dôr vencendo, desdenhando a morte,
Com voz segura, posto que difficil,
Póde contar-me o que narrado tenho.
Ninguem o vio gemer; senão que o digam?
Calou-se um pouco, e respirou com força;
Era a ultima vez que respirava,
E todo contrahindo-se: — Vingança! —
Disse, e morreo. . . E alli cahi sobre elle!
. . . .
Creio que muitos os malvados eram,
Porque os mortos no bosque não se acharam;
E no mar vio-se ao longe uma canôa
Grande, cheia e veloz, que ía fugindo.
Em vão alguns dos nossos a acossaram;
Tarde foram, e a noite protegeo-a. »

Mal que o velho acabou, Aimbire exclama:

« E p'ra quando guardais essa vingança
Que Comorim pedio no extremo arranco?
Não ouvís sua voz surgir da cova,
E de novo bradar—Vingança—amigos?! »

« Sabes (Parabuçú pergunta irado),
Sabes tu onde estão os companheiros
Dos vís que meu irmão assassinaram?
Dize onde elles estão, onde se escondem,
Que a vingança pedida tirar quero. »

« Onde estão? Tu perguntas? Pois não sabes
Onde estão os feroces Portuguezes,
Que nos roubam os filhos e as mulheres,
E matam nossos pais, irmãos e amigos?
Não sabes onde estão esses ingratos,
Que tomam nossa terra e nos perseguem,
E nos caçam e a escravos nos reduzem?

Stão em Piratininga, em Bertióga,
Onde Tibiriçá, opprobrio nosso,
Os Carijós e os Guayanás os servem.
Lá stão elles tranquillos, meditando
Em roubos, guerras, mortes e exterminio;
Lá stão elles pensando de que modo
Hão de aqui vir bem cedo p'ra vingar-se,
E roubar Iguassú, que lhes fugira.
Pois bem, eu tambem penso em extinguil-os.
Serás vingado, Comorim, eu juro
Por teu sangue innocente derramado;
Por minha mãi, que os vís assassinaram;
Por meu pai, que morreo no captiveiro;
Pela linda Iguassú, que defendeste,
E qu'eu defenderei de hoje em diante
Como irmão si quizer, ou como esposo,
Si ella e Pindobuçú me não desprezam!
Juro por este céo, por estes ares,
Por tudo quanto vejo, e pela lua
Que tomo em testemunha, e que me escuta;
Juro qu'heide vingar a tua morte,
Até que a tua voz me grite: — basta!

« Tamoyos, que me ouvís, tudo está prompto;
Todos estes sertões estão armados,
E por vós só esperam. Eia, armai-vos
Para a grande vingança, de nós digna:
Não ha prazer que ao da vingança iguale.
Comorim não quer lagrimas, quer sangue!
Não quer tristeza, quer furor e guerra!
Preparai-vos p'ra a guerra sanguinosa,
Qu'eu aviso vou dar ás tabas todas
Que vós sereis comnosco. Prometteis-me?
Quereis ser livres de uma vez p'ra sempre? »

—Sim, promettemos.—N'uma voz bradaram:
« Vingança e liberdade só queremos. »

« Pois bem: que agora os mortos sós descancem
Nas suas igaçabas; qu'eu repouso
Não quero até o dia da vingança. »

CANTO SEGUNDO.

ARGUMENTO.

Usos e costumes dos Tamoyos.—Seus principaes chefes: Aimbire, Pindobuçú, Parabuçú seu filho, Jagoanharo, Araray seu pai e irmão de Tibiriçá, Coaquira.—Conselho dos chefes.—Falla primeiro Jagoanharo como o mais moço.—Discurso de Aimbire.—Feitos mais importantes da sua vida.—Ataque da fortaleza de Villegagnon.—Como alli fôra Aimbire feito prisioneiro, e como se escapára da náo de Mem de Sá.—Anima os seus companheiros para a guerra; e manda Jagoanharo pedir a Tibiriçá seu tio que deixe a causa dos Portuguezes, e se ligue aos seus.—Todos o applaudem.

A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

CANTO SEGUNDO.

P'ra acabar co'os ataques reiterados
Dos Lusos, confederam-se os Tamoyos.
Bravos são os Tamoyos, e descendem
Da raça dos Tupís. Elles não erram
Sem tabas, nos sertões, como os terriveis
Feroces Aimorés, raça Tapuia.
Natural, inspirada poesia
De todos os distingue, os ennobrece,

E trataveis os torna, inda que altivos:
Crêm elles qu'esse dom, e as doces vozes,
A's puras aguas devem do Carioca.
Vasta extensão occupam do terreno
Que banha o Guanabara. As suas tribus
Se estendem desde as longas serranias
Que um orgão fingem, donde o nome tiram,
Até o Cairuçú, terror dos nautas.
Um Deos adoram, que dispara o raio,
E que pelo trovão aos homens falla:
Tupan se elle nomeia; os seus ministros
São os Payés, entre elles venerados.
Leis escriptas não tem; mas não lhes faltam
As leis da Natureza e as dos costumes,
Herdadas de seus pais. O mais idoso
E o mais forte é por chefe respeitado. [1]

Já todos os guerreiros se apercebem
De tacapes e maças de páo-ferro, [2]
Arcos robustos, e emplumadas flechas.

Aimbire, o forte Aimbire, apregoado
Entre todos os fortes pela audacia
Com que se arroja ás feras e as suffoca,
Aqui se mostra á frente dos Tamoyos,
Pelo voto geral primeiro chefe.
Aimbire desde a infancia se amestrára
A certeiro enviar co'a setta a morte;
Nem no rapido pulo lhe escapava
O jaguar mais ligeiro sobre a rocha;
Nem mesmo o gavião alto pairando,
Nem pequenino passaro burlavam
Da setta alada o infallivel tiro.
Fraldão tecido de encarnadas pennas,
Matizadas d'azul, que a arára imita,
A cintura lhe cinge. Do pescoço
Cahe o collar de dentes arrancados
Por suas mãos das boccas dos vencidos,
E tão amplo lhe cahe que o peito cobre.
Larga, escamosa, verdenegra pelle
De enorme jacaré, qu'elle matára,
As espadoas lhe veste. Tem na dextra
Uma de dentes de onça acha embutida,

Que de serra lhe serve e mortal arma.
C'roa-lhe a fronte um resplandor de pennas
Da côr do fulvo sol: obra apurada
De Iguassú, que lh'a dèo de amor em prenda,
Iguassú sua amante, e qu'elle espera
Tomar, finda esta guerra, por esposa.
Nem ao lado lhe falta grossa aljava,
Nem o arco robusto, que dous homens
Como nós a vergal-o suariam,
E em suas mãos porém facil se curva.

O ancião Pindobuçú de nobre aspecto
Sua taba conduz: elle se cobre
De negras plumas, que a tristeza exprimem
Pela morte do filho, qu'inda chora.
Parabuçú, de porte agigantado,
De pennas não se cobre; moço ainda
Quer espanto causar co'o horrido aspecto
Da figura: manchada, oncina pelle
Desde a cabeça, que no largo espaço
Das abertas mandibulas se enfia,

Até ao chão se estende: enorme casco
De tatú lhe defende o peito e o ventre;
De escudo outro lhe serve. Elle sobraça
A terrivel inúbia, que assignala [3]
A hora da investida e retirada.
Tão medonho trajar mais lhe realça
O corpo colossal e musculoso.
Pindobuçú, seu pai, que muito o ama,
N'elle de Comorim tem viva a imagem,
E nelle cifra o orgulho dos seus annos.

O altivo Jagoanharo, que alimenta
No grande coração nobre desejo
De vingar dos parentes o opprobrio,
Jagoanharo não falta a esta empreza;
Que no peito lhe ferve o amor da guerra,
E na mente um fulgor de arguto engenho.
A par d'elle Araray, seu pai, se encosta
Sobre um feixe ligado de arco e flechas,
Com triste aspecto, e sobresenho horrivel.

De sua fronte as rugas denotavam
Um profundo pezar; a bocca firme
Por um riso feroz tremia ás vezes.
Fixos os olhos rubros rutilavam:
Ressumbrava em seu rosto o horror do inferno,
Amor ardente de vingar insultos,
E a dôr de ir combater irmão e amigos.
Era Araray irmão do convertido
Chefe Tibiriçá, á fé chamado,
P'ra ser nestes sertões seu firme apoio:
Tibiriçá, que as armas empunhando
Dos Lusos em favor, em São-Vicente
Seu proprio irmão e amigos aguardava.
Jagoanharo e Araray ambos aos hombros
Tem de tamanduás rajadas pelles.
Elles conduzem a guerreira tribu,
Tão agil e amestrada que se engrimpa
Pelas mais broncas, ingremes montanhas,
E vence na carreira a veloz ema.

Outros chefes iguaes, de quem a historia

Os nomes occultou, os campos enchem
Co'as emplumadas hostes sagittarias.

E tu, Coaquira, em cuja fronte ondeam
As cans da longa idade; e em cuja mente,
Dada ás cousas divinas, arde o fogo
Da inspirada poesia; tu que escutas
Os trovões de Tupan, e os interpretas;
Tu que das serpes o veneno anihilas,
Que das plantas conheces as virtudes,
Mostrado és tu aqui como um amigo
Dos homens e do céo; por tua bocca
Suas ordens supremas se revelam

Nunca té-li os homens destas plagas
Armas tomaram para igual empreza;
Nunca tantas familias se ligaram,
Tantos guerreiros em commum se uniram.
Grande é a empreza, duvidosa a sorte.
Segundo a usança em decisivos casos,

Um concilio propõe o ancião Coaquira,
Em que o plano da guerra se debata,
E o certo meio da victoria se ache.

Approvam todos o dizer do velho,
E inúbias soam, convocando os chefes,
Que em circulo se formam, começando
Desde Coaquira, que mais sóes contava,
Té o mais moço descendendo em annos.
Todos armados como em guerra estavam,
Que inseparaveis são das feras armas
Os barbaros: taes foram sempre os Francos,
Taes dos desertos d'Asia os cavalleiros,
Os Tartaros, que até montados iam
Em seus corceis ao Curultai armados, [4]
Para as leis discutir de paz e guerra.

Rompe o silencio o joven Jagoanharo,
Que entre elles soem fallar primeiro os moços,
Em quem mais luz o engenho e o enthusiasmo,

Para depois se ouvir com mais proveito
Frios conselhos dos cabaes em annos.
Ufano por ser esta a vez primeira
Que tem de discorrer em grave assumpto,
Ar decisivo Jagoanharo ostenta:
« Vede esta pelle, que me cobre os hombros;
E' de um tamanduá, animal fraco,
Que não ousa atacar, mas que manhoso
Deitado espera o aggressor incauto,
E abraçando-o lhe crava as curvas garras.
Quereis vós imital-o na fraqueza?
Humildes receber novos insultos?
Esperar e luctar como cobardes,
Que jamais se apresentam flecha á flecha,
E com meios de industria só combatem? »

Disse: e com ar altivo olhou em torno,
E na terra cravou a ponta do arco.
De alegria signaes os moços deram,
E seu pai Araray, um pouco alçando
A tenebrosa fronte, parecia

Mais serenado da profunda magoa;
Fugaz sorriso lhe roçou os labios;
Tanto digno de si seu filho achára,
No porte egregio, e no dizer soberbo.

Nenhum joven fallar ousou diverso:
Visos de impaciencia os velhos davam,
Signaes de opposta ideia, receiosos
Que os moços desta vez prevalecessem.

O terrivel Aimbire percebia
Dos velhos o receio bem fundado;
E querendo accender n'elles a audacia,
E o furor roborar da juventude,
Começou a fallar d'esta maneira:

« Tupan lá do alto céo me escuta agora;
Elle vio o qu'eu vi, caso inaudito,
E de horror levantou ante seu rosto

Uma montanha enorme de átras nuvens,
Para a seus olhos esconder taes scenas.
Que tenho eu visto, e que soffrido tenho!
De vós, oh moços, o vigor conservo;
De vós, oh anciãos, tenho a experiencia
Colhida á custa de arduos sacrificios.
Porém mais que vós todos reunidos
Segredos aprendi de estranhas gentes:
Com ellas batalhei co'a setta e o raio,
E hoje o mysterio de Tupan conheço!
Tupan que se apresente, então veremos
Qual de nós dous melhor dispara o raio.
Eis o meu, não o escondo! » Isto dizendo
Tira do cinto uma pistola armada,
O braço estende, e para o céo dispara;
E a bala foi ferir uma ave negra,
Que no espaço mil gyros descrevendo,
Cahir veio a seus pés inda guinchando,
Quentes gottas de sangue sacudindo
Sobre a assombrada turma estupefacta.
Alvorota-se o campo; e quantos ouvem
O inopinado estrondo p'ra alli correm,

E em torno do concilio se amontoam,
Tendo todos os olhos sobre Aimbire.
Elle, immovel, co'o braço inda estendido,
Com ar vanglorioso a arma empunha
Porque do seu poder não se duvide.
Ninguem ousa fallar, até que Aimbire,
No cinto a arma guardando, assim prosegue:

« Inda a alma de meu pai, como um colibri
Em fria noite no seu ninho occulto,
Além não tinha das azues montanhas
Descido aos campos de eternaes deleites, [5]
Quando o mar arrojou em nossas praias
Homens de branca pelle e longas barbas,
Que posto filhos d'agua parecessem,
Fogo traidor os perfidos traziam.
Nós innocentes, do prodigio absortos,
Incautos, não prevendo o mal futuro,
Nossas plumas lhes demos, nossos fructos,
Nossas redes, e até arcos e flechas.
Como pagaram elles taes favores?

Bem depressa senhores se fizeram;
Em nossos bosques foram-se estendendo
Sempre de fogo contra nós armados.
Suas victimas fomos, seus escravos!
Nossas mãos dos sertões levaram troncos,
Ergueram seus casaes; e até por elles
Mil vezes contra os nossos combateram!
Oh dura ingratidão! Morrer por elles,
Sermos em nossa terra seus escravos,
E em troco só affrontas recebermos!
Oh dura ingratidão! O Aimoré fero,
Que d'agua tem horror, e sangue bebe;
O Aimoré, que co'o tigre rivalisa,
E a quem só praz a guerra e o sangue nosso,
Tanto horror, tanta infamia não pratica.
O Aimoré tem a côr dos Emboabas!
Eu mesmo lhes servi na flòr da vida,
Minhas mãos calejei, mandando a flecha
Seu sustento buscar no ar, nos bosques.
Meu pai morreo sem honras de guerreiro,
Sem funeral. Eu mesmo abri-lhe a cova
No logar em que ao sol se elle aquecia,

Quando o duro senhor folgas lhe dava.
P'ra não deixar sózinho o triste velho,
Com elle supportei o captiveiro.
Morreo meu pai, e eu livre abri caminho
Pelo sertão, em busca das cabanas
Dos meus antepassados, resoluto
A vingar de meu pai a morte infame.

« Sem chefe os meus dispersos vagueavam:
Soou entre elles: — E' chegado Aimbire!
E a milhares de bravos vi-me unido.
Contei-lhes tudo; e attentos e chorosos,
Ouvindo de meu pai o triste caso,
Todos quizeram ir buscar seus ossos,
E o sangue derramar do seu tyranno
Sobre o tumulo seu. Porém meu odio
Não se fartava com tão pouco sangue.
Eu queria vingar a minha terra,
E os restos de meu pai, e a mim, e a todos.
Queria de uma vez limpar p'ra sempre

Nossas florestas dessa raça espuria.
Não me faltava a audacia, mas a empreza,
Tão grande, superava ás nossas forças.
Que devia eu fazer? Minha vingança
Delongas não soffria... Nesse tempo
No Guanabara estava, n'um rochedo [6]
A raça branca de cabellos louros,
E de olhos côr do céo, tão nossa amiga,
Para a entrada impedir d'essa outra raça
De olhos, e barbas, e cabellos negros.
Em canôas metti-me, e os meus guerreiros,
E fui-lhe offerecer os nossos braços.
Como amigo o seu chefe recebeo-me;
Chamou-me seu irmão; e nesse instante
Dêo-me uma arma, que fogo de si lança,
E o segredo do raio revelou-me.
E o que cuidais, oh chefes? que este raio
Sempre está prompto? Não: quando lhe falta
Este pó negro, polvora chamado,
Que o fogo accende, e como o raio estronda,
Esta arma inutil fica. (E assim dizendo,
Vai mostrando o que diz). Mas nós podemos

As aljavas pejar de novas settas,
Fabricadas por nós, em quanto o matto
Duras cannas brotar, e as aves pennas:
Porém quando faltar este pó negro,
Que só alguns d'entre elles fazer sabem
Com muito tempo e custo, sem defeza
Nossos tyrannos ficarão vencidos.
Podeis marchar contra elles arrojados:
Os seus trovões não são Tupaçunangas,
Nem os seus raios são Tupaberabas. [7]

« Guerreiros, ante vós tendes Aimbire,
Que taes cousas conhece, e que não teme
O fogo e o raio de traidoras armas.
Aimbire vio de fogo o atroz combate,
E sem temor c'o a setta combatia
Contra os homens de fogo; e mais certeiro
Por entre o fumo a morte dardejava,
Em quanto cegos outros nada viam.
Valem mais nossas flechas que os seus raios.

« Guerreiros, escutai. Lá do rochedo
Que banha o Guanabara, onde abrigada
Estava a raça de celestes olhos,
Eu vi. . . como direi? . . . vi, não qual vemos
Co'os olhos descobertos; nada eu via,
Mas fizeram-me ver, oh que prodigio!
Ao travez d'um canudo, que apontado
Sobre as longinquas, invisiveis cousas,
As põe tão perto e tanto as engrandece,
Que cuidamos poder co'a mão tocal-as:
Por este modo eu vi na linha ao longe,
Onde se abaixa o céo e o mar se perde,
Uns vultos como passaros boiantes
De peito escuro, e longas, brancas azas.
— São portuguezas náos — gritaram todos:
Lá tremóla a bandeira portugueza!
Temos hoje combate. Ellas que venham,
Que não hão de voltar co'o mesmo vento.
E todos p'ra o combate se aprestavam.

« Entretanto as canôas monstruosas,

Cujas azas os ventos enfunavam,
P'ra nós se aproximavam, e nós todos
O combate esperavamos contentes.

« Era o tempo em que o sol abrasa tudo,
Em que as seccas florestas se incendiam,
E se extinguem as aguas das torrentes.

« Tendes ouvido como a serra ás vezes
Roncos medonhos solta do seu seio?
Como convulsos os penedos saltam
Do seu cume, e rolando se abalroam,
Troncos quebrando na arrojada queda?
Assim, oh chefes, foi o atroz combate!

« De ambos os lados raios sobre raios
Disparados, no ar se emmaranhavam;
Trovões sobre trovões tão repetidos
Ribombavam, que o mar todo tremia,

E erriçado em montanhas se elevava
Sobre o penedo, em colera bramando:
Tremia o céo, de fumo só coberto!
E o echo horrendo d'estes duros montes,
Que ia medonho ao longe resoando,
Era igual ao estridor da trovoada.

« Qual de vós não dissera que esses homens,
Que tanto estrondo e horror alli causavam,
Eram filhos do céo, ou do sol filhos,
Outros tantos Tupans que guerreavam!
E eu os via cahir feitos pedaços!

« Que estrago! oh que não sei como vos conte!
Nunca vi tanto sangue derramado!
Todo o rochedo em sangue se inundava,
Mil regatos de sangue ao mar corriam;
E o mar vermelho estava! — Entre cadav'res,
Braços, pernas, cabeças mutiladas,
Tropeçavam os vivos! . . Sobre as aguas

Muitos dos inimigos já feridos
Luctavam p'ra subir sobre as canôas,
Aos remos se agarravam, e uns e outros
Seguros mutua guerra se faziam.
Que confusão! que horror! que gritaria!
Tudo era fogo e fumo, e sangue e raiva!

« Uma chuva de ardentes, grossas balas,
Entre fuzis e turbilhões de fumo,
Do mar erguida, sobre nós cahindo,
As fileiras rompeo dos meus guerreiros;
Muitos corpos rolaram sem cabeças,
Muitos braços voaram pelos ares.
Cuidei alli ficar vivo enterrado
Entre montões de mortos e feridos.

« Duas vezes o sol surgio dos montes,
E com gritos de guerra foi saudado;
Duas vezes nas aguas mergulhou-se,
E incertos nos deixou no atroz conflicto,

Só sangue, e fumo, e fogo respirando.
Appareceo em fim o sol terceiro,
E já sobre o rochedo os Portuguezes
Braço a braço o terreno disputavam.
Ah quão feros são elles! Só Tamoyos
Em copia igual vencel-os poderiam.

« Qual foi o meu espanto ao ver com elles
Tupís e Carijós de setta armados,
E o bravo Cayoby á sua frente!
Cayoby! Cayoby! quem tal diria?
Então cego de colera investi-os,
E a morte semeei sobre essa raça,
Que deshonrava assim nossas florestas.
Minhas flechas além já se perdiam,
Tão perto elles estavam: dando um pulo,
Que a onça me invejára, puz-me entre elles,
E mais veloz que a onça abri caminho
Co'uma pesada maça, derrubando
Quantos se me antepunham: n'um momento

Junquei o chão de mortos e feridos.
Não sei quantos cahiram. Já fugiam,
Quando Tibiriçá, vestido e armado
A' maneira do barbaro inimigo,
E dos nossos irmãos sangue escorrendo,
Oh vergonha e horror! se apresentou-me,
Chamando por meu nome e o seu dizendo!
Só por essa arrogancia conheci-o,
Tão estranho e hediondo se mostrava!
—Oh perfido, bradei, do imigo as vestes
Não te cobrem da infamia!—Ia matal-o;
Oh desesperação!... Que não morresse!
Eis que uma grossa bala arrebatou-me
A maça, que esta mão tanto apertava,
Que um subito tremor tolheo-me o braço,
O corpo vacillou, o pé faltou-me,
E n'um lago de sangue revolvi-me.

« Ergui-me, mas fui preso; e como chefe
Não me fizeram mal, talvez cuidando

Qu'inda eu os serviria: e me levaram
Para uma das canôas monstruosas,
Onde depois entrou victorioso
Mem de Sá, cuja voz tudo ordenava.

« De longe eu vi a ensanguentada rocha,
Que testemunha fôra de meu brio,
E já nenhum dos meus a defendia,
Nem os amigos brancos, que invenciveis
Em seus muros de pedra se julgavam.
E eu chorei vendo-a assim, vendo-me preso.
Apezar da victoria, os Portuguezes
Da lucta porfiosa afadigados,
E irritados co'o sol, que os abrasava,
Repouso procuravam. Veio a noite,
E exceptuando alguns que vigiavam,
De um lado e d'outro armados passeando,
Os mais dormiam. Eu deitado estava,
Co'as mãos atadas para traz com cordas,
E olhando para o mar. Mais do que o corpo

Pesava-me a cabeça. Eu não podia
Por mais que me voltasse achar repouso.
Lavado de suor, tinto de sangue,
Furioso por me ver entre inimigos,
Sem saber qual seria o meu destino,
Resolvi-me a morrer, ou a salvar-me.
O guarda, que a meu lado passeava,
Parecia do somno ameaçado;
Bocejava a miudo, e a cada passo
Olhava para mim, como si eu fosse
Quem vigilante o somno lhe impedisse.
Não movi-me; e elle logo se encostando
N'um grosso tronco, que o trovão vomita,
Depressa adormeceo. De leve ergui-me;
Facil foi-me o passar p'ra adiante os braços,
E os fortes laços desatar co'os dentes.
Tomei-lhe esta arma, que a seu lado estava;
Já quasi acordando, ao mar lancei-o;
E eu após, p'ra evitar maior ruído,
Descí por uma corda, cahi n'agua,
E nadei p'ra o rochedo mais visinho.
Fui visto, e inuteis raios dispararam

Contra mim. No rochedo descançando,
De novo pelo mar abri caminho;
De rochedo em rochedo, e já sem forças,
Quando do mar o sol se levantava,
Tambem sahi do mar, e tomei terra.

« Como me achei então? Sem arco e flechas,
Devorado de fome e somnolento,
A meu pezar dormi. Ao despertar-me,
Lembrei-me do passado, e que não 'stava
Salvo de todo. Ergui-me, e caminhando
De fructos da floresta alimentei-me.
E logo quiz Tupan qu'eu me encontrasse
Com alguns escapados do rochedo,
Francezes e Tamoyos. Uns e outros
Com pasmo me abraçaram, perguntando
Como o perigo e o mar tinha eu vencido.
Contei-lhes tudo; e como esta arma inutil
Eu trazia no cinto, um dos Francezes
Da polvora que tinha um chifre dêo-me.

« Alli guerra jurámos, guerra eterna
A esses por quem nós tanto soffremos
Sobre o mar, sobre a terra: sangue, sangue,
Guerra, guerra, as florestas repetiram!
De paz não mais se falle! Guerra, guerra,
Commigo repeti, bravos Tamoyos!
Não ouvis os clamores de vingança
De nossos pais e irmãos qu'elles mataram?
Não ouvis que esta terra está pedindo
Que a livremos dos pés dos Portuguezes?
Quereis que um dia nossos filhos digam:
—Nossos pais foram vis, cobardes foram,
Defender não souberam nossas tabas,
Opprobrio e escravidão delles herdamos!?—
Não, não; tal não dirão: antes primeiro
Morramos todos nós; sim, antes morram
Velhos, moços, crianças e mulheres,
E os filhos qu'inda as mãis no ventre aquecem:
Todos morramos, sim, porém mostremos
Que sabemos morrer como Tamoyos,
Defendendo o que é nosso e a liberdade,
Que antepomos a tudo, e á propria vida.

« Eia, Tamoyos meus, antes que as aves
Amanhã se levantem de seus ninhos,
Nós devemos marchar; e ao mesmo tempo
Do inimigo arredar cautos tentemos
O opoio mais terrivel. Jagoanharo
Vá ver Tibiriçá; vá declarar-lhe
Que Araray seu irmão, a nós unido,
Em nome de seu pai lhe diz e pede
Que elle não deixe os seus pelos estranhos,
Que a terra e a liberdade nos roubaram.
Vai, Jagoanharo, vai: dize a teu tio
Que se arrependa, e venha honrar os ossos
Da mãi, que tanto o amava, e que chorára
Si o vira contra o irmão entre o inimigo:
Si a tão caras memorias e ao sobrinho
Tibiriçá resiste, Jagoanharo,
Dize-lhe emfim que nós nada tememos;
Que te mandámos lá por amor delle,
Por amor de Araray, não por fraqueza;
Que p'ra cobrir o mar temos canôas
Tantas, que vendo-as tremerá de espanto;
E tantos homens temos bem armados

Que podemos encher todo o seu campo,
E o ar escurecer co'as nossas flechas,
Como uma cerração pesada e negra. »

Calou-se e respirou, vibrando os olhos,
Que dous carvões accesos pareciam:
E todos com mil gritos applaudiram
Tão sabio parecer, tão grandes feitos
Do chefe sem igual, do heroe Tamoyo.
Em signal de alegria dispararam
Mil settas para o ar; e vozeando,
Os sons interrompiam n'um trinado,
Sobre as boccas batendo co'as mãos ambas.
Nem mais aos anciãos ouvir quizeram;
Nem elles em contrario votos tinham.
Coaquira, o mais idoso, era o primeiro
Que plena approvação a tudo dava.

Qual nas plagas felizes do Janeiro,
Por entre os coruchеos das serranias,

Quando ás vezes o sol mais resplandece,
E os passarinhos ledos esvoaçam,
Se eleva o furacão inesperado,
Que vai comsigo arripiando as nuvens,
E esbarra contra os pincaros, bramando
Co'o medonho estridor da trovoada;
Tal foi a vozeria dos Tamoyos,
Quando Aimbire poz termo ao seu discurso.

CANTO TERCEIRO.

ARGUMENTO.

Terminado o concilio, occupam-se por modos varios os moços, as mulheres e as crianças.—Responde Aimbire ás perguntas que lhe fazem ácêrca dos Europeos.—Quem era Villegagnon.—Apparecem alguns Francezes conhecidos de Aimbire.—São bem recebidos.—Ernesto e Potira se enamoram.—Pede aquelle á Aimbire que lhe conceda a mão da filha.—Este o promette para depois da guerra.—Hymno guerreiro.—O banquete da despedida.—Amores de Aimbire e Iguassú.—Dialogo dos dous amantes.

A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

CANTO TERCEIRO.

Terminado o concilio, guerra, guerra,
Os Tamoyos unísonos bradaram,
Como si todos elles não formassem
Senão um homem só, uma só bocca.

Já dos bosques escuros e dos montes
Projectavam-se as sombras p'ra o oriente,

E a doce viração embalsamada,
Por entre os verdes ramos susurrando,
Vinha seus frescos sôpros espargindo.
Brilhavam no occidente argenteas nuvens
Sobre ondas d'ouro e purpurinas faxas;
E as aves renovavam seus gorgeios
Em despedida ao sol, que transmontava.

Era o tempo em que o bello cajueiro,
Cujos frondosos ramos o chão tocam,
Se ia tornando avaro de seus fructos,
Que ostentam do carmim e do ouro as mesclas,
E de verdes castanhas se coroam.
Chorava o tronco seu lagrimas de ambar,
Que umas sobre outras em crystaes pendiam;
Desta resina o pó n'agua solvido
É para os Indios grata medicina
De balsamico aroma; de seus fructos
Fabricam elles precioso nectar;
E quem mais talhas tem d'este aureo vinho,
Mais rico se reputa entre os selvagens.

Destas formosas arvores copadas
Coberto estava o campo, em que os Tamoyos
Erguiam as cabanas de taquára,
Com tectos de sapê e de palmeiras,
Que vinte a mais pessoas abrigavam.
Dos esteios pendiam largas rêdes
De fio de tucum, que ao linho iguala:
Nestas rêdes repousam, nellas dormem,
Nellas gemendo deitam-se os maridos
Quando as mulheres dão á luz os filhos,
Como se elles p'ra si a dôr tomassem;
Em quanto ellas airosas e robustas
Ao serviço domestico se entregam.
Tanto o habito póde sobre a gente!

Das cabanas nos angulos se viam
Os fructos da estação, e as igaçabas
De licores diversos abundantes.

Em quanto as criancinhas se divertem

Correndo pelo campo, e outras se amestram
A disparar a setta contra os troncos,
Estão as velhas preparando as carnes,
Já expondo-as ao sol, já sobre brasas,
Já com outros diversos artificios.
Outras cavam o chão, e nos buracos
Lançam a carne ou peixe envolto em folhas;
Depois de terra os cobrem, sobre a terra
Fogo accendem, e dest'arte as carnes torram:
E a isto dão de biariby o nome.

Em quanto no domestico exercicio
Se occupam as mulheres, pelos campos
Os fructos da estação os homens colhem
Para o grande banquete: outros apostam,
Resupinos deitados sobre a terra,
Quem mais destro fará subir ás nuvens
A setta, que voltando traz a presa,
Que nem no ar voando ao tiro escapa.

A um grosso tronco reclinado Aimbire,
E ladeado dos chefes, que o interrogam,

Vai respondendo a quantos lhe perguntam
Sobre os costumes dessa gente estranha,
E o que mais vira na tomada ilheta,
Que de Villegagnon conserva o nome.

Era Villegagnon manhoso e ousado
Cavalleiro Francez, que de Calvino
Ostentava seguir a nova seita,
P'ra ter de Coligny o certo apoio
Na ambição desmedida que o movia;
Mas com todos traidor cuidava o impio
Poder com vís enganos e perfidias
Novo Imperio fundar nestas devezas,
A qu'elle—França Antarctica—chamava.
Mas faltava ao Francez aventuroso
Constancia igual ao plano agigantado;
Faltava-lhe inda mais a fé sincera
De quem attinge á ideia, não ao lucro.

Por Lery e Richer, com quem tratára,

Tinha sido o Tamoyo iniciado
Nos pontos principaes da lei de Christo:
E desses dous zelosos calvinistas
Grata lembrança o Indio conservava.

Narrava Aimbire os usos e os costumes
Dos homens do outro pólo; e como adoram
A um Deos Trino e invisivel, que governa
Tudo o que existe, e que de si tirára
Só com esta palavra poderosa:
—Faça-se!—e tudo fez-se ao seu mandado.
Como vendo esse Deos o mal dos homens,
Mandou Jesus seu filho p'ra ensinar-lhes
O caminho do bem e da verdade:
Mas os homens ingratos o mataram.
« Esse Filho de Deos, dizia Aimbire,
Só ensinou aos homens que se amassem,
Que fossem todos como irmãos e amigos.
Elles confessam isso, elles o adoram;
Mas por tudo qu'eu vi, pelo que fazem,
Creio que de seu Deos as leis aprendem

P'ra calcal-as melhor, e não cumpril-as.
Vede como são máos os Emboabas,
E o que esperar podemos de taes homens. »

Nisto vio-se brilhar por entre a selva
Um clarão, que nos ares se movia:
—Quem será?—Todos gritam n'um momento:
E os esparsos guerreiros acudindo,
Em ordem de combate se formaram.
Soou um brado ao longe, e o echo ouvio-se
De um clarim, instrumento estranho a muitos,
Que de pavor encheo as almas fracas,
Cuidando ser algum Maraguigana,
Que já viesse annunciar-lhes morte.
Mas o audaz Aimbire, em cujo peito
Não palpitava o medo, assim lhes brada:
« Ou sejam Anhangás, ou sejam homens, [1]
Amigos ou contrarios, aqui firmes
Esperemos sem medo. Por ventura
Tão fracos sereis vós como as mulheres,
Que fogem só co'a sombra do perigo? »

Soou de novo o lugubre instrumento;
E o destro Aimbire, já no chão deitado,
E co'o ouvido applicado sobre a terra,
Pôde melhor ouvir o som longinquo,
E logo, dando um pulo, alegre brada:
« Homens são, pela voz eu os conheço!
São do rochedo os bravos companheiros:
Rindo e cantando vem! E' gente amiga,
Que vem unir-se a nós; eu a esperava. »

Gritos de almo prazer soltaram todos,
E as selvas resoaram de alegria.
Correndo em confusão receber foram
Os de Aimbire tão caros companheiros.

Mal se encontram na taba, entre os applausos
De quantos já por elles esperavam,
Para Aimbire os Francezes se dirigem;

E o principal d'entre elles abraçando
O chefe da cohorte Americana,
Na lingua do paiz lhe diz: « Amigos,
Eis-nos todos aqui para ajudar-vos,
P'ra vencer ou morrer a vosso lado.
P'ra a guerra estamos promptos, si p'ra guerra
Hoje vos preparais. Os nossos braços
Por vós dardejarão ardentes raios
Contra os vossos insanos inimigos.
Se vingar pretendeis os frios ossos
De vossos pais e amigos, dos insultos
Dos feros Portuguezes, concedei-nos
A gloria de verter o nosso sangue
Em tão sublime empreza, que adoptamos
Como si o mesmo céo nascer nos visse. »

Então o bravo chefe dos Tamoyos
Dest'arte replicou: « Chegais a tempo;
Ha bem pouco brilhava o sol nos montes,
E ouvio-me celebrar os grandes feitos

Do rochedo, em que juntos pelejámos.
Não sois estranhos, não, a esta gente,
Que já vos considera como amigos.
Em vós o coração desmente a pelle,
Cuja côr nos tem sido tão funesta.
Os raios vossos nos serão propicios
Contra os nossos crueis perseguidores.
Vinde: nossas cabanas vos esperam,
Do nosso vinho bebereis comnosco
No banquete frugal de despedida.
Si da marcha chegais afadigados,
Nossas rèdes p'ra vós estão suspensas:
E nem vos faltarão gentis mulheres,
Que alegres velarão a vosso lado,
Á gloria de servir-vos aspirando. »

Agradeceram elles a seu modo
Tão grato acolhimento, e para o campo
Entre applausos geraes se encaminharam.
Alguns mais folgazões e galhofeiros
Iam garganteando, ou já pulando,

Com que mais aos Tamoyos alegravam,
Que mui amantes são do canto e dansa.

Eis chegam: logo um côro de donzellas
De coma flutuante, e mal cobertas
Co'um tecido de pennas de tucano,
Tão esbeltas no talhe que venciam
As mais bellas palmeiras destes bosques,
Ante elles assomando graciosas
Lhes offertam em cúias coloridas
O ardente nanauy, e outros diversos [2]
Saborosos licores, que ellas mesmas
De fermentados fructos extrahiram.

« Sejais bem vindos, dizem; para servir-vos
Aqui nos tendes, bravos estrangeiros. »
E nisto os vão das armas despojando,
E dos pesados mantos embebidos
De poeira e suor. — « Vinde comnosco,
Lavai nesta agua pura as mãos e o rosto,

E si o corpo vos pede algum descanço,
Nas nossas rêdes repousai tranquillos. »

« Afadigada foi nossa viagem
Por incultas veredas, disse um delles
Que a lingua do paiz melhor fallava:
Mas quem póde trocar grata vigilia,
No meio do festim dos homens livres,
E á sombra d'estas arvores amigas,
Pelo somno, que irmão do esquecimento,
Vos viria roubar aos nossos olhos!
Olhos cheios de imagens deleitosas
Só cançados de ver ao somno cedem.
Deixai, gentis meninas, que elles gozem
Das graças naturaes do vosso porte:
Qu'elles nadando em ondas de ternura
Fixados sobre vós se fartem hoje
De um prazer, que talvez bem pouco dure. »

Como apraz o louvor! Quão gratas soam

As meigas expressões! Nem da espessura
As virgens, pouco affeitas a taes mimos,
Desdenhosas se agastam escutando-as!
E' feminil instincto o ouvir finezas,
Que, se amor não inspiram, nunca offendem.

— Como te chamas, estrangeiro amavel?
Com terna voz pergunta uma das moças,
Em quem mais juventude resplendia,
E que á frente das outras se ostentava
Tal como o chupa-flòr entre as mais aves.

« Meu pai chamou-me Ernesto em minha infancia;
Porém na tua terra me nomeiam
Cabellos de guará: tu vês a causa. »

« Pois eu te chamarei Guaraciaba, [3]
Que co'o sol teus cabellos rivalisam.
Agora se saber queres meu nome,

Vai perguntar a Aimbire, que primeiro
Vio-me os olhos abrir á luz do dia,
Quando em seus braços paternaes tomou-me
Das mãos de minha mãi, que já não vive. »

Aimbire, que taes cousas escutava
Ao lado de Iguassú, chega-se á filha,
Aperta-lhe a cabeça contra o peito,
E enternecido diz-lhe: « Filha minha,
De meu primeiro amor unico fructo,
De tua mãi herdaste o nome e as graças;
Em ti folgo de ver minha Potira,
Potira qu'eu amei como amo a aljava,
O arco e as settas, que meu pai deixou-me;
Potira qu'eu amei como amo os bosques
Que me viram nascer, e a liberdade
Por quem hei de morrer armado em guerra;
Potira qu'eu amei, e cujos olhos
Suspenso e amoroso me traziam.
Mas ella me deixou! Ah! entre as pedras
Sobre a terra que a cobre amontoadas

Cresce o verde capim e a flôr do campo,
Que talvez de seu corpo a vida bebam.
Potira te chamei, oh filha minha,
Viva imagem d'aquella qu'eu amava.
Só tens uma rival na formosura:
E' a minha Iguassú: ambas tão bellas
Como um sahy de um guanumby ao lado. [4]
Que guerreiro haverá que te mereça?
Feliz daquelle para quem volveres
De amor os olhos fluctuando em ondas,
Feliz daquelle para quem tu mesma
O cauim preparares, e a quem deres
Filhos, que ao menos no valor me igualem. »

« Sim, mil vezes feliz! — Ernesto exclama.
E si a côr de meu rosto merecesse
O que já mereceram meus cabellos,
Agora afouto lhe off'recêra a dextra;
Qu'inda não vi mais bella creatura,
Gestos mais senhorís, olhos mais negros,
Olhar mais terno, mais mimosa bocca,

Onde um sorriso meigo e pudibundo
Suave amor nos corações embebe. »

Sorrio-se o pai, e affabil lhe responde:
« Si o sol dêo sua côr aos teus cabellos,
Como nos dêo á pelle, tambem póde
Com seus raios crestar a côr da lua,
Que afogueada brilha no teu rosto,
E em trevas converter-te a coma de ouro.
Não serás o primeiro de côr branca
Que se enlace a uma virgem destes bosques.
Contente desde já te concedêra
A formosa Potira por esposa,
Si eu por Tupan jurado não tivesse
Que a nenhuma mulher eu me uniria,
Nem esposo daria á minha filha,
Em quanto de meu pai os frios ossos
Fossem calcados pelos pés dos Lusos. »

« Bem! exclama o Francez, dás-me esperança.

Bem! Meu braço unirei aos vossos braços,
E pela mesma causa luctaremos;
E si vencermos, como espero, oh dita!
De Potira serei fiel esposo. »

Para a guerra porém marchar não podem
Sem que primeiro tenham celebrado
Da despedida a festa.—Á festa—bradam
Com unanime voz os chefes todos:
—Á festa! á festa!—os Indios lhes respondem.
Dá Coaquira o signal, e de repente
Troam todas as bellicas inubias,
Marraques e urucás: o echo estrondoso [5]
Como o rugido de enraivadas feras
Os valles repercutem: mil volateis,
Aos ninhos seus fugindo amedrontados,
Sem tino pelos ares esvoaçam,
Como as folhas das comas arrancadas
Pelos ventos nos ares remoinham.

Ao clangoroso som dos instrumentos,
Que foi pelos desertos retinindo,

Succede alto silencio. Então Coaquira
Sobre um combro de terra se levanta,
P'ra que seja de todos visto e ouvido,
E a ponta do seu arco no chão crava.
Uma alva cúia de inimigo craneo,
De licor espumante transbordando,
Aos labios chega e a esgota: eis de improviso
Sacro fogo as entranhas lhe devora;
Inflammam-se-lhe os olhos, e se envolvem
N'uma auréola de sangue; as cans mescladas
Esparsas se arripiam sobre a fronte
Como hirsutos espinhos; dentes rangem,
Franze-se a testa, as faces se intumecem;
Arqueja o peito, e todo o corpo treme,
Como si um calafrio o sacudisse.

Momento é esse em que no céo sereno
Placida alveja a lua; e ao indio vate
Com pallido clarão branquea o rosto.
As fogueiras, que em torno em chammas ardem,
Escarlates reflexos n'elle imprimem

Co'o pallor do planeta contrastando.
Mal perturba o silencio das fileiras
O brando sopro das nocturnas auras,
Que as folhas estremecem murmurando.
Oh que sagrado horror nos peitos lavra
De quantos alli 'stão! Do vate o aspecto
E' de um phantasma que apparece em sonhos,
Ou dos genios malignos que se antolham
Em solitaria noite ao peregrino.

Olhos espavoridos pelo campo
Elle vibra, e depois na lua os fita.
Descruza os braços e p'ra o céo os ergue;
Bronzea, tonante voz, rouca e medonha,
Sóbe do peito aos labios arquejando,
E troveja este cantico de guerra:

« Gloria, gloria a Tupan! Sua voz trôe
Desde a cabana erguida na montanha
Té nos covís reconditos das feras.

« O céo é de Tupan, a terra é nossa;
Nossos pais a regaram com seu sangue;
A nós toca morrer para vingal-os.

« Nossos pais livres foram, e temidos
Dos Aimorés terriveis, que só comem
Crua carne, e só quente sangue bebem.

« Do que nos servem mãos, arcos e flechas,
Si o fero Portuguez impune calca
Nossa terra, e captiva nossos filhos?

« Pais, mulheres, irmãos, filhos e amigos,
Ou são a nossos olhos fulminados,
Ou escravos vão ser dos Emboabas.

« Ah não! Ligeiras pernas, braços fortes,
Iremos abrazar suas cabanas,
Sem medo dos trovões, sem temer raios. »

Dança ligeira traçam os Tamoyos
Em torno de Coaquira, repetindo:

« O céo é de Tupan, a terra é nossa;
Nossos pais a regaram com seu sangue;
A nós toca morrer para vingal-os. »

De nova inspiração accesa a mente,
O bardo dos Tamoyos continua:

« Noite é esta talvez a derradeira
Para muitos de nós, em que nos veja
A lua em branda paz estar folgando.

« O sol hade amanhã dourar os grêlos
Das palmeiras do monte; e nós armados
Já marchando p'ra guerra o saudaremos.

« Eia, dancemos hoje; eia, bebamos
Entre nossas mulheres, nossos filhos,
Que amanhã só de guerra pensaremos.

« Por nós temos Tupan! Eia, no sangue
Do inimigo lavemos nosso opprobrio,
E seus corpos que fiquem sobre a terra.

« A terra os repudie de seu seio;
Só negros urubús sobre elles pastem;
E morra co'o vapor quem enterral-os.

« De herdada valentia exemplo novo
A nossos filhos demos. Morra o fraco
Que a morte de seu pai vingar não sabe. »

Pára espumando o trovador Tamoyo,
E arrobado em deliquio cahe por terra.
Gyrando o côro á roda delle canta:

« O céo é de Tupan, a terra é nossa;
Nossos pais a regaram com seu sangue;
Á nós toca morrer para vingal-os. »

Das inubias ao som termina o canto;
Cessa a dança, e o banquete principia.

De mão em mão já plenas cúias passam
De licores balsamicos, que excitam
O olfacto, o paladar, e a propria vista;
Licores pelos Indios extrahidos
Do sumo do ananaz delicioso,
Do aipim e do cajú, que a sêde aplaca,
E refrigera o mal do amor impuro,
Mimo fatal das Venus Européas,
Que a America até-lí não conhecia.
Em festival, opiparo banquete
O polido Europêo não desdenhára
Taes licores gostar em taças de ouro.
Tostadas carnes de mui varias caças,

Sêccas umas ao sol, outras torradas,
Co'o pó do cumarí mais saborosas,
Servem de refeição, regalo aos Indios,
E aos amigos Francezes que os imitam.
Grandes jurupirás, bellas garoupas,
Torrados camarões, fructas aos montes,
O appetite voraz tudo consume.
De comer e beber já muitos cançam:
Alguns, por tantos vinhos excitados,
Dão-se a gargantear toscas endechas;
E ao som dessas monotonas cantigas,
Que os vapés sonorosos acompanham,
Dançando alongam da vigilia os gozos.
Geral contentamento o campo anima.
Porém ao quadro o aspecto a aurora muda
Quando nuncia vem ser da despedida:
Da despedida, oh céo! quão dura é ella!
Ah diga-o quem tiver de amante o peito,
De mãi o coração, alma de amigo.

Alli ao lado do guerreiro esposo

Terna esposa se mostra muda e triste,
Carregando em seus braços dous penhores,
Que ella aleita e amima; outros em torno
Em brincos innocentes correm, pulam,
Ou se apoiam-lhe ás pernas, e as abraçam:
Assim de artista celebre inspirado
Destro cinzel esculpe em duro marmor
Bella estatua, que aos olhos representa
A maternal Natura caridosa.

Velha mãi alli 'stá, e um pai annoso,
Que o bravo filho abraçam, e só pedem
Que honre sua velhice, e antes fique
Para pasto de abutres sobre o campo,
Do que sem gloria volte, e sem que augmente
O collar que o pescoço lhe guarnece.

Mas em momento tal quem ha que iguale
A formosa Iguassú na acerba angustia
Da saudade, que o peito lhe agrilhôa?

O funebre fanal, que a noite aclara,
Entre milhões de estrellas moribundas,
Quasi ao termo tocava de extinguir-se,
Qual lampada que d'oleo vai minguando;
E ao lado de Iguassú, que não dormíra,
Ainda Aimbire estava. Elle dest'arte,
Disfarçando o pezar que o opprimia,
Consolar procurava a terna amante,
De cujos negros olhos borbulhavam
Como perolas lagrimas continuas,
Que elle com beijos ternos enxugava.

« Oh de Pindobuçú amavel filha,
A Aimbire destinada; olha, querida,
Como se apaga e desparece a lua
Quando sobre ella negra nuvem passa!
Assim co'o pensamento de deixar-te
O fogo de meu animo se extingue.
Vês como o calumby co'a noite murcha!
Assim meu coração de dòr se encolhe
N'este momento que p'ra mim é noite,

Apezar de que o dia vem nascendo,
E já o calumby desdobra as folhas.
Mas de guerreiro pai filho guerreiro,
Amigo de teu pai e teu amante,
Dos Tamoyos a injuria vingar devo.
Eu me ausento de ti: mas ah! quão cara
Vai aos nossos crueis perseguidores
Esta ausencia custar! Suas cabanas
Serão por nossas mãos incendiadas,
Devorados seus campos, e seus filhos
Mesmo á vista dos pais e dos parentes
Sem piedade serão estrangulados,
Para acalmar a sêde de vingança.
Dessa raça feroz seguindo o exemplo,
Implacavel serei exterminando-a. »

Iguassú que tal ouve se arripia:
« Não mates, não, Aimbire, os innocentes
Filhinhos d'esses homens, que banhados
São ao nascer em agua mysteriosa.
Tu mesmo me contaste, que elles dizem

Que quem matar tão debeis creaturas
Abrazado será lá n'outra vida.
Elles são do seu Deos tão protegidos
Que os raios e os trovões lhes obedecem,
E se escondem nas suas espingardas.
Tão forte é o seu Deos, que até parece
Que Tupan o respeita e o adora. »

« Adore-o quem quizer, qu'eu não o adoro! »
Já em furor Aimbire lhe responde:
« Nem elle, nem Tupan, quanto mais homens
Affrontar poderão a tempestade
De flechas, que obumbrar vai o seu campo.
Braços de Aimbire, procellosos braços,
Acaso alguma vez frouxos tremestes
Canguçús e giboyas subjugando?
Alguma vez tremestes quando a morte
Em cada setta aos Lusos enviastes?
Porque não fartarei a minha raiva
Com todo o sangue do inimigo odioso?
Bella Iguassú, por mim nada receies;

Faze como eu, não creias nos inventos
Com que busca essa gente amedrontar-nos. »

« És grande, és forte, Aimbire! — diz-lhe a moça.
Desculpa o meu temor tão mal fundado;
Mas zelo foi de amor. Vai, oh guerreiro
Em tua valentia assaz confio.
Vai, defende os Tamoyos. Vai, triumpha,
Ou morre exterminando a impia raça
Dos nossos oppressores. Vai: si acaso
Minha imagem seguir-te no combate,
Não esmoreças, não; investe ousado,
Estica o arco e a flecha, e a morte envia
Com toda a força do teu braço ingente.
Vai, Aimbire-guassú, ao lado marcha
Do ancião Pindobuçú, e como filho
Véla sempre sobre elle: inda que forte,
Meu pai é como o tronco solitario,
Que aos ventos resistio das tempestades;
Mas abalado jaz, e pende e murcha:
Sete vezes das mãos os dedos conta

Que tem visto dos bosques os coqueiros
Com seus cachos de côcos enfeitados.
Vai, e volta com elle; e nestes braços
Terás de esposa a paz e a recompensa.

CANTO QUARTO.

ARGUMENTO.

A aurora.—A partida.—Melancolia de Iguassú.—Seu cantico saudoso repetido pelo echo.—Marcha dos guerreiros pelos bosques virgens.—Durante a noite fazem fogueiras para afugentar as feras, e deitam-se nos ramos das arvores.—Lucta das jararacas com o fogo.—Apparecimento do Payé.—Temor dos Indios.—Discurso do Payé aconselhando-os a desistir da empreza.—Aimbire se lhe oppõe.—Extraordinario sortilegio da Tangapema.—Conjura Aimbire o fatal annuncio, e ameaça o Payé.—Desapparece este sem que se saiba como.

A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

CANTO QUARTO.

Já da noite os negrumes se extinguiam.
O sol que extensas vira Eôas plagas,
Que a terra lhe mostrára no seu gyro,
De assomar no brasilico horizonte
Mesmo ao longe se mostra jubiloso.
Como é sublime o alvorecer da aurora
Nestes formosos climas! Já seu rosto
Rutila entre essas colossaes montanhas,

Que em fórma de pyramides se elevam,
Ou de egypcias columnas, sustentando
Nos verdes capiteis de eternos bosques
O vastissimo tecto de saphira.
Rôxas, purpureas nuvens, d'ouro orladas,
Se curvam, se ensanefam e arcos formam,
Que ao triumphante sol entrada ampliam.
É hora da partida! A sensitiva,
Que da noite o langor emmurchecêra,
Se desperta, e desdobra as verdes folhas.
Das palmeiras os grelos como lanças
Igneas lampejam co'o fulgor diurno,
E o aroma matinal o campo exhala.
É hora da partída! Bramam feras
Nos covis do deserto; o hymno de gloria
Ao Creador entôa a Natureza,
E a voz lhe cadenceia o alado côro,
Que alegre pelas cômas verdejantes,
Antes de ir procurar seu alimento,
Com suaves gorgeios e trinados
Parece graças dar á Providencia,
E aos homens ensinar a dar-lhe graças.

É hora da partida! Sim, é hora!
Já rouquejam dos chefes as inubias,
E nos valles os sons o echo prolonga,
Dos tardos olhos repellindo o somno.

Mal do somno despertos os guerreiros
Da terra se levantam; estiriçam
Os braços, e tres vezes as cabeças
Emplumadas sacodem: assim vê-se
Vasta planicie de flexiveis cannas,
As verdes folhas agitando, erguer-se
Quando se enfreia o vento que as curvára.

Ás costas cada qual suspende a aljava
Pejada de farpadas, leves flechas,
E o arco sobraçando, a maça empunha.
Outros sopesam galhos guarnecidos
De candido algodão e sèccas palhas,
Com que do inimigo aos campos mandam
Pelos ares o incendio, o estrago, e a morte.

Por incultas veredas mal trilhadas,
Luctando co'os sipós que os emmaranham,
Os Tamoyos belligeros caminham
Seguidos dos Francezes alliados,
Tão poucos, que talvez de cem não passem.

Marcham das tribus na vanguarda os chefes,
E ante todos soberbo Aimbire assoma.
Do exercito na cauda horrendas velhas
Enrugadas, medonhas como espectros,
Nuas, pintadas do verniz vermelho
Do fructo do urucú, e matizadas
De listas transversaes ou angulosas,
Amarellas e negras, vivas cores
Que tiram do assafrão e genipapo,
Sobre bordões se curvam, e carregam
Os potes de cauím, tão grato aos Indios.

Sobre o cume de um monte alcantilado,
Assentada Iguassú contemplativa,

Nas mãos pousando o queixo, a coma esparsa,
Negra, lustrosa, em ondas fluctuantes,
Vê ao longe o exercito sumir-se,
Ora outeiros subindo, ora descendo,
E entre os dos bosques corpulentos troncos
Arbustos os guerreiros lhe parecem.

Ruim melancolia lhe agrilhôa
O coração immerso na tristeza.
De copada aroeira em verde ramo
Modúla o sabiá canções de amores
Com magicos accentos da saudade;
Canções que embebem n'alma o abatimento,
Branda, terna affeição, langor suave,
Que quasi a vida extingue entre delicias;
Canções, direi melhor, que a alma extasiam,
E do corpo mortal arrebatando-a,
Ao vago espaço a sobem, e a sublimam
Ás puras regiões de excelsos gozos.
Que coração ha hí já tão quebrado,
Tão vazio de amor, ou já tão duro,

Cujas cordas não vibrem doces echos,
Quando o canoro sabiá gorgeia
Seu canto matinal por entre as selvas?
Que coração ha hí petrificado,
Que allivio não encontre quando exhala
A dôr sua em tristissimos suspiros,
Em cantos repassados de amargura?

Canta, oh virgem dos bosques olhinegra!
Canta, oh bella Iguassú! canta, acompanha
O terno sabiá, que te convida.
Ah doce é o cantar! remedio é prompto
Que d'alma aos seios sóbe, e a magoa abranda
Do malfadado coração que chora.
Tal da papoula o expandido aroma
Entorpece o aguilhão que o peito punge,
E n'alma ideias gera deleitosas.

« Só, eis-me aqui no cimo da montanha,
Dos meus abandonada; como um tronco
Despido, inutil no alto da collina,
A que os ramos quebrou Tupan co'a flecha.

« Só, eis-me aqui, do velho pai ausente,
Ausente do querido bem amado;
Como viuva rôla solitaria
Em deserto areal seu mal carpindo.

« Inda hoje o caro pai vi a meu lado,
Inda hoje o amante eu vi! . . . Fugiram ambos
Velozes como os cervos da floresta:
Já fui feliz, mas hoje desgraçada! »

E os echos responderam:— desgraçada!

« Desgraçada! . . . E inda vivo? Antes á guerra
O pai e o bravo amante acompanhasse:
Ouvindo sua voz, seu rosto vendo,
Acabar a seu lado melhor fôra. »

E os echos responderam:— melhor fôra!

« Genios, que as grotas povoais, e os valles;
Genios, que repetís os meus accentos;
Ide, e do amado murmurai no ouvido
Que a amante sua de saudade morre. »

E os echos responderam:—morre... morre!

Morre... morre! soou por longo tempo.
O canto cala um pouco a triste moça,
Murmurando dos echos o estribilho,
Como si algum presagio concebesse.
Os negros olhos de chorar cançados
Co'as mãos enxuga; mas de novo estanques
Lagrimas brotam, que lhe o peito aljofram,
Como goteja em bagas abundantes
De fendida tabóca a pura lympha.

O sabiá de ouvil-a enterneceo-se;
E como si algum genio o inspirasse,

Ouvindo-a modular tristes endechas
Tão cortadas de dôr, calou seu canto:
Ou talvez que julgando-se vencido,
Não podendo imitar tão doce gamma,
Mudo aprendesse a gorgear mais terno.
E quem conhece os intimos mysterios
Da vida, e dos instinctos de taes entes,
P'ra affirmar ou negar o que parece?
Suspendendo ella o canto, elle replica
Com mais grata e escolhida melodia.

Por um momento a solitaria o escuta;
Crava os olhos no céo menos chorosos;
Suspira e geme, e continúa o canto:
E temendo que os echos lhe respondam,
Em meia voz começa compassada.

« Porque tão cedo, oh sol, hoje raiaste?
Porque flammejas como accesas brazas?
Ah! tu me queimas: teu calor modera,
Que na marcha os guerreiros enlanguece.

« Desta terra que é tua, destes bosques
Que o grão Tamandaré depois das aguas [1]
Do diluvio plantára p'ra seus filhos,
Hoje os Tamoyos em defesa marcham.

« Tamandaré foi pai dos avós nossos;
Sempre Tamandaré a ti foi caro;
Tu, oh sol, o aqueceste na velhice;
Aquece os filhos seus; mas ah! não tanto.

« Olhos meus, de chorar cançados olhos,
Que tendes mais que ver? Já se sumiram
N'aquelles densos bosques os guerreiros
Entre os ariribás e as sapucaias.

« Nada mais vejo que prazer me cause.
Só estou sobre a terra; vinde, oh feras!
Não ha quem me defenda: vinde, ao menos
Menos dura é a morte que a saudade.

« Sim, morrerei. . . » E mais dizer não póde:
Em meio de um gemido a voz faltou-lhe.
Os labios lhe tremiam convulsivos
Como flores batidas pelos ventos.
Cruza os braços no collo, os olhos cerra,
Pende a fronte, e no peito o queixo apoia,
As derretidas perlas entornando:
Tal n'um jardim a candida açucena,
De matutino orvalho o calix cheio,
Si o zephyro a bafeja, a fronte inclina,
Puros crystaes em lagrimas vertendo.
Não sei si dorme, ou si respira ainda;
Mas parece entre pedras bella estatua.
O sol que ao resurgir a vio chorosa,
Nesse mesmo logar chorosa a deixa.

Entretanto os Tamoyos vão vingando
Altas serras pejadas de cabiúnas,
Cupahibas, jacuás e sucupiras;
E descendo já lassos da fadiga,
Chegam co'a tarde n'uma varzea amena,

Plantada pelas mãos da Natureza.
Curta é a varzea, e um bosque além começa.
Negreja o oriente, e rôxas nuvens
De fogo orladas pelo céo vagueam.
Parece o occidente um mar de sangue,
Com vagas de ouro; o sol nada no meio
Como um pharol acceso ou igneo escudo,
Que ao longe seus reverberos reflecte.
Um vapor azulado se deslisa
Sobre o vasto horizonte: ao longe os montes
Quaes saphiras se ostentam sotopostas
A inflammados rubins. Toda a floresta
Representa uma nuvem condensada
Sobre a terra, da côr da violeta,
E aureo effluvio sobre ella se evapora.

Nunca humano pincel pôde a Natura
Ao vivo retratar: ella n'uma hora
Por magico poder taes quadros fórma,
E o homem de pintal-os desespera.
Vinde saudar a virgem Natureza,

Oh artistas da Europa encanecida!
Vinde inspirar-vos neste Paraiso,
Que de humano artificio não carece
Para mostrar-se grandioso e bello.

Cantor sublime dos brasilios bosques,
Que fazes dos pinceis que a Natureza
Com tanto amor te dêo? Caro Araujo, [2]
Tu que pintando o que tão bem descreves
Com essa alma de fogo, que se abrasa
N'um volcão de arrojados pensamentos,
Crear podias maravilhas d'arte,
Que a par dos versos teus mais te exaltassem,
Porque não mostras quanto póde o engenho,
Que esta Patria accendeo p'ra gloria sua?

Espessa é a floresta, emmaranhada
De parasitas mil que se entrelaçam,
Pelos troncos se enroscam como serpes,
E abraçando-os lhes sorvem força e vida

Co'a seve de que nutrem-se vorazes;
Como dos reis os tredos lisongeiros
Tanto lhes pesam, tanto mal lhes fazem.

Cabal rio, de longe dimanado,
A floresta divide em duas partes.
Repousa a escuridão sobre esses tectos
De apinhoadas folhas de mil ramos
De mil diversas arvores gigantes,
Cujas flores os ares embalsamam.
Como errantes estrellas relampejam
Phosphoricos insectos, aclarando
O horror da escuridão: ora alinhados
Luminosas serpentes se afiguram;
Ora n'um só logar, como um chuveiro
Seu pallido clarão juntos soltando
Vão fingindo relampago longinquo,
Que das nuvens rebenta e se evapora;
Ora em chusmas pousados nas colmêas,
Que pendem de altos troncos, representam
Illuminadas cúpolas dos templos,

Que em noite festival nos ares brilham
Sobre os escuros tectos das cidades.
Desta negra mansão o horror redobra
O funebre clamor da voz nocturna,
O echo dos ventos que entre as folhas gemem,
O echo do rio que o trovão simula,
E lento se prolonga reboando;
E o echo inda mais funebre e monótono,
Como o som do martello sobre a incude,
Da immovel araponga, que soluça [3]
De ancião jequitibá na altiva coma.
Esta é a voz da Natureza em luto,
Voz terrivel que os homens apavora,
E a ideia lhes desperta do infinito.

Temem os Indios de arrojar-se ao rio
Em horas tão sinistras; e a seu modo
Co'um sêcco e duro páo n'outro encravando,
Como quem atarracha um parafuso,
Desenvolvem calor, e a flamma surge
Como por força magica ateada:

Que ao homem, inda que bruto, jamais falta
P'ra o que mais lhe é mister a intelligencia.
Aqui e alli em circulo levantam
Cem fogueiras que as feras afugentem,
E dest'arte seguros e tranquillos
Sobem aos troncos, e entre os ramos buscam
Leito p'ra o somno, asylo contra as feras.

Já tudo dorme emfim, é alta noite.
O fogo despertou as jararacas,
Inimigas do fogo, que dormiam.
Eil-as silvando vem, o fogo investem,
Debatem-se com elle; ora recuam,
Erguem-se inchadas, cahem sobre as fogueiras;
Esta já salta, e a cauda o chão açouta;
Aquella gyra no ar como um corisco;
Ora em torno se arrastam, té que o extinguem.
Só esparsos carvões e cinzas restam.
Quaes, luctando co'as brazas, se queimaram;
Quaes feridas, co'a dôr no chão se enroscam,

Mordendo a terra, e orbes descrevendo;
Quaes vão aos seus covís victoriosas.

Começa a noite a declinar. Um echo
Na espessura resôa, rouco e surdo,
Como echo do buzio. O horror se espalha,
De sobresalto o somno se interrompe;
Despertam-se os guerreiros, receiosos
Que os malignos genios Macacheras,
E os ruins Juruparís os acommettam. [4]
Uns tomados de medo cahem dos troncos,
E nem ousam da terra erguer as frontes;
Outros espavoridos, como estatuas
Estão immoveis, mudos escutando.
De novo perto estruge o som medonho,
E se repete pela vez terceira.
No mesmo instante um funebre gemido
Vai entre os negros troncos sibilando,
Como o guincho do mocho entre ruinas;
E dous lumes a par, de fumo envoltos,
Que os olhos lembram de infernaes duendes

Pela mente febril phantasiados,
Ora aqui, ora alli erram na selva,
Até que da cohorte em frente estacam.
A luz surge das orbitas de um craneo
Suspenso n'uma flecha: é a lanterna
Horrenda dos Payés, que nestas plagas
De sortilegio usando o medo incutem;
Que onde falta a verdade o embuste avulta.

« É Payé! » N'uma voz todos bradaram.
« É Payé! » Cada bocca pronuncia.
Batendo estão os corações de medo,
E os olhos todos no Payé pregados.

Eil-o, alto e mirrado, e bem parece
De magico poder mumia animada,
Que da terra surgira, ou do profundo!
Disseras qu'essa pelle crespa e sêcca,
Como a cortiça de já velho tronco,
Sobre ossos descarnados se amoldára.

« Filhos destes sertões, brada o agoureiro,
Eis o vosso Payé, que vos procura!
Velho Coaquira, destemido Aimbire,
Como dos meus conselhos não cuidosos,
Tão afoutos p'ra guerra duvidosa
Ides, sem minha voz ouvir primeiro?
E quereis que Tupan por vós combata,
Quando do seu Payé, que em vós só pensa,
Em continuo jejum na gruta escura,
Não consultais a magica sciencia?
Como filhos vos amo; e si estes olhos,
Sêccos como o meu corpo, inda tivessem
Alguma occulta lagrima, ver-me-hias
Na minha dôr vertel-a neste instante.
Oh filhos meus! que males vos aguardam!
Que males, ai de mim!... e inda heide eu vel-os!
Feliz eu si primeiro em minha gruta
Para sempre meus olhos se fechassem.

« Estes annosos troncos, tão antigos

Como Tamandaré; estas florestas
A cuja sombra nossos pais dormiram
O socegado somno do homem livre,
Vão ser em breve a cinzas reduzidas
Por essas mãos iniquas, sempre armadas
De mortal fogo contra vós, incautos,
Contra vós, que co'amor os recebestes!
Fugi, Tamoyos meus; fugi, deixai-lhes
De Nitheroy as margens deleitosas,
Que elles invejam tanto; e onde pretendem
Á custa vossa apascentar seu ocio,
E erguer co'as vossas mãos suas cidades.
Deixai-lhes estas varzeas tão regadas
De aguas tão doces, e estes verdes mattos
Onde colheis o cambucá gostoso,
O odoroso ananaz, e a grumixama.
Tudo deixai-lhes, sim; fugi, mas livres,
Que a par da liberdade tudo é nada,
E aqui sereis escravos. Desta terra,
Que já vossa não é, pois que seus olhos
Passaram por aqui, tirai sómente
De vossos pais os ossos, que os não pisem

Os pés de tão ferozes inimigos.
Ide, e tirai da terra as igaçabas
Que esses ossos encerram; e com ellas
Vamos todos, além dos grandes serros,
Procurar outra terra mais longinqua,
Outros sertões mais invios, outros rios
Mais caudalosos, e outro céo mais puro. »

« E onde? brada Aimbire acceso em ira,
Como si o inferno lhe estourasse n'alma:
E onde, estulto velho, onde acharemos
O céo de Nitheroy? As ferteis plagas
Do nosso Parahyba? E as doces aguas
Do saudoso Carioca, que suavisam
Dos cantores a voz melodiosa?
Tudo deixar? . . . Fugir? . . . Mas tu deliras!
Fugir? . . . Que Curupira malfazejo
Inspirou-te tão baixos pensamentos? [5]
Fugir! sem combater?... Quem?... Nós, Tamoyos?!
Ferve-te acaso o cajuhy nas veias,

Ou perturba-te o fumo que se exhala
Do queimado tabaco nesse craneo,
Que fincado ahi tens sobre essa flecha?
E onde iremos nós, que nos não sigam
Esses que cuidam não caber na terra,
E toda a terra querem e o mar todo?
Que rios caudalosos, que altos serros
De amparo servirão ás nossas tabas,
Si elles canôas tem e pés ligeiros?
Em que sertões iremos acoutar-nos,
Como as tapiras que de tudo fogem? [6]
E onde livres, e em paz esconderemos
Esses ossos de nossos pais guerreiros,
Que temendo estão já que os revolvamos?
Ossos de nossos pais! estai tranquillos:
Não temais que os Tamoyos vos aviltem,
E da terra em que estais vos tirem hoje,
Para entregal-a ao barbaro estrangeiro.
Não fugiremos, não. Dizei, Tamoyos,
Dizei: quereis fugir? »
« Queremos guerra;
Guerra, e só guerra. » Unisonos bradaram.

« Ouves? ouves, Payé? (Aimbire exclama
De prazer exultando). Ouves o grito
Que ainda forte sôa? . . . Já conheces
Que gente vai aqui? Que mais tu queres?
Que nos dizes agora? Ah! já te calas! »

Após breve silencio, o agoureiro
Com voz pesada diz: « Pois bem, Tamoyos,
Vosso valor o animo me exalta.
Vamos ver si Tupan, que vos escuta,
Quererá proteger vossas fadigas. »

Assim dizendo o Aruspice dos bosques
Deixa em pé a lanterna pavorosa;
Toma duas forquilhas de páo sêcco,
Como tesouras, e com força as finca
No duro chão, defronte uma da outra
Tres palmos de distancia: após sobre ellas

Deita e amarra com torcida embira
Uma clava de pennas enfeitada,
A que chamam os Indios Tangapema.

Tendo assim preparado o sortilegio,
Chama p'ra junto a si os tocadores
De cangoeira, instrumento de ossos feito,
Que os cabellos erriça co'os sibilos.
—Tocai, dançai comigo.—Eil-o que dança
Em torno á Tangapema; e já dançando,
Seguem-lhe os passos muitos dos Tamoyos,
Pelo infernal concerto arrebatados.
Mais que todos as velhas se revolvem,
E em côro a feias bruxas se assemelham.
Cada vez mais a mais se anima a orchestra,
E cada vez a dança mais se anima;
Como um confuso rodopio rapido
De violento uracão que gyra e zune.
Mais celeros não são os Dervis d'Asia
No rodante bailar religioso,
Com que o grande Allah honrar pretendem.

Amainando já vai a estranha dança;
Já vão minguando os circulos valsantes;
Tontos e frouxos já repousam muitos,
Até que em fim cançados todos param,
E em torno ao feiticeiro se acocoram,
Como egypcias estatuas de granito.
Só elle inda volteia, possuido
De algum demonio, que lhe agita os membros.
Que diabolicos gestos, que tripudios,
Que esgares faz, os olhos não tirando
Da magica armadilha! Já lhe banha
Todo o corpo o suor em grossas bagas.
Com rouca voz e sons interrompidos,
Que parece o bulhão d'agua que ferve,
Não sei que tetro canto sybillino,
Que horrenda evocação stá murmurando.
Nunca em Delphos a Pythia assim tão cheia
Do deos que a enfurecia, e tão convulsa
Sobre a sagrada tripode arquejando
Soltou com voz confusa o seu orac'lo.
Só se lhe ouve dizer:—Mando eu que posso;
Quero e mando: obedece, Macachera!—

Pela terceira vez isto dizendo,
Como certo de ser obedecido,
Incha as bochechas, firma os olhos rubros,
E tres vezes assopra a Tangapema.
Oh infernal prodigio! Eis de repente
Sobre as forquilhas estremece a clava,
Como sobre o altar do sacrificio
A victima estremece quando o ferro
Lhe abre o ventre e as entranhas lhe revolve,
P'ra dar algum presagio ao Adevinho.
Estalam, arrebentam-se as embiras,
Sem que visivel mão a clava toque.
Eil-a já solta das prisões que a atavam,
E em torno a si gyrando, ao céo se eleva
N'uma linha espiral que a prumo sóbe,
Deixando boqui-aberta o vulgo ignaro.
Só Aimbire de colera roxeia,
E espera conjurar o vaticinio
Si contrario elle fòr ao seu intento.

Sóbe a clava zunindo como a pedra
Pela funda com força arremessada:

Sóbe, e tão alto vai que no ar se some.
Mas volta... eil-a que vem... traz sangue! É certo!
Onde foi ella? Donde vem? Quem sabe?
Vem toda ensanguentada!. . . Mas parece,
Pelo rumo que segue, cahir deve
Distante das forquilhas. . . Máo presagio!
Aimbire, qu'isso vê, inda de longe,
E teme o effeito do fatal annuncio,
Dispara incontinente alada flecha,
Que a vai ferir nos ares, e trazel-a
Para onde elle quiz. A flecha e a clava,
Uma encravada n'outra, ambas já descem,
E entre as forquilhas cahem. Aimbire exulta!
Mas o velho Payé horrorisado:
« Impio (exclama)! Tu vês? Vês tu? Entendes
O que isto quer dizer? »
—« Sim; muito sangue
Temos de derramar. Sim; a victoria
É certa para nós. . . Vai-te, agoureiro,
Se a vida te não pesa, e aqui não queres
Ter a sorte da tua Tangapema.
Vai-te, que é tempo de marchar p'ra a guerra. »

Disse Aimbire; e um susurro se levanta
Entre os guerreiros, p'ra marchar já promptos.
Os Francezes pasmados do que viram,
Como explicar não sabem tal prodigio.
Que mysterios são estes da Natura, [7]
Que os olhos vêem e a sciencia repudía?
Seria uma illusão? ou caso estranho
De occulta força, que a sciencia ignora?

Sumio-se o feiticeiro: não se sabe
Si ao rio se arrojou, ou si escondeo-se
No bojo de algum tronco carcomido,
Ninhos de serpes que o Payé não teme.
Crêm alguns que elle aos ares se elevára
Entre os vapores do queimado fumo;
Outros, que a terra por seu pé batida,
Abrindo-se convulsa, o engulíra.

O crer é d'alma natural instincto,
Que da sciencia ás duvidas resiste.

E no que não crerão homens tão brutos,
Se muitos dos que tem a luz de Christo
Crêm, e ensinam a crer em taes prodigios?
E que homem tem da omnisciencia a chave,
Que os arcanos penetre do invisivel,
E a verdade de Deos, luz immutavel,
Mostre á proscripta raça dos humanos,
Condemnada a não ver a realidade?

CANTO QUINTO.

ARGUMENTO.

Chega Jagoanharo a S. Vicente em procura de Tibiriçá.—Alguns Indios lhe mostram da porta de uma igreja o Cacique, que dentro estava orando.—Attrahido por aquelle espectaculo não visto, e pelos canticos religiosos, entra Jagoanharo na igreja, e insensivelmente se ajoelha ao lado do tio.—Findas as preces, erguendo-se ambos, reconhece o Cacique o sobrinho, e dá graças a Deos, cuidando que elle o procura para baptisar-se.—Leva-o á casa, e pelo caminho lhe vai mostrando as cousas mais notaveis da recente villa.—Convida-o a jantar á maneira de um senhor Portuguez, sendo servido pelos de sua nação, com o que se escandalisa o sobrinho.—Dá-lhe este a embaixada, e questionam por longo tempo.—Narra Tibiriçá as tradições dos seus antepassados, e conclue em favor do seu novo estado.—Não se convence o sobrinho.—Trata o tio de seduzil-o com presentes e promessas.—Jagoanharo tudo recusa; e cançados ambos se entregam ao somno.

A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

CANTO QUINTO.

A canôa em que fôra Jagoanharo
Por mandado de Aimbire a São-Vicente,
Já das aguas vencendo a correnteza,
Tinha chegado á ilha desejada,
Onde o mancebo impavido esperava
Achar Tibiriçá, dar-lhe a mensagem.

O Indio embaixador chegando á praia
De Tacaré, que jaz vizinha á villa,
De que foi fundador Martim Affonso,
Soube de uns Guayanás, que conhecêra,
Onde achar poderia o seu Cacique.
Um delles o guiou da igreja á porta,
E de fóra o mostrou, que de joelhos
Com grande devoção orando estava.

Cantavam os neophytos em côro,
Separados os homens das mulheres,
E o venerando Anchieta os dirigia.

Jagoanharo esperava; mas suspenso,
Ouvindo os echos dos sagrados hymnos,
Que o sanctuario enchiam de harmonia,
P'ra dentro olhou: e curioso e attento,
Sem sentir pouco a pouco foi entrando

Pelo encanto da musica attrahido,
Até que a par do tio ajoelhou-se.

Os altares de flores enfeitados,
As tochas e as alampadas accesas,
O odor do incenso, os cantos que soavam
Ao som de nunca ouvidos instrumentos;
Todo aquelle apparato jamais visto
De tal maneira fascinado o tinha,
Qu'elle olhando p'ra o tio foi erguendo
As mãos postas p'ra o céo, e parecia
Mais que todos contrito penitente.
Tibiriçá, que attento o altar fitava,
Só quando as sacras preces terminaram
Erguendo-se encarou com Jagoanharo,
E attonito ficou com tal sorpresa.

« Como! disse elle, aqui!... Tu a meu lado!
Na casa do Senhor!... Feliz si buscas
O baptismo e a fé!... E quão ditoso

Serei eu si me escolhes por padrinho!
E teu pai? . . . Meu irmão, onde está elle?
Desejará tambem vir humilhar-se
Aos pés do altar do Redemptor do mundo?
Falla, sobrinho, dize. . . Mas primeiro
Quero, por ver-te aqui tão bem disposto
A receber a luz de Jesus Christo,
Dar graças a meu Deos. » E assim dizendo,
De novo se ajoelha, os braços abre,
E porque Jagoanharo o comprehenda,
Recíta em lingua Túpica um verseto,
Que o zeloso Anchieta compozera:
« Gloria ao unico Deos, ao Pai Eterno!
A ti, Senhor, que em tua alta bondade
Brilhar fizeste a luz entre os gentios;
E por teus sacerdotes nos mandaste
A verdade de Christo, e os bens da graça. »
E assim dizendo beija a cruz de Christo,
Que do collo lhe pende em rubra fita,
Premio do seu valor no fero ataque
Do forte Coligny contra os Francezes.
Depois: « Vamos agora, disse, vamos

Em casa repousar: lá quero ouvir-te,
E noticias saber da nossa gente.

Em caminho lhe foi mostrando as cousas
Mais dignas de attenção na nova villa:
« Aqui moram, dizia, os santos padres,
A quem devemos tanto; elles ensinam
O caminho de Deos aos nossos filhos,
E só em fazer bem vivem pensando;
E tão humanos são, e amigos nossos,
Que só por isso os seus já os odeiam.
Não são como os Payés, que vos enganam
Com embustes e vans feitiçarias.

« Eis a casa do bom Martim Affonso,
Meu padrinho, e senhor do que estás vendo.
Elle aqui não está, que o Rei mandou-o
Governar outros povos mui distantes,
Lá onde além dos mares nasce o dia.
Todos estes sertões que atravessaste

Desde o Paranaguá, terras e rios,
Até o Macahé, tudo isto é delle,
Que o nosso Rei lhe dêo, que é seu amigo. »

— « E quem dêo, o mancebo lhe pergunta,
E quem dêo a esse Rei a terra nossa,
Para tiral-a a nós, que aqui nascemos,
E dal-a a seu prazer aos seus amigos? »

« O Rei, lhe volta o tio, não precisa
Que ninguem lhe dê nada; tudo é delle.
O Rei tira, o Rei dá, o Rei é dono
Das terras e do mar: é senhor nosso. »

— « Então o Rei, replica-lhe o sobrinho,
É mais do que Tupan? Desejo vel-o! »

« Si é mais do que Tupan! brada o Cacique:
O que é Tupan? Deos é que póde tudo.
E depois delle o Rei; o resto é nada. . .
Mas não, tambem os padres podem muito. »

— « Dize, e o Rei come e bebe, e tambem morre? »
« Sim, come, bebe, e morre. »
—Então é homem!
Promptamente o selvagem lhe retorque.

« Homem, sim; mas de Deos na terra imagem,
E curvar-nos devemos a seu mando.

« Vês tu aquella casa? Alli habita
O Portuguez Ramalho, que é meu genro:
Has de vel-o, e a mulher, e os meus netinhos. »
Isto mostrando o chefe convertido,
Só não mostrou o carcere da villa,

Onde, como animaes, os pobres Indios
Á fome, á sêde, e á força se amansavam.

Nisto passou, no meio de uma escolta,
Um grupo de selvagens, que amarrados
Vinham a dous em dous, e as criancinhas
Das mãis nos hombros: pobres creaturas,
Á traição dos seus bosques arrancadas,
Um duro captiveiro as esperava.
Bem os vio Jagoanharo, e nada disse,
Mas os labios mordeo, voltando o rosto.

Já em casa chegados, o Cacique,
Crendo o sobrinho não tão bronco e fero,
Quiz grandeza ostentar ante seus olhos,
E co'o aspecto do luxo seduzil-o.
Convida-o a comer em mesa ornada
Com todo o apparato e louçania
De um senhor Portuguez d'aquelles tempos.
Por alguns Guayanás servidos eram.

— « Quem são estes, pergunta o Indio inculto,
Que em quanto nós comemos assentados,
Tão humildes estão em pé servindo?
São acaso inimigos prisioneiros? »
« São da minha nação, volta-lhe o tio,
Soldados Guayanás, meus camaradas. »
Ouvindo tal com pasmo e quasi iroso
Já o mancebo ergue-se; mas prudente
Disfarçou seu despeito, e com frieza
Disse: « Então uns aqui servem aos outros,
Sendo todos amigos e guerreiros?
E como tu tambem os Portuguezes
Pelos nossos irmãos serão servidos? »
Razões mui sociaes dèo-lhe o Cacique
D'aquella differença e jerarchia,
Necessaria ao governo e á boa ordem.
Mas não quiz o selvagem convencer-se.
Findo o brodio, o soberbo mensageiro
P'ra um lado leva o tio, e assim lhe falla:

« Devo agora dizer-te qual a causa

Que me fez procurar-te entre inimigos,
Expondo a minha vida p'ra salvar-te.
Teu irmão Araray, e o grande Aimbire,
Chefe geral de todos os Tamoyos,
Pindobuçú, Coaquira, e mais guerreiros,
Por mim mandam dizer-te que elles promptos,
Armados e já perto, estão dispostos,
Com tantos arcos que parece um matto,
A vingar as affrontas, que incessantes
Estes vís Emboabas lhes tem feito.
Mas meu pai quiz primeiro qu'eu viesse
Por tua mãi pedir teu forte apoio.
Muito lhe dóe o ver-te tão contrario
Á tua terra e aos teus. Esperam todos
Que um Guayaná, Cacique, e tão valente,
Não arme o braço seu contra os amigos,
Contra seu proprio irmão, contra o sobrinho,
Em defesa dos máos que nos perseguem;
E tão máos, tão crueis, que até odeiam
Esses bons padres, como tu disseste,
Que só em fazer bem vivem pensando!
Vê que taes elles são!... Co'a nossa gente

Marcham alguns Francezes, que os conhecem,
Que o mesmo Deos adoram, e nos dizem
Serem na sua terra os Portuguezes
Taes como os Aimorés nos nossos bosques.
Dize tu mesmo, e crês que na crueza
Os Aimorés com elles rivalisem,
Ou que as onças ferozes os igualem?
Temos razão, ou não, de aborrecel-os?
Que Guayaná valente, ou que Tamoyo
Poderá ser amigo de tal gente?
Dize, Tibiriçá, o que decides?
Que resposta me dás com qu'eu exulte,
E do teu Araray a dôr dissipe? »

O chefe Guayaná pensando um pouco,
Com voz pesada diz: « Quando na igreja
A meu lado te vi, cuidei que vinhas
Com pensamentos d'alma arrependida
Procurar o caminho da verdade.
Mas tu me vens propor traição e guerra!

Nenhum outro ousaria assim fallar-me!
E si eu me não lembrasse de que és filho
De meu unico irmão, pago terias
Tua arrogancia e destemido arrojo.
Vai, dize a meu irmão, e a esse Aimbire,
Esse ingrato a quem eu poupei a vida,
E que ousado anda os Indios incitando,
Qu'eu aqui os espero; elles que venham,
Com quantos braços reunir poderem,
Que em defesa da igreja e dos bons padres
Contente morrerei, porém luctando.
Dize-lhes que um christão, qual eu sou hoje,
Que me honro de chamar Martim Affonso,
Tem por gloria morrer por Jesus Christo,
E que só em christãos irmãos enxerga.
Mas dize-lhes tambem que eu condoido
Dessa vida sem Deos, sem lei, que vivem
Como animaes no matto, os aconselho
Que venham receber a luz da igreja,
E a palavra de Deos, que aqui se ensina.
Dize-lhes mais, que a guerra que hoje intentam
Contra gente tão forte e venturosa,

De seu Deos tão amada e protegida,
Só em damno será, e p'ra exterminio
Dos que com ella emparelhar não podem
Nem na força do braço, nem na industria,
Nem no saber, que vale mais que tudo.
Que se lembrem que já esses Francezes,
Que a elles se ligaram p'ra vingar-se,
Foram por Mem de Sá lançados fóra
Da ilhota, onde tão fortes se julgavam,
Sem lhes valer na lucta atroz e horrivel
O seu Villegagnon, que abandonou-os.
Em fim, dize-lhes qu'eu lhes peço e rogo
Que se ajuntem a mim, e que me sigam;
Que ouçam a voz do céo, que os padres pregam,
Si querem que seus filhos inda sejam
Senhores desta terra. De outro modo
Serão todos p'ra sempre exterminados,
Ou p'ra os sertões fugindo, irão ás feras
Disputar os covís, viver com ellas,
Até que de lá mesmo expulsos sejam.
Si os canguçús podeis vencer co'as flechas,
Estes vos vencerão co'as espingardas.

Quem mais industria tem é o mais forte.
Como amigo te fallo, e te respondo. »

Ouvindo este discurso, surprendido
O mensageiro estava, e suspirando:
« Assim pois, exclamou, não nos bastava
Este odioso inimigo, além nascido,
Não sei onde, em longinqua, ignota plaga,
Senão que tu; tomando o seu partido,
Queres co'os Guayanás, que te obedecem,
Combater contra o irmão e contra amigos?!
Isto é pois o que os padres te ensinaram?
E esse Deos, por quem já Tupan deixaste,
Quer que em favor do estranho o irmão se mate?
E esta é a nova lei em que tu vives,
Pela qual condoido nos lamentas
Que vivamos sem Deos, sem lei nos bosques?
Não teremos nós leis porque vivemos
Em perfeita igualdade, e outras seguimos
Diversas dessas leis que hoje tu segues?

Achas então que é justo, que é bem feito
Que deixemos a terra em que nascemos,
Ou que sejamos nella escravos desses,
Que da terra e de nós se julgam donos? »

« Escuta, Jagoanharo! assim prosegue
O chefe convertido, meio culto,
De engenho perspicaz e previdente.
Quero dizer-te mais. Meu pai contava
Que esta terra, que nossa hoje chamamos,
Nem sempre nossa foi. Antes de tudo,
Quando Tamandaré inda vivia,
Nua e deserta muito tempo esteve
Pelo grande diluvio que inundou-a,
E a cobrio té aos montes, afogando
Plantas, e aves, e animaes, e homens,
E só esse Payé deixando vivo
Para de novo povoar a terra.
E tão verdade é isto que até mesmo
Dizem os padres, que de tudo sabem,
Que era Noé o nome desse velho,

E não Tamandaré como dizemos.
Depois que a terra se arreou de novo
De verdes bosques, animaes e homens,
Os que primeiro para aqui vieram,
Filhos do unico pai dos homens todos,
Foram, como parece, esses Tapuyas,
Que co'as feras luctando as imitaram,
Posto que os Taboyaras se acreditem
Os primeiros senhores desta terra,
E orgulhosos por isso assim se chamem.
Não sei donde lhes vem essa vaidade,
Si elles tem dos Tupís a lingua e os usos!
Mais brancos do que são eram taes homens,
Qual o Aimoré, que é dessa raça, o mostra:
O sol ardente lhes crestou a pelle,
Como tambem a nós, que após viemos.
Depois chegaram os Tupís valentes,
Que mais do que elles a Tupan respeitam,
E por isso mais brandos e entendidos.
Estes ouviram de Sumé as vozes [1]
Junto do Itajurú, onde entalhadas
Estão as impressões do seu cajado,

Quando o poder de Deos apregoando,
Como agora estes padres o apregoam,
Lhes dizia:—Si a pedra com ser dura
Se abranda, e cede á voz do Omnipotente,
Como á verdade resistir mais duros
Os corações dos homens, de Deos filhos?—
Desse velho Payé inda hoje existem
Muitos signaes; em Itapoã seus passos,
E em Marapé, no mar, o seu caminho,
Quando ao furor fugio de homens ingratos.
Foi Sumé, ou Thomé como é mais certo,
Que era branco e trazia longas barbas,
Quem mostrou aos Tupís como extrahindo
Da mandioca o succo venenoso,
Se fabrica a farinha e a tapioca.
Desses Tupís nós todos descendemos,
Tupinambás, Tamoyos, Taboyaras,
Guayanás, Carijós, e outros muitos
Que por toda esta terra se estenderam
Sempre em frente do mar, em guerra aberta
Co'os Tapuyas que o centro procuraram,
E que jamais comnosco paz quizeram.

« Agora chegam estes Portuguezes,
Que melhor do que nós a Deos conhecem,
Que vivem como irmãos em grandes villas,
Que fazem tantas cousas espantosas,
E só querem que nós os imitemos,
Respeitando a seu Rei, a lei, e aos padres;
E vós vos declarais, como os Tapuyas
Já comnosco fizeram, seus contrarios,
Por cuidar que esta terra só é vossa!
Em vez de vir com elles instruir-vos,
E aprender suas artes proveitosas!
Porque só vossa deve ser a terra?
Toda a terra é de Deos. Terra não falta
P'ra todos nós; só falta quem trabalhe.
Mais que venham depois acharão terra.
Vós fabricais a setta, a igaçaba,
A farinha, o cauím, a rêde, a inubia,
E tantas outras cousas que vos servem;
Mas porque não haveis com paciencia
Aprender a fazer cousas melhores?
Vem ver a minha horta. . . Olha, sobrinho,
Quantas plantas em tão pequeno espaço!

Vê alli o cajú, vê a banana,
A jaca, o cambucá, a canna doce,
E quantas fructas ha por esse matto,
Que sem fadiga aqui colher-se podem.
Esta planta que vês chama-se vinha,
P'ra aqui os Portuguezes a trouxeram
Com outras muitas, e animaes não vistos.
Desta come-se o fructo, e faz-se o vinho
De roxa côr, que á mesa tu gostaste.
Vê quantas flores, que no campo murcham,
Como lindas aqui a vista alegram!
Os homens são assim, querem cultura.
Vê n'aquelle cercado quantas aves,
Que o trabalho me poupam de ir caçal-as!
Vê n'este tanque quantos peixes vivos,
Que brincando pescal-os qualquer póde!
Sem de casa sahir, tudo aqui tenho;
E quer chova, quer vente, e a qualquer hora,
Acho o meu alimento sem canceira.

« Vê agora esta casa como é feita;

Como melhor me cobrem estas vestes,
De tecido tão fino e côr tão linda,
Que excedem na belleza ás vossas plumas.
Vê agora esta espada como corta!
E esta espingarda, que nas mãos 'stá firme,
E vale mais que centos dessas flechas.
Olha, vê tudo bem, observa e nota.
Dize tu mesmo agora, Jagoanharo,
Não achas que é melhor viver tranquillo,
Gozando destes bens, tendo tudo isto,
Do que errante viver por entre os bosques,
Sempre incerto, arriscado, e exposto ás feras?
Não achas que é melhor que aos Portuguezes
Nós todos nos unamos? Que casemos
Nossos filhos co'os delles? Que façamos
Uma nova nação, grande e temida
Dos Tapuyas, que comem carne humana,
E de quantos a nós moverem guerra?
Si amas a independencia e a liberdade,
Tu não as perderás como eu vivendo
Sujeito a Deos, ao Rei, ás leis que impedem
Que a seu prazer o forte roube ao fraco.

Mais livre e independente me acho agora,
Que posso chamar meu quanto possuo.

« E Deos, o grande Deos, que nos dá tudo,
Que seu Filho mandou para remir-nos,
Para morrer por nós, para ensinar-nos
O caminho do bem e da verdade!
Não achas que devemos dar-lhe graças
Dia e noite, entoando sacros hymnos
Reunidos na sua santa igreja?
Que podes aqui ver que te desgoste,
E te faça odiar a nossa vida?
Dize, falla, responde: então que pensas? »

Um sorriso de dôr e de ironia,
Proprio d'alma orgulhosa e pouco instructa,
Roçou os labios do sagaz mancebo,
Que tudo via com desdem selvagem,
Mal pesando as razões, que ouvira apenas.

« Queres pois qu'eu responda? Bem, escuta,
Mas deixa-me dizer tudo o que penso.
Tudo isto é muito bom p'ra quem deseja
Converter seus irmãos em seus escravos,
Gozar á custa do suor alheio,
E em paz como senhor viver mandando.
Que importa a meus irmãos que eu tenha muito,
Si elles devem soffrer p'ra que eu só goze?
Nem eu quero gozar á custa delles.
O direito do chefe é ser na guerra
O primeiro a marchar e expôr-se á morte,
E mostrar-se valente mais que todos,
Para que os mais o imitem e lhe obedeçam;
Que fóra do combate iguaes são todos.
Eu porém vejo aqui os teus guerreiros
Trabalhar para ti; não enfeitados
Como tu, mas com sujos, rotos pannos,
Banhados de suor, que mal os cobrem.
Quando comes sentado, em pé 'stão elles,
E depois vão roer os teus sobejos!
E entre nós até mesmo o estrangeiro
E o inimigo comnosco juntos comem!

São elles os qu'eu vi lavrar teu campo,
Limpar o teu quintal, dar milho ás aves,
Que tens p'ra teu regalo no cercado!
Elles trabalham pois, e só tu gozas!
Em que consiste aqui a liberdade
E a independencia do homem, que gabaste?
Onde a igualdade está? Porque motivo
Tanto tu has de ter, e elles nada?
Porque? bem eu o sei! E tu pretendes
Que te imite meu pai? ou que venhamos
Aqui servir a ti e aos Portuguezes?
Cuidas tu que os Tamoyos corajosos,
E os poucos Guayanás que nos ficaram,
A tão pesado jugo as frontes dobrem!
Não, não: antes a morte, dirão todos.
E eu com elles tambem prefiro a morte!

« Nada me agrada aqui, excepto a igreja,
E o Filho desse Deos que elles mataram,
De quem ouvi contar tão grandes cousas

Que pelos homens fez, só ensinando
Que todos como irmãos sempre se amassem.
Mas porque esses homens que o adoram
Nada do que elle fez comnosco fazem?
Querem que nós humildes o imitemos
Para melhor, crueis, escravisar-nos,
Roubar nossas irmãs, nossas mulheres,
E viverem aqui como senhores,
Como os unicos donos desta terra!
E que mal lhes fizemos? Por ventura
Os recebemos mal como os Tapuyas,
Que aos Tupís guerra eterna declararam?
Que digam elles de que modo affavel
Sua chegada aqui foi festejada?
Si alguma cousa os nossos lhes negaram?
Si ante essa cruz, que em nossa praia ergueram,
De joelhos prostrados, imitando-os,
Não estiveram com respeito attentos
A quanto o padre fez, e a quanto disse?
E negar poderão estas verdades?
Si lhes fizemos guerra, é que elles guerra
Primeiro com perfidias nos fizeram.

Não se queixem de nós, mas de si mesmos,
Que em seus escravos converter-nos querem. »

Não faltaram ao chefe intelligente
Razões p'ra rebater as do sobrinho;
E ambos largo tempo pleiteando
Convencer um ao outro não poderam.
Dest'arte os sabios em questões sublimes
Após longo debate e controversia
Firmes em seus conceitos permanecem:
Que como a luz tão varia se reflecte
Segundo os corpos, côres mil lhes dando,
Tal a verdade, que uma só ser deve,
Varia se mostra nos juizos varios,
A que paixões diversas senhoream.

Vendo o chefe sagaz como baldadas
Eram suas razões, busca outro meio,
Que poucas vezes resistencia encontra
Nos fracos corações da humana gente:

Meio tão efficaz, vergonha do homem!
Que chega a impôr silencio ao santo, ao justo,
E deslumbra a razão, calca a verdade.

Começou por mostrar uns avellorios,
Com que adornou o collo do sobrinho;
Dêo-lhe uma faca e um lenço de Alcobaça;
Prometteo-lhe uma espada, armas de fogo,
E honras de capitão da sua gente,
Si com ella prestar viesse apoio
Á nascente colonia Vicentina.
Exaltou-lhe o valor, encheo-lhe o peito
De vaidosas ideias, de esperanças
De um futuro brilhante e glorioso.
Tudo quanto accender póde a cobiça,
Quanto a vaidade e o orgulho excitar póde,
Desenvolveo com manha de homem culto,
Que bem da seducção conhece a força
Para vencer o coração rebelde.
Não duvidando já do seu triumpho,
Com mostras de prazer o abraçava:

Já conduzil-o á igreja pretendia
Naquelle mesmo instante, e apresental-o
Ao venerando Anchieta, que lá 'stava
Os neophytos sempre doutrinando.

Do filho de Araray a alma incorrupta
Tinha toda a altivez e a magestade
Da virgem Natureza que a formára!
Era um bello diamante em rude crosta!
Tudo elle rejeitou! Não pôde a offerta
Mais dó que a razão! Quão poucas vezes
Isto acontece assim! « Nada ha que possa,
Disse, fazer que eu traia a minha gente.
Ainda que o teu Rei me desse o dobro
De quanto tu agora me promettes,
Não deixaria os meus para servil-o,
Sacrificando a alheia liberdade. »

Podemos lamentar a ignavia do homem,
A rudeza do espirito selvagem;

Mas o valor que ás seducções resiste,
Que faz que a alma á cobiça se não dobre,
É virtude tão rara, santa e egregia,
Que o devido louvor ninguem lhe nega.
Si é sublime no heroe, mais é naquelle
Que da gloria o pregão nem mesmo espera.

O Indio christão por fim desenganado,
Vendo que a noite p'ra seu meio andava,
Convidou o seu hospede ao repouso
N'uma rêde suspensa. Elle entretanto
A Deos se encommendando fervoroso,
Com aquella fé viva de um converso,
Foi tambem repousar. Doce esperança,
Inseparavel sombra do desejo,
Em sua alma vagava de que a noite,
Tão placida e suave conselheira,
Amigo pensamento bafejasse
No coração rebelde do sobrinho.

CANTO SEXTO.

ARGUMENTO.

Excitado Jagoanharo pela discussão que tivera com Tibiriçá, e que espontanea lhe vem á memoria, mal póde conciliar o somno.—Dorme em fim, e neste estado exalta-se sua alma, e sonha.—Apresenta-se-lhe S. Sebastião, cuja imagem na igreja lhe attrahira a attenção, e o transporta ao cimo do Corcovado.—Magnificencia do golfo do Rio de Janeiro, a que nada se compara.—Mostra o Santo ao Indio fundada, no futuro, a grande cidade do Janeiro: seu porto arado de innumeras náos.—A chegada da Familia Real.—A elevação do Brasil á categoria de Reino-Unido.—O regresso de El-Rei D. João VI.—A proclamação da Independencia e fundação do Imperio.—A abdicação de D. Pedro I.—A menoridade.—O amor do povo ao Senhor D. Pedro II.—Assume elle o poder.—O Imperio crescerá com elle.—A Providencia deve conceder a victoria aos Portuguezes sobre os selvagens em favor da propagação da religião de Jesus Christo.—Quer o Indio abraçar a cruz: esta lhe apparece.—Acorda Jagoanharo.—O tio o conduz á igreja.—Encontra-se na praça com Iguassú, que vem presa.—Inutilmente procura libertal-a.—Desesperado parte praguejando.

A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

CANTO SEXTO.

Como da pyra extincta a labareda
Inda o rescaldo crepitante fica,
Assim do ardente moço a mente accesa
Na desusada lucta que a excitára,
Inda alerta e escaldada se revolve.
Em vão na rêde, que suspensa oscilla
De um lado e d'outro, se revira o corpo,
Como após da tormenta o mar banzeiro;

Alma e corpo repouso achar não podem.
Debalde os olhos cerra; a igreja, as casas,
A villa, tudo ante elle se apresenta.
Das preces a harmonia inda murmura
Como um longinquo som em seus ouvidos.
Os discursos do tio mutilados
Máo grado seu assaltam-lhe a memoria.
No espontaneo pensar lançada a mente,
Redobrando de força, qual redobra
A rapidez do corpo gravitante,
Vai discorrendo e achando em seus arcanos
Novas respostas ás razões ouvidas.

Mas a noite declina, e branda aragem
Começa a refrescar. Do céo os lumes
Perdem a nitidez já desmaiando.
Assim já frouxo o pensamento do Indio,
Entre a vigilia e o somno vagueando,
Pouco a pouco se olvida, e dorme, e sonha.

Como immovel na casca entorpecida
Clausurada a chrysalida recobra

Outra vida em silencio, e desenvolve
Essas ligeiras azas com que um dia
Esvoaçará nos ares perfumados,
Onde em quanto reptil não se elevára;
Assim a alma no somno concentrada,
Nesse mysterio que chamamos sonho,
Preludiando a vista do futuro,
A posthuma visão preliba ás vezes!
Faculdade divina, inexplicavel
A quem só da materia as leis conhece.

Elle sonha. . . Alto moço se lhe antolha
De bello e santo aspecto, parecido
Co'uma imagem que vira atada a um tronco,
E de settas o corpo traspassado,
N'um altar desse templo onde estivera,
E que tanto na mente lhe ficára.

—Vem, lhe diz: e ambos voam pelos ares,
Mais ligeiros que o raio luminoso

Vibrado pelo sol no veloz gyro;
E vão pousar no alcantilado monte,
Que curvado domina o Guanabara.

Cerrado nevoeiro se estendia
Sobre a vasta extensão do espaço em torno,
E o tòpo da montanha sobranceiro
Parecia um penedo no oceano.
Mas o velario da cinzenta nevoa
Pouco a pouco se foi descondensando,
E rarefeito em fim em brancas nuvens
Foi vagueando pelo azul celeste.

Que grandeza! Que immensa magestade!
Que espantoso prodigio se levanta!
Que quadro sem igual em todo o mundo!
Onde o sublime e o bello em harmonia
O pensamento e a vista attrahe, enleva,
E faz que o coração extasiado
Se dilate, se expanda, e bata e impilla

O sangue em borbotões pelas arterias!
Os olhos encantados exorbitam,
E lagrimas de amor nelles borbulham.
Como as vibradas cordas de uma lyra
De almo prazer os nervos estremecem;
E o espirito pairando no infinito,
Do bello nos arcanos engolfado,
Parece alar-se das prisões do corpo.

Nitheroy! Nitheroy! como és formoso!
Eu me glorio de dever-te o berço!
Montanhas, varzeas, lagos, mares, ilhas,
Prolifica Natura, céo ridente,
Legoas e legoas de prodigios tantos,
N'um todo tão harmonico e sublime,
Onde os olhos verão longe deste Eden?

Não és tão bello assim, ceruleo golfo,
Onde a linda Parthênope se espelha,
Tão risonha e animada como a noiva

No dia nupcial leda se arrêa
Para mais encantar do esposo os olhos!
Não és tão bello assim, quando torrentes
De purissima luz vão esmaltando
Tuas magicas ribas apinhadas
De garbosas cidades, de palacios
Entre bosquetes e odorosas tempes,
E combros de ruinas gloriosas
Da romana grandeza que inda choras.
Ou quando no teu céo voluptuoso,
Onde o ar perfumado amor inspira,
Entre os cirios da noite alveja a lua,
No mar mostrando ao longe a bella Capri,
E a saudosa Sorrento, onde meus olhos
Cuidam ver inda infante o egregio Tasso
Brincando á sombra de frondosos louros.
Ou mesmo quando inopinado ás vezes
O teu volcaneo monte, contrastando
A brandura da doce Natureza,
Horrisono troando e estremecendo,
Das sulphureas entranhas arremessa
Pela bocca infernal, de fumo envolta,

Altos jorros de lavas inflammadas,
Como ardentes columnas crepitantes,
Que estalam no ar, e rompem-se em chuveiros,
E umas sobre outras cahem em catadupas,
E torrentes de fogo, que lambendo
Vão o seu dorso, avermelhando as nuvens.
Meu patrio Nitheroy te excede em galas,
Na grandeza sem par muito te excede!

A alma ardente do Indio enleiada goza
Contemplando esse mar que em flôr se quebra
Nessas longinquas praias e enseadas,
Que recortando vão da terra as orlas,
Como uma argentea franja abrilhantada;
E esses continuos montes verdejantes,
Que o vasto Nitheroy cingem e fecham
Como em profundo lago, salpicado
De graciosas ilhas. Ah! disseras
Um pedaço do céo cheio de estrellas,
Guardado entre muralhas de esmeraldas!

Resupino gigante de granito
Protege a entrada do remanso equoreo;
E co'o pé colossal, penedo ingente,
Ao longe mostra a barra ao viajante,
Que absorto fica ao ver a maravilha!

Pouco a pouco essas terras, esses mares,
Essas altas montanhas, essas ilhas
Foram-se enchendo de prodigios novos;
Como n'um panorama, invenção rara
Do engenhoso Francez, mudam-se as scenas
Pelo effeito da luz varia disposta.

O santo guia então dest'arte falla
Com prophetica voz ao Indio attento,
Cuja mente no sonho se aclarára:

« Volve os olhos áquella immensa varzea,
Que desde o And'rahy ao mar se estende:

Não vês aquelles combros que branquejam,
Enchendo todo o campo, entre os verdores,
E se alongam em grupos alinhados
Pelas praias e encostas das montanhas?
É a nova cidade do Janeiro,
Que em breve tem de ser alli fundada
Co'a minha protecção. Formosa e grande
Será como ora vês, cabeça illustre
De todo o vasto Imperio Brasileiro,
Do qual a Cruz será o alçado emblema
Da sua liberdade e independencia.
Vês tu como a cidade tanto cresce,
Que já em torno della outras se elevam?
Aquella que alli vês na opposta margem
A linda Nitheroy será chamada.
Quantas outras innumeras cidades
Neste Imperio da Cruz se irão erguendo!

« Olha agora p'ra o mar: eil-o sulcado
Por essa multidão de ousados lenhos,
Uns co'as velas bojudas, insuffladas

Como expandidas azas branquejantes,
Outros movidos pelo fogo interno;
Que o engenho, inspiração de Deos aos homens,
Governa a terra, o mar, o ar, o fogo.

« Vês tu aquella náo apavonada
De listões tremulantes, multicores,
Soberba entrando a foz do Guanabara,
Que a saúda com brados jubilosos?
Sabes quem nella vem?. . . Uma rainha,
E seu filho e seus netos, descendentes
Dos Reis de Portugal! Familia illustre,
Que deixa o paço avito, e a terra patria,
Para abrigar-se nesta plaga amena,
E aqui fundar um Throno, e um Reino novo,
Maior Reino que o velho que deixára.

« Eis erguido esse Throno! A elle sóbe
João, sexto no nome entre os Reis Lusos;
E o Brasil, que colonia supportára

Do altivo Portugal os duros ferros,
Agora Reino irmão é proclamado!

« Porém inda é mais alto o seu destino,
Que Deos assim o quer; e hade cumprir-se
Apezar da ambição de homens mesquinhos,
Que na sua vaidade leis dictando,
Cuidam poder mudar as leis eternas,
Que a marcha e a sorte das nações regulam.

« Oh quanto póde o amor do patrio berço
No humano coração, rei ou vassallo!
Volta o Rei de seus pais ao velho Throno,
Que abalado chorava a sua ausencia,
E deixa o filho sustentando o novo,
Porque a dôr de o perder o não destrua,
E não se apague o amor que o elevára.
Deseja o pai que o herdeiro dos seus Thronos
Um só seja, e os reuna, e mande, e reine;
Mas nem do Rei os calculos prudentes,

Nem do filho o respeito e a obediencia
Aos decretos de Deos resistir podem:
E ambos, cedendo, mostram-se mais sabios
Que esses, de orgulho cheios, que pretendem,
Lá no congresso da longinqua Lisia,
Com discursos e leis, e ferro e fogo
De novo escravisar o Reino grande,
Que quer ser livre, e póde, e deve sel-o!
Como os homens são loucos quando intentam
As nações sotopor aos seus caprichos!

« Pedro, o Principe herdeiro dos dous Thronos,
Bem vê que um vasto mar os tem distantes,
E que uma só vontade e um mesmo sceptro
Já não podem unir nações distinctas;
Quanto mais, nem seu peito em tal consente,
Curvar e sujeitar a nação nova,
Resplendente de brio e de futuro,
Ao Reino Lusitano, que definha,
E a quem tem elle de outorgar um dia

A antiga liberdade, e uma Rainha
Filha sua, nascida nesta terra.

« Eil-o, egregio mancebo de alto porte,
Dos filhos do Brasil já ladeado,
E desse sabio Andrada, que se ufana [1]
Co'os illustres irmãos de ter nas veias
Sangue de Tib'riçá e dos Tamoyos.

« Eis o heroe lá nas margens do Ypiranga!
Escuta sua voz; eil-o que brada:
—Independencia ou morte.—Exulta, oh Indio!
Exulta, qu'esse brado foi ouvido
Desde o vasto Uruguay té o Oyapock;
E os povos, que o escutam jubilosos,
Bradam com Pedro:—Independencia ou morte!

« Um novo Imperio grande se levanta
Onde o feliz Cabral a cruz alçára;

A cruz, simbolo santo de triumpho,
De resgate e de gloria aos opprimidos:
E Pedro, o defensor dos seus direitos,
Ufano de o fundar sóbe a esse Throno,
Que tem por base amor e liberdade.

« Vê que debalde derrubal-o intentam
As armas desses feros Portuguezes,
Que obedecem ao mando de um Madeira;
E se lembram dos feitos singulares,
Que seus avós no Oriente já fizeram.
Vê que se trava sanguinoso pleito,
Onde os Limas se amestram corajosos,
Defendendo o pendão da Independencia:
E onde os netos illustres dos Vieiras,
Do leal Camarão a par dos netos,
Combatem pela mesma santa causa.

« Vê dos Tupís as descendentes tribus

Como alli se recordam que pelejam
Contra os filhos dos seus perseguidores;
E como nessa escola porfiosa
Do novo Imperio os bravos se exercitam
Para futuras lides e altos feitos.
Alce-se o ferro contra o ferro alçado;
Porém maldito quem provoca a lucta.

« Vê que a victoria fica aos defensores
Deste Imperio da Cruz, da justa causa
Que Deos ama e protege; e que lá fogem
Tintos de sangue os feros inimigos
Da nascente, brasilia liberdade.

« Saúda, oh Indio, a tua patria livre
Do jugo contra o qual armas teu braço;
E o espirito levanta a Deos Eterno,
Que nunca deixa sem justiça os homens,

Pune os erros dos pais co'as mãos dos filhos,
E prostra o oppressor aos pés do oppresso.
Thronos cahem, thronos se erguem! Reis e povos
Como as ondas do mar sobem e descem!
Do pensamento humano o sopro ardente,
Que da Razão perenne a luz recebe,
As novas gerações inflamma e anima,
Máo grado os antepostos refractarios!
A vida é movimento, e a humanidade
Como tudo caminha e se renova;
Mas Deos, unico, immovel permanece:
A seus eternos planos nada é tarde,
Nada é cedo, tudo é quando ser deve,
Que presentes lhe são os tempos todos.
Como vês, n'um olhar, deste alto monte,
O que andando verias pouco a pouco,
Assim Deos tudo vê n'um só momento,
Sem passado ou porvir tudo domina!
E as almas puras, já do corpo extremes,
Da terra pela morte resgatadas,
Vêem co'os olhos de Deos o que estás vendo,
Qu'inda é futuro p'ra os humanos olhos.

« Quero mostrar-te mais, o qu'inda mesmo
Já passado causára espanto ao homem,
Que as leis da Providencia desconhece,
E harmonisar não sabe a coexistencia
Da liberdade humana e do destino.

« Olha, e alli vê no meio da cidade
Aquella vasta praça apinhoada
De longos batalhões, de povo em turmas,
Que affluem dos quatro lados, como o sangue
Afflue ao coração quando ha perigo.
Não ouves o estridor da vozeria
Como o som de longinqua trovoada,
Ou das ondas do mar o rumor surdo?
Não vês como ao clarão da casta lua
Relampejam em linhas ondulantes
Essas polidas armas erriçadas,
Como si do inimigo voz de guerra,
A santa paz e o somno perturbando,
Ao combate chamasse essas phalanges?

« Sabe pois o qu'isso é. Uma palavra,
N'um momento fatal articulada,
Como a voz do destino alli retumba.
O Fundador do Imperio abdica o Throno!
Diz um adeos ás margens do Janeiro;
Orphão deixa seu filho, tenro infante
Qu'inda não póde sopesar o sceptro,
E mais tres filhas tenras sem defeza,
Tanto elle crê no amor desse bom povo!
E vai por alto impulso além dos mares
Oppor-se ao proprio irmão em campo armado;
Libertar essa terra em que nascêra,
Terra de seus avós, sempre querida;
E firmar em seu Throno uma Rainha,
A Segunda Maria, filha sua:
E em fim morrer. O mundo dirá delle:
—Soube ser cidadão, ser pai, ser homem
Tendo nascido Rei.—E é quanto basta.

« Mas vê ao lado do auri-verde solio

Esse Infante gentil, que no seu berço
Pelo sol tropical foi aquecido,
E as auras respirou destas devezas,
Que liberdade e amor bafejam n'alma.
Vê o neto de Reis, de Pedro o filho,
Desse prudente Lima acompanhado, [2]
No seu paço, sem guardas que o defendam.
Mas como o povo o ama! Como o guarda
Com paternal cuidado e puro zelo,
Sem que de imposto mando leve sombra
Da espontanea affeição lhe offusque o brilho!
Sublime proceder, que assás revela
Como do povo o amor mais se dedica
Quando menos se tenta escravisal-o!
Grande lição aos Principes da terra,
Que al pensando em tyrannos se convertem,
Conculcando a justiça e a liberdade,
Mananciaes de amor, de paz, de gloria;
E cuidam que as phalanges sustentadas
Co'o suor da nação escravisada
São do Throno os esteios mais seguros:
Erro fatal aos Reis, fatal aos povos!

« Oh que immenso futuro o Céo destina
Ao Imperio da Cruz, e ao seu Monarcha,
Que com elle se firma, cresce e avulta!

« Mas não se fórma um povo de repente,
Nem contam as nações sua existencia
Por annos, tal como o homem conta a sua:
Annos são dias, mezes são instantes
P'ra o crescimento e a força dos Imperios:
Por seculos, por seculos só contam!
Condemnada ao trabalho a especie humana,
Só co'o trabalho prosperar lhe é dado:
A sciencia, a virtude, a paz são premios
De mil lucubrações, de mil fadigas.
E si um Pedro lançou do Imperio as bases,
Outro o fará subir á mór altura,
E a gloria, a força crescerão com elle.

« Mas antes que o Segundo, egregio Pedro,
Viril genio mostrando em tenros annos,

Por voto da nação empunhe o sceptro,
A discordia, accendendo a civil guerra
Nos campos do Uruguay e do Amazonas,
E do Itapicurú nas longas margens,
Fará nascer, máo grado os seus furores,
Novos amores e virtudes novas.
Aqui e alli do velho Lima um filho
Se ha de immortalisar, deixando á patria
O nome de Caxias para exemplo [3]
De bravura, justiça e lealdade.
Como na essencia do homem força occulta
Ao mal exterior resiste e o vence;
Assim no seio da nação enferma
Poder mysterioso a regenera.
Tal é do mundo a lei, tal a harmonia,
Que si o mal segue ao bem, tambem mil vezes
Do mesmo mal o bem surge radiante,
Como succede o dia á noite escura.

« Desse humano porvir, a Deos presente,
O véo ergui, oh Indio, a um breve quadro,

Que nem tudo convêm mostrar-te agora.
Tu, que n'alma só vês a liberdade,
Por quem soberbo affrontarás a morte,
Sabe que o teu poder será vencido
Por um poder maior e sobrehumano,
Contra o qual dos mortaes forças não valem.
Da verdade será essa victoria,
E não d'aquelles que fruil-a aspiram,
Que de tão longe vem após o ganho,
Sem saber que outro fim mais alto os chama.
Assim de Deos se ostenta a providencia,
E o infinito saber, que espanta os homens.
A verdade da Cruz sublime e santa
Nestas incultas plagas brilhar deve,
Porque a luz do Senhor não falte aos homens,
Cujos pais a perderam por seus erros.
Mas essa luz de Deos, que a Cruz reflecte,
Não deslumbra a razão, não a escravisa,
Nem aos pés de um tyranno os homens prostra;
Antes nos corações amor inspira,
Paz, justiça, igualdade e liberdade,
Que hão de com ella triumphar no mundo,

Posto que de seu brilho um pouco escassas,
Porque as mãos dos mortaes tudo profanam.

« Como a agua da fonte pura emana,
Mas no seu deslizar, sempre agitada,
De terra envolta, a transparencia perde;
Tal o supremo bem, a sã verdade,
Emanação de Deos á intelligencia,
No tropel das paixões, que se ante-elevam,
Perde um pouco o fulgor e empallidece:
Mas um só raio da verdade eterna,
A caligem dos erros rechaçando,
Basta para accender um sol de vida.
E esse sol brilhar deve nestes climas!

« Indio, si amas a terra em que nasceste,
E si podes amar o seu futuro,
A verdade da Cruz acceita e adora.
Que importa quem a traz ser inimigo,
Si o bem fica e supera os males todos!

Bons e máos, tudo serve á Providencia!
Como de um fructo putrido, lançado
Sobre a terra, a semente germinando
Nova arvore produz e novos fructos;
Assim desses crueis, corruptos homens,
Que vos flagellam hoje, um santo germen
Aqui produzirá filhos melhores.
Invencivel poder tem a verdade,
Que o Christo do Senhor na cruz morrendo
Legou aos homens todos—que se amassem.
Amor é igualdade, paz, justiça,
Fraternal união e caridade.
Estas são as lições que a Cruz nos dicta. »

—Dai-me a cruz!—Brada o Indio mesmo em sonho:
—Dai-me a cruz! A seus pés quero prostrar-me.

E uma alvissima cruz mais resplendente
Do que a prata polida, e que o brilhante
Ao luzir de um relampago, apparece

No céo sobre aureo fundo luminoso,
Que em rosea vibração no azul se perde.
Dulios sons de suavissima harmonia
Se evaporam nos ares perfumados.
Estatico adorando o puro emblema,
O santo guia ás nuvens se levanta
Por dous alados Anjos sustentado:
E o Indio absorto cahe sobre os joelhos,
Na cruz fitando estatelados olhos,
Mãos e braços erguidos, todo immovel;
Como si o espanto do prodigio immenso
Petrificado lhe deixasse o corpo,
E em seu arranco lhe soltasse a alma.

Mas o corpo que dorme, e a alma que sonha,
Como si outra alma fosse em outro corpo,
Diversa commoção experimentam.
Da rêde se alça o Indio mal desperto,
E entre o sonho e a vigilia inda confuso,
Vendo a grata visão esvaecer-se:
« Salva-me, oh Cruz! » exclama, e de joelhos

Cahe attonito ao lado do Cacique,
Que tendo precedido o sol nascente,
Aos pés de um Crucifixo orando estava,
Como soía ao despontar da aurora.

Tibiriçá se espanta, ergue-se, e brada
Co'um accento em que a fé se expande immensa:
« Tu me ouviste, oh Senhor! e tu venceste!
Tua palavra occulta e poderosa
Póde mais do que a minha! Eis Jagoanharo
Por ti só convertido, que te adora!
E quem do teu poder duvidar póde? »
E assim dizendo, e de prazer chorando,
Todo de santo amor assoberbado,
Terno se arroja aos braços do sobrinho,
E o aperta, e o beija, e titubeia, e arqueja,
E a voz lhe falta, e se redobra o pranto.
Após esses transportes jubilosos:
« Ah! vamos já, disse elle, prestos vamos
Ao nosso santo Anchieta, que na igreja
Certo já deve estar a Deos orando;

E talvez que já Deos por algum Anjo
A tua conversão lhe annunciasse. »
E ambos vão, um co'a mente em Deos só posta,
E o outro só vendo o que sonhando vira.

Mas na praça da igreja o povo junto,
Vozes e gritos a attenção lhes chamam.
No meio do tumulto alguns selvagens
Recem-chegados, velhos e mulheres,
Co'as mãos p'ra traz ligadas, caminhavam.
Param os dous: e Jagoanharo olhando,
Oh encontro fatal, caso imprevisto!
Com pasmo reconhece entre esses presos
A formosa Iguassú, que ia chorando.

« Iguassú! onde a levam?. . . Brada e corre:
Soltem-na já!... » E vai, e quer soltal-a;
Empurra a quem se oppõe; muitos o expellem,
E luctando feroz se arroja, enfia
Por entre as turmas qual bravio touro

Arremettendo a uns, prostrando a outros.
A morte erguida em cem pontudos ferros
Vai sobre elle cahir; mas o Cacique,
Que o segue, o antemura co'o seu corpo:
« Não o matem! gritando: É meu sobrinho. »
E ajudado d'alguns fieis amigos,
Da confusão o arranca, e a custo o salva,
Levando-o de rojão da igreja á porta.

Nisto alli se apresenta o padre Anchieta
No lumiar da porta, acompanhado
Dos discipulos seus, que orando estavam:
E co'o gesto e co'a voz silencio impondo,
Ouve a causa e as razões desse tumulto;
Quem Jagoanharo seja, ao que alli veio,
E quem a presa indigena, que em pranto
Longe já vai co'os vís que a captivaram.

Tendo Tibiriçá exposto o caso,
O venerando Anchieta commovido:

« Jagoanharo, lhe diz, eu te prometto
Que Iguassú voltará do pai aos braços.
Vou tiral-a das mãos dos que a roubaram:
Eu e Tibiriçá a entregaremos,
P'ra que nada lhe falte, á tua prima,
Esposa de Ramalho, em cuja casa
Por nós será guardada e defendida.
Vai em paz, filho meu; e dize a Aimbire,
Dize a Pindobuçú que sem receio
Podem vir procural-a e recebel-a. »

—Mas eu a quero já, lhe volta o Indio,
Quero a Pindobuçú leval-a eu mesmo. »

Porém Anchieta via que impossivel
Era nesse momento achar dispostos
Os roubadores a entregar a presa;
E só da persuasão branda empregada

Conseguir esperava o nobre intento;
E disto o Indio convencer tratava.
O que entendendo o irado Jagoanharo:
« Malvados! brada, oh perfidos traidores!
Assassinos crueis! eu vos conheço!
E ainda fallareis de caridade?
Vossos pais o seu Deos crucificaram,
Derramaram seu sangue; e vós, infames,
Para mais insultar cobardemente
A esse Deos, que adorais por zombaria,
Vindes aqui roubar-nos e matar-nos
Com palavras de amor, a cruz mostrando.
Branca era a cruz que eu vi; a vossa é negra
Como as vossas acções e as almas vossas!
Eu chamo o vosso Deos para punir-vos,
E contra vós lhe off'reço os nossos braços. »

Isto dizendo, parte irado e insano,
As margens ganha, e na canôa entrando,
Remando vai co'os dous que o esperavam,
E já de foz em fóra inda prágueja.

Assim as acções más, que aos olhos fallam,
Destroem da sã doutrina o doce effeito.
Como um som a palavra se evapora,
Si a par della os exemplos de virtude
Não vão ao coração, não o edificam.

CANTO SETIMO.

ARGUMENTO.

Em quanto os Tamoyos esperam que Jagoanharo volte com a resposta de Tibiriçá, parte Aimbire, só acompanhado de Parabuçú, para ir buscar os ossos de seu pai.—Seus presentimentos.—Chegam ao logar, desenterram a igaçaba, e vão lançar fogo á casa de Braz Cubas.—Salta este pela janella; Aimbire o aferra, e o leva de rastos ao pé da igaçaba.—Lança-lhe Aimbire em rosto todas as suas crueldades; e no momento de matal-o apparece-lhe Maria, filha de Braz Cubas.—Enternecido pelos seus rogos, parte Aimbire sem vingar-se.—Motivo porque assim praticou.—Enterram a igaçaba no Cairuçú, e voltam para o campo.—Soffrimentos de Iguassú.—Tenta Anchieta tiral-a do poder de Francisco Dias, e este lhe responde descortezmente.—Divulga-se em São-Vicente a noticia que os Tamoyos se preparam a ir atacar a villa.—Susto dos seus habitantes e prégações dos padres.

A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

CANTO SETIMO.

Além do Cairuçú surge de um lago,
Na serra da Bocaina, o Parahyba,
Que antes de receber o rico feudo,
Que de Ubatuba traz-lhe o Parahybuna,
Piratinga inda pobre se nomeia.
Corre o rio, que após caudal se torna,
Seguindo a direcção da serrania
Paraná-piacaba, ao mar vizinha,

Que pela costa alonga-se alterosa,
Coroada de espessas, verdes mattas,
Como o Parnazo e o Olympo jamais viram
Nos tempos em que os vates fabulando
De altos Numes seus bosques povoaram.

Nestas virgens devezas, entre as grimpas
De successivos montes, donde emanam
Centenares de arroios crystallinos,
Á sombra dessas selvas gigantescas,
Os fogosos Tamoyos esperavam,
Por conselho dos velhos mais prudentes,
A resposta devída a Jagoánharo.

O valente Araray, honrar cuidando
O irmão Tibiriçá, dizia a todos
Que elle, cedendo aos rogos do sobrinho,
Do Tamandatahy deixando as margens,
Prompto viria co'a guerreira tribu,
Que de Piratininga os campos enche.

« Impossivel eu creio, assim dizia
O pai de Jagoanharo, que um Cacique,
Um Guayaná tão vil mostrar-se queira,
Que esquecido do irmão e do sobrinho
Se arme p'ra defender estranhas gentes,
Ou se deixe ficar em ocio indigno. »

Araray! tu não sabes quanto imperio
Tem uma ideia nova, grande e santa,
Que a alma penetra, o coração subjuga,
E doma, e vence os naturaes affectos!
Uns pela gloria as vidas barateam,
Outros a morte pela patria affrontam,
Dão-se alguns á verdade em holocausto,
E outros em sacrificio a Deos se votam:
E cada qual da ideia que o domina
Ao mago impulso, tudo o mais desdenha!
Tibiriçá por Christo a patria olvida,
Sacrifica o irmão, deixa os amigos,
E por Anchieta e Nobrega contente

Contra os seus se apparelha, tendo em gloria
A causa defender dos Portuguezes,
Que elle crê ser de Christo a santa causa!
E si elle errasse, a crença o desculpára.

Mal transmontava o sol puro e radiante,
E entre os seus arrebóes auri-purpureos
Como um sublime adeos dizia á terra,
Que elle deixava com amor saudoso.

E aonde vai tão pensativo Aimbire
Pelos andurriaes dessas alturas,
Só do irmão de Iguassú acompanhado?
Onde vão elles sós, quando da noite
Já placido susurra o vago sopro
Por entre as invias, solitarias mattas,
Onde recem-surgidas dos casulos
Esvoaçam esphinges e phalenas?
Ao ver um após outro esses dous vultos
De agigantado porte e tez queimada,

Caminhando ao luar silenciosos,
Por dous genios da noite os tomarias:
E no incerto clarão, entre mil sombras,
Em azas ponteagudas convertèras
Esses feixes de settas emplumadas,
Que das costas lhes pendem tremulantes.

Tinham já muito andado os dous amigos
Sem que palavras entre si trocassem,
Seguindo sempre a direcção de um rio,
Dos muitos que sem nome humildes correm,
Quando Parabuçú a voz erguendo:
« No que pensas, Aimbire? Estamos longe? »

Aimbire para o céo erguendo os olhos,
E ao Cruzeiro do Sul depois volvendo-os,
Lento responde:—Não. . . Mais alguns passos.

« E chegaremos nós co'o sol nascente? »

—Muito, muito antes que madrugue a aurora.
Quando a lua chegar do céo ao meio,
Devemos nós lá estar. . . Já perto estamos.

« Não ouves um rumor? »
—Sim; é o rio,
Que alli mais adiante se despenha,
E depois mais abaixo á esquerda volta,
E vai surgir na varzea. Pouco falta.

« E não te enganarás chegando ao sitio? »

—Presente o tenho; e como que estou vendo
Meu velho pai ao tronco recostado
Do grande ipê, que está do rio á margem,
Perto de alguns patís e araçazeiros.

« Existirá o ipê? ou já queimado
Terá servido ao fogo do Emboaba? »

Aimbire suspirou, e nada disse.
Assim com grande pausa ambos fallavam,
Como si em outra cousa ambos pensassem.
Dados mais alguns passos, novamente
O irmão de Comorim frio pergunta:
« No que pensas, Aimbire? »
—Eu?
« Sim. »
—Pois dize
Tu primeiro.
« Vinha eu pensando agora. . .
E ambos—em Iguassú—dizem a um tempo!
Por um momento os passos suspenderam,
O folego, o fallar, como si attentos
Seus corações presagos consultassem,
Ou como si dos genios das florestas
Quizessem escutar algum annuncio.

« Pensava em Iguassú, prosegue Aimbire:
Como que a ouvia, que por mim chamava,
Com voz tão suffocada e tão sentida
Que de susto e de dôr me enchia o peito. »

—E eu como que a via, diz-lhe o amigo,
Cahir nas mãos dos feros Emboabas.

« Não mais, Parabuçú! Que ousas dizer-me?
Não mais; que essa lembrança me horrorisa!
Ah quando terão fim nossas desgraças?
Muito temos soffrido; e muito ainda,
O coração m'o diz, soffrer devemos.
Que alluvião de males nos trouxeram
Esses homens crueis, que horrida guerra,
Ou dura escravidão nos dão á escolha!
Irmão de Comorim, ah tu não sabes,
Não, tu não sabes o que é ser escravo!
Não ser senhor de si, viver sem honra,
Acordar e dormir sem ter vontade;

Calado obedecer com rosto alegre,
Soffrer sem murmurar, comer chorando;
Trabalhar, trabalhar ao sol e á chuva,
E isto p'ra que um senhor tranquillo viva!. . .
Ah! tu não sabes o que é ser escravo;
E eu sei o qu'isso é. . . Quando em tal penso
Abrasa-me o furor. . . Meu pai, coitado!
Na escravidão morreo: e si inda eu vivo
É só para vingar tão grande infamia.
Elles m'o pagaráõ co'um mar de sangue!
Podesse o mar rolar os seus cadav'res
Até ás praias que embarcar os viram,
Que eu ás ondas seus corpos arrojára,
P'ra que fossem de nós levar noticia
Aos amigos e irmãos que lá ficaram. »

Dest'arte discorrendo os dous chegaram
A um valle, onde por terra se estendiam
Ingentes troncos de arvores annosas,
Que os machados a custo derrubaram,

E o fogo a cinzas reduzira os ramos,
P'ra dar campo ao mesquinho pasto do homem.
Enorme jatahy, que mal cortado
Junto á raiz, co'o peso desabára,
Atravessado estava sobre o rio
Como uma ponte enraizada á terra.
Passam por elle os dous; e além saltando,
Perlustra Aimbire o sitio e o reconhece,
Máo-grado tantas arvores soberbas
Prostradas pelo chão. . . Vão-se-lhe os olhos
Por esses negros troncos gigantescos,
Como esqueletos de Titanea raça,
Que o tempo conservára. . . Um calafrio
Como o sopro da morte ao peito anciado
O sangue lhe reflue. . . Receia, teme
Não achar o que busca. . . Avança os passos
Pela margem do rio; e avante enxerga
Negrejar ao luar o immenso vulto
Do grandissimo ipê tão desejado.
Como afanoso o coração lhe bate!
—Eil-o!—brada: e correndo abraça e beija,
E rega com seu pranto aquelle tronco

Junto ao qual enterrára a igaçaba,
Que de seu velho pai guardava o corpo.

Trabalhando á porfia os dous amigos
Cavam o chão, e a urna desenterram.
Ao vêl-a, o pio Aimbire enternecido
Exclama: « Oh Cairuçú! guerreiro illustre,
Que depois de uma vida gloriosa
Tão malfadada foi tua velhice,
E acabaste de dôr no captiveiro.
Oh Cairuçú, meu pai! Desde essa noite
Em qu'eu neste torrão guardei teus ossos,
A sós, sem testemunha além da lua,
Que hoje o caminho alumiar me veio;
Desde essa noite, em qu'eu jurei vingar-te,
Um dia só não tive de repouso.
Assás luctado tenho, e inda não basta.
Desta terra banhada com teu pranto,
Terra de escravidão, que a um senhor nutre,
Tirar venho teu corpo. . . Outro jazigo
Te darei nesse monte ao mar fronteiro,

Que o teu nome terá para memoria,
E onde os passos do barbaro estrangeiro
Não mais farão estremecer teus ossos.
Mas antes qu'eu te leve, atroz castigo
Devo dar ao cruel que incauto dorme.
Inda um momento espera; um bom amigo
Aqui está p'ra ajudar-me. »
E tendo dito,
Vão os dous pelo campo recolhendo
Galhos sêccos e folhas de coqueiros;
E dous feixes formando, enormes feixes
Atados com cipós, os põem ás costas,
E seguem por um trilho, entre canteiros
De milho e mandioca, até que avistam
N'um pequeno terreiro uma fogueira,
Que ou por prazer accendem cada noite,
Ou para afugentar nocivas feras;
E ao lado da fogueira uma choupana
De mesquinhas senzalas rodeada.
E mostrando-as Aimbire ao companheiro:
« Nesta o cruel senhor, diz elle, habita;
E naquellas os miseros escravos. »

E á choupana central se approximando,
Junto aos esteios põem os combustiveis,
E contra a porta em calculados montes:
E do vizinho fogo accesas brazas,
E inflammados tições em palha envoltos,
Vão aos feixes lançando. Asinha o fogo,
Pelo vento assoprado, arde e crepita;
E o incendio chispando avulta e cresce,
E em torno a casa lavra e a cerca toda.
Denso fumo nos ares se ennovela,
E as labaredas tremulas se elevam
Lambendo as beiras do sapê do tecto:
Já sobre elle voando á cumieira,
De um lado e d'outro as chammas se confundem
Com vermelho clarão ao céo subindo.

Entretanto defronte da janella
Vai Aimbire postar-se, e attento espera,
Tal como o caçador espera a caça
Que o cão foi levantar dentro da mouta.

Eis abre-se a janella; e um vulto de homem
Espavorido se ergue, mal envolto,
Hirsuta a coma, os olhos desvairados,
Pallido todo, e ao chão se atira e corre,
Como um phantasma que abre a campa e foge,
Ou alma que do ardente inferno escapa.
Aimbire o reconhece, e prompto o aferra,
Como um demonio aferra a alma damnada
Que por pacto infernal lhe está sujeita.
E arrojando-o por terra enfurecido,
O leva de empurrões, quasi de rastos,
Té ao tronco do ipê, junto á igaçaba.

« Olha p'ra mim, Braz Cubas! brada o Indio
Com rouca, horrenda voz e um riso hediondo:
Olha-me bem, e vê si me conheces?
Não quero que tu morras sem que saibas
Quem se vinga de ti, dando-te a morte. »

Á tal ameaça a victima tremendo

Mal pôde articular: — Piedade, Aimbire!
Tem compaixão de um pai.

« De um pai, tu dizes?
Eu tambem tive um pai; e tu, malvado,
Delle e de mim piedade não tiveste.
Dentro desta igaçaba jaz seu corpo
Pedindo o sangue teu. »
— Porque? A vida,
Não a morte, lhe eu dera, si podesse.

« Sim, porque elle vivendo te servira,
E eu inda hoje seria teu escravo.
Escuta: quando tu p'ra aqui vieste,
Ha muito tempo já, mulher eu tinha
Tão bella como a lua que estás vendo,
Tão joven, delicada, e tão mimosa
Que outra esposa qual ella não havia;
E um filho me devia dar bem cedo,
Do nosso terno amor primeiro fructo.

Tu a viste, e não sei si a cubiçaste.
E um dia, que eu caçando longe andava,
A vejo vir correndo, tropeçando
Pela montanha acima, já sem forças,
Quasi a vida exhalando. Corro á ella,
Nos braços a recebo; e ella cahindo,
Apenas dizer pôde: — os Emboabas!
E alli do susto e da fadiga exhausta,
E das dores talvez tendo a criança,
N'um tremor expirou a malfadada,
A tão cara Potira, esposa minha. »

— E será minha a culpa?
« Sim: e que outros
Senão tu junto aos teus a perseguiram?
Escuta ainda mais: passados tempos,
Tu em paz com meu pai viver fingias.
Um dia acompanhado o acommetteste,
E como minha mãi te ia fugindo,
E gritando por mim que a soccorresse,

Tu apressado após lhe déste um tiro,
E a mataste, cruel, dentro do matto.
Preso meu pai trouxeste, e uma criança;
E entregar-me vim eu ao captiveiro
Para estar com meu pai e minha filha,
E sobre elles velar. Si não matei-te
Foi só porque esse velho e essa criança
Não podiam na fuga acompanhar-me,
E aqui ficando os teus os matariam.
Lembras-te tu do pobre Guaratiba?
Tu a um tronco o amarraste, em cuja base
Havia um formigueiro, e o açoutaste
Até fazer saltar co'o sangue a pelle
Das costas, que uma chaga lhe ficaram;
E as formigas, em chusmas negrejando
Sobre o convulso corpo, o remordiam!
E eu, á casa voltando do trabalho,
E vendo-o assim, por elle intercedendo,
Tu furibundo me disseste:—O mesmo
Tambem a ti farei, se ousado fores!—
Guaratiba morreo martyrisado!
Assim a esposa, a mãi, o pai, o amigo,

Tudo quanto eu amava me roubaste.
Sabes em fim quem sou... Agora... morre! »

« Perdão para meu pai! perdão, Aimbire!
Ah não mates meu pai! » Assim bradando
Uma gentil menina, mal envolta
N'uma alva de dormir, se arroja ao collo
Da victima, que jaz de susto immovel.
« Ah não o mates, não. » Seu debil corpo
Cobre o corpo do pai; e um braço alçado
Como que apara o golpe, ou que o conjura.

Anjo da guarda alli do céo baixado
Para salvar o peccador da morte,
Tanto assombro ao Tamoyo não causára,
Como essa apparição tão repentina,
Que da lua ao palor, em tal soidade,
Mais inspira terror mysterioso.
O braço herculeo, que vibrava a maça
Prestes a desfechar o mortal golpe,

Por instantaneo encanto no ar estaca.
Recúa Aimbire o corpo, e apavorado
Olha, e como que a si dubio pergunta:
Si é verdade o que vê, ou si é um sonho.
Em seu rosto feroz vagando o pasmo,
Desfaz-lhe o senho, e lhe descerra os labios,
E a piedade em seu peito o arquejo expande.

Elle emfim reconhece essa menina,
Esse anjo tutelar.—Maria! exclama:
Pobre Maria, és tu?!—E involuntario
Um movimento faz para abraçal-a;
Mas vendo alli o pai, o rosto volta,
Dizendo:—Não tens sangue que me farte.
Vamos, Parabuçú! vamos, partamos.—
E tomando a igaçaba asinha fogem.
Outros heroes mimosos da fortuna,
Por altilocos vates celebrados,
Nunca, brandindo da vingança o ferro,
De tão grande piedade exemplos deram.

Pai e filha alli ficam quebrantados,
Do susto o pai, e do heroismo a filha.

Já longe iam os dous; nem mais os olhos
Voltaram para traz. Surgia a aurora,
E Aimbire ao companheiro assim dizia:
« Fraco talvez me julgues e cobarde,
Que commovido á voz de uma menina,
Deixei com vida o barbaro assassino,
Mallogrando a fadiga de apanhal-o,
Quando eu para fartar minha vingança
Tinha a filha e o pai sob um só golpe.
Porém essa menina que alli viste,
Maria, aqui nasceo nos nossos bosques
De uma boa mulher da nossa terra.
Mil vezes em meus braços carreguei-a,
E mil vezes chorando a mim corria,
Quando seu duro pai a castigava.
Ella com minha filha sempre unidas,
Como duas irmãas da mesma idade,
Me adoçaram o horror do captiveiro.

Quando eu voltava á casa e lhe levava
Alguns ovos de anuns, ella contente
Se lançava a meu collo, e me beijava.
Pobre Maria! tudo quanto tinha
Comigo e minha filha repartia!
Ah! eu a vi chorar junto ao cadaver
De meu infeliz pai, que tanto a amava.
Ella o cobrio de flores; e eu guardei-as
Co'os restos de meu pai nesta igaçaba.
Eis porque suas lagrimas, seus rogos,
Todas essas lembranças reavivando,
Ante seu pai meu braço desarmaram. »

—Mas porque do cruel não te vingaste?
E comtigo Maria não trouxeste?—

« Nem de tal me lembrei nesse momento.
Tu não és pai; si o fôras me imitáras.
Meu coração de pai, posto que irado,
De uma criança ao pranto se enternece,

Como na guerra de furor acceso
Nem com rios de sangue se contenta.
Sou eu da raça dos tyrannos nossos
P'ra matar ou roubar pobres crianças? »

Ao descahir do sol d'aquelle dia
Anhelantes os dous emfim chegaram
Ao cimo do elevado promontorio,
Que inda hoje Cairuçú se denomina.
Alli em frente ao mar, n'um sitio agreste,
Onde talvez ninguem antes pisára,
Dèo Aimbire á igaçaba novo asylo,
E ao corpo de seu pai descanço eterno.
Depois os dous Tamoyos murmurando
Um cantico funereo, p'ra o jazigo
Grossa pedra arrastando o sigillaram.
Então o terno filho alçando a fronte,
E os braços para o céo: « Oh tu (impreca),
Oh tu a quem os raios obedecem,
E que pelo trovão aos homens fallas,
Ou te chames Tupan, ou Deos te chamem,

Escuta minha voz, cumpre meus votos:
Si jamais algum perfido estrangeiro
Nesta pedra tocar, fulmina o impio
Co'um prompto raio teu, e a pó reduze-o. »

O dever filial assim cumprido,
Ao campo seu regressam satisfeitos.

Entretanto Iguassú, fiel amante,
Quasi esposa de Aimbire, amargurada
Soffria esse viver do captiveiro
Longe do que era seu, do qu'ella amava.
Mas Jagoanharo a vira; e doce esp'rança
Fagueira como o zephyro da tarde
Após calmoso dia, embebecendo-a,
Lhe antepunha correndo o pai, o amante,
O irmão, a taba toda p'ra salval-a.
Nos devaneios seus de dar-se a morte,
Constante aspiração do peito afflicto,
Essa doce esperança a vigorava

P'ra viver e luctar, nobre esquivando
Do seu torpe raptor a impudicicia.
Á força do brutal Francisco Dias [1]
Ella oppunha essa força sobre-humana,
Que ao feminil recato o céo inspira.

Com ella muitas outras jovens Indias
Raptadas tinham sido pelo bando
Que Dias caudilhára; e na partilha
P'ra si este a tomára por mais bella,
Que por isso á excursão movêra os outros,
Companheiros no crime, máos como elle.

Oh misera Iguassú, deixa que eu cale
As repetidas luctas que tiveste,
Teu egregio valor, tua constancia:
Sim, tudo calarei, para furtar-me
Ao pejo de narrar os crueis tratos,
E os lascivos ataques desse infame,
Que para escrava impura te queria,

Sem respeitar a tua tenra idade.
Não se deleita a Musa que me inspira
Com scenas que ao pudor as faces coram.

Grande rumor causára em São-Vicente
O caso de Iguassú e Jagoanharo,
E a noticia fatal que dera a Anchieta
O chefe Guayaná, de que os Tamoyos,
Pelo impavido Aimbire commandados,
A villa em copia ingente ameaçavam.

Foi ter Anchieta co'o soberbo Dias,
E com brandas palavras descreveo-lhe
O castigo a que a villa estava exposta
Por causa do viver licencioso
Dos que andavam os Indios provocando
Com rapinas e mortes; e rogou-lhe
Que para remover maiores damnos
Lhe entregasse Iguassú; que elle queria
Os Indios desarmar restituindo-a

Aos seus, que irados vinham libertal-a.
Que elle désse esse exemplo de virtude,
A fim que os mais colonos o imitassem,
Libertando os selvagens captivados,
E de uma vez cessando de ir caçal-os.

Porém o Dias, qu'entre os seus consocios
Das prégações dos padres murmurava,
E contra elles movia surda intriga,
Aproveitando o ensejo, respondeo-lhe:
« Padre, és tu Portuguez, ou és selvagem?
Que andas tu contra nós sempre bradando,
Sempre a favor de uns animaes sem alma?
Desconfio de tanta santidade.
Queres á custa nossa, e em nosso damno,
Conquistar o amor desses selvagens,
Só para ás vossas leis tel-os sujeitos?!
Não tendes vós tambem Indios escravos?
Dai-lhes embora o nome que quizerdes,
Que escravos são os que p'ra vós trabalham.
Padre, vai-te com Deos prégar aos bosques.

Não dou-te a India; si eu a quiz, cacei-a.
Deixa-me em paz. » E assim dizendo, foi-se.

A tão impia resposta o brando Anchieta,
A quem só forças dava a caridade,
Levando as mãos aos olhos, e enxugando
As lagrimas que a flux lhe borbulhavam,
N'um suspiro exclamou: « Ah pobres homens!
Sempre a Deos e á razão cegos e avessos!
E a quem sempre a verdade escandalisa! »

Livre fez Deos o homem; razão deo-lhe
Que o bem do mal distingue; leis sagradas,
Innatas e protótypas gravou-lhe
No coração, porque guias lhe sejam
Na pratica do bem, do justo e santo,
Porque lhe aplaquem das paixões a furia:
E si contra essas leis o homem pecca,
Aos olhos da razão elle é culpado,
Responsavel a Deos: e o crime é do homem,

Porque Deos o fez livre. Oh liberdade!
Comtigo o mal e o bem, a essencia humana!
Sem ti do bruto a essencia, o fatalismo!

Era grande o temor em São-Vicente,
E em seu capitão-mór Pedro Collaço,
Que essas guerreiras tribus colligadas
Como a enchente a colonia aniquilassem.
E os dous servos de Deos, mais corajosos
Que os escravos do inferno e do egoismo,
Pelas praças prégando se esforçavam
Para inspirar ideias de justiça
Aos colonos, affeitos ao vil trato
De caçar e matar os pobres Indios.

Apostolos de Christo, austero Anchieta,
E tu, Nobrega, em vão, em vão bradavas:
« Iguaes os homens são; e christãos devem
Abraçar seus irmãos, do erro salval-os,
Guial-os ao Senhor, morrer por elles,

E não matal-os como fazem lobos.
Vós aos Indios chamais brutos sem alma,
E assim credes poder escravisal-os.
Mas o que desses brutos vos distingue?
Que exemplos vós lhes dais que os edifiquem?
Quando alguns dentre vós té mesmo, oh crime!
A comer carne humana os aconselham! . . [2]
Tremei, oh Lusos, da justiça eterna.
Deos não nos enviou do antigo mundo,
Estrada abrindo em não trilhados mares
Á esta ignota plaga, p'ra flagello
Destes miseros homens. Não, oh Lusos!
Nossa missão é outra. A luz da Europa,
Não seus erros, aqui mostrar devemos.
Esta é a terra santa e hospitaleira,
Onde á sombra da Cruz a liberdade
Deve co'os homens repartir justiça.
A Cruz ergamos, sim, a Cruz de Christo,
Signal de redempção; a Cruz que outr'ora
No Capitolio alçada salvou Roma,
Como a arca santa, que salvou das aguas
A antiga geração. Da Cruz em torno

Estas gentes de Deos a luz recebam,
Como em outra éra os barbaros do Norte
A seus pés cahir viram do erro a venda.
Amor, fé, esperança e caridade,
Eis do Cordeiro as armas invenciveis!
Christo com ellas conquistou o mundo;
Nós com ellas os Indios venceremos,
E não com ferro e fogo. Ouvi, oh Lusos,
As palavras do céo, não as do inferno. »

Assim bradavam, mas em balde, os padres,
Santificando as maximas sublimes
Co'o firme exemplo de uma vida pura;
E a caridade e a fé os roboravam.
Não só desertos da Thebaida viram
Milagres de constancia; o justo Anchieta
E o venerando Nobrega aqui deram
De virtudes christãas exemplo novo.
Eram d'aquelles que paixões terrenas
Co'o manto de Jesus não encobriam.

CANTO OITAVO.

ARGUMENTO.

Satanaz, inspirando criminosas paixões nos corações dos colonos Portuguezes, os revolta contra os padres; mas o seu triumpho é ephemero.—Reune Tibiriçá todos os de sua tribu, e lançando fogo ás suas plantações e choças, marcham para São-Vicente em defesa dos padres.—Desesperação de Aimbire ao receber a noticia do captiveiro de Iguassú.—Partida das canôas, e cantico dos remeiros.—Chegada a São-Vicente.—O ataque.—Feitos dos principaes chefes.—Morte de Braz Cubas pelas mãos de Aimbire.—Lucta Jagoanharo com Tibiriçá, que o mata, e o baptisa antes de expirar.—Visão de Anchieta.—Sahe elle da igreja com Iguassú, e vai entregal-a a Aimbire.—Cessa o combate, e retiram-se os Tamoyos.

A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

CANTO OITAVO.

Contra os poucos athletas do Evangelho
Um fatal inimigo conspirava,
Aculeando os proprios Portuguezes.

Satanaz, rei do inferno, a quem só prazem
Crimes, destruições, afflicto via
Medrar a nova lei no Novo Mundo,

Costumes evangelicos, em troco
De bruta crença e barbaras usanças.

Incansavel imigo, em odio acceso,
As paixões invocava socias suas;
As paixões, que de côres mil se trajam,
Mil fórmas tomam, mil aspectos mostram,
Mil linguagens ostentam, mil encantos:
Mas de todas Satan conhece a origem,
Conhece a força, o caso, o tempo proprio
De chamal-as a si. Sempre por ellas
Sobre a terra imperou, dêo leis aos homens,
Cidades arrasou, reinos, imperios.
Ora amor, ora odio, ora a cobiça,
Ora a vingança e a colera accendendo
Nos corações dos homens; qual astuto
Sophistico rhetorico, que enleia
O incauto ouvinte, que enganar se deixa
Encantado e sem tino a seu capricho;
Satan dest'arte, o senso fascinando,
Esmalta o erro de brilhantes côres,

E antepõe a mentira aos olhos do homem
Adornada co'as vestes da verdade:
E o homem, que até no erro acertar cuida,
Pela paixão guiado, escravo della,
Ante o phantasma enganador se prostra,
E canta o seu triumpho, e a si se applaude!
Ai misero! e tão cego que cem vezes
Repelle, insulta a quem salval-o intenta!
Assim entre os narcoticos vapores
Do fumo do opio, a moribunda victima
O antídoto recusa, imaginando
Vital somno dormir, e dorme,.... e morre!

Anjo, outr'ora da luz, hoje das trevas,
Oh Lucifer maldito! o céo perdeste
Pelo orgulho; e os mortaes, que obra é já tua,
Arrastas pelo egoismo á nova perda!

Já das trevas o rei jactancioso
Cantava o seu triumpho, revoltando

Contra os dous eremitas os colonos,
E em seu proprio interesse lhes fallava.
A uns, para excitar maior despeito,
Ironico dizia: « Como, oh Lusos!
Não ouvis os conselhos de Anchieta?
Soffrei o ardente sol deste igneo clima,
Trabalhai, e regai co'o suor vosso
A conquistada terra, em quanto os Indios,
A quem deveis respeito e amor fraterno,
Livres pelos desertos se recream.
Elles senhores são, e vós escravos!
Si elles vos atacarem, pacientes
Supportai suas flechas matadoras;
Que das vossas cabanas se apoderem;
E vós orai a Deos, morrei humildes. »

A outros com sophisticas arengas,
Em teor philosophico dizia:
« O homem marcha ao bem por lei do instincto;
É seu guia o prazer: virtude e vicio
São vans palavras; o interesse é tudo.

Na Grecia, em Roma ao vencedor foi dado
A seu grado dispôr dos seus vencidos,
A escravos reduzil-os, ou matal-os.
É vasto campo de batalha a terra,
E oppostas forças sem cessar se embatem
Por lei da Natureza: a vida e a morte
Surgem deste conflicto; e a Natureza
Apoia os fortes quando os fracos gera.
Justiça é o poder, direito a força,
E do mando a razão 'stá na victoria.
Guerra aos barbaros, guerra! Ou vós, ou elles,
Oh Romanos desta era! a vós a gloria
De imitar a rainha do Universo.
Vêde os frios Bretões, Gallos, Germanos
Ceder a Roma a terra de Teutates,
Depois de em vão regal-a com seu sangue,
Palmo a palmo pleiteando-a ao pé romano.
Assim, oh vós de Viriato prole,
Se curvarão os barbaros Tamoyos;
E elles, que os tiros vossos hoje affrontam
Com voadoras flechas, hão de um dia
Humildes acceitar vossas cadeias,

Arar por vós a terra que defendem,
Por vós luctar contentes como escravos.
Guerra aos barbaros, guerra! Avante, oh Lusos!
Não vos deixeis levar de vans palavras
De caridade e amor, com qu'esses padres
Vosso brio e valor domar pretendem.
Os fallaces discursos de Anchieta
São mais fataes que as settas dos selvagens.
Guerra, guerra a quem fôr vosso inimigo. »

Cada colono murmurar ouvia
Estes e outros discursos corruptores
No fundo de sua alma; e repetindo-os,
Como si fosse inspiração divina,
Cegos e revoltados contra os padres,
De Satan o caminho iam trilhando,
Aos tigres imitando na fereza.
Roubar, Indios matar era a virtude
Que cada qual em publico ostentava.
E assim os corações se embruteciam

O lume da razão se anuviava,
E o rebanho de Christo ía mingoando.

Mas si na dura prova é dado ao inferno
De chammas fornecer o altar terrivel,
Expiatorio altar, onde se apuram
As virtudes christães das paixões átras;
Qual o ouro no chrysol em fogo envolto,
Em terra e em cinzas, mais se purifica,
Perde as fezes, e limpo se condensa;
Gozar não póde o inferno o seu triumpho.
A razão sempre vence, ou cedo, ou tarde.
A lei da Providencia é infallivel,
Por ella a humanidade ao bem caminha.

O perigo que ameaça esses colonos,
Ameaça talvez a igreja e os padres:
Ah! e só isso os salva; que a virtude
Dos bons tambem aos máos serve de amparo:
Como n'um campo, que verdeja apenas,

Para poupar-se o grão que desabrocha,
Se deixa com pezar crescer o joio.

Tibiriçá de amor todo abrasado,
Co'um zelo de christão dos priscos tempos,
Do Tamandatehy correndo ás margens,
Mil arcos p'ra o combate reunia.

« Meus Guayanás, bradava, dura guerra
Temos que sustentar contra os Tamoyos,
Pelo feroz Aimbire commandados.
Araray e seu filho vem com elles;
E eu contra meu irmão e meu sobrinho
Não temo ir combater por Jesus Christo.
Queimai vossas cabanas, vossos campos,
P'ra que não dêm abrigo aos inimigos,
Que podem aqui vir para vingar-se
Do apoio que aos christãos contra elles damos.
O Cubatão desçamos; vamos, vamos
Defender São-Vicente ameaçado.

Alli Anchieta e Nobrega nos chamam:
Eia, vamos, armai-vos, e segui-me. »

Deste geito fallou o chefe á horda,
Que da guerra applaudio o grato annuncio;
E logo decidido o exemplo dando,
Fogo lançou a um campo que alli tinha;
E promptamente os Indios o imitaram,
Choças e campos entregando ás chammas.

Entre bulcões de fumo que se enrola,
Estalos, chispas dos combustos galhos,
Correm, vôam as soltas labaredas
Pelos mandiocaes e milharadas,
Á cinzas reduzindo as verdes roças.
O homem que as plantou folga á tal vista!
E as aves dos seus ninhos enxotadas,
Em profugos cardumes no ar pairando,
Como que estão carpindo a insania do homem,
Que dos bens que o céo dá gozar não sabe.

Assim deixando após carvões e cinzas,
E do incendio o rescaldo fumegante,
Vão levados de amor, não da cobiça,
Selvagens combater contra selvagens.

E Aimbire? Ah! com que dôr voltando ao campo,
E ouvindo a narração de Jagoanharo,
A nova recebeo qu'em São-Vicente
Sua cara Iguassú captiva estava!
Um subito furor, profundo, immenso,
Devorando-o em silencio, como o fogo
Que jaz da terra calcinando os seios,
Todo no coração ficou-lhe oppresso
Quando tal nova deo-lhe o mensageiro.
Avesado a soffrer golpes tão duros,
Seu peito em lento arquejo o ar tomando,
De odio ao pungir da dôr se entumecia.
Apenas seu olhar sombrio e vago,
Sob um senho funereo e carregado,
Como o céo no horizonte negrejante,
De sua alma a tormenta revelava.

Sua forte vontade resistia
Á explosão do furor. Atroz vingança
Aimbire meditava, e ostentando
De outra ideia occupar-se, assim prorompe
Co'um sorriso forçado, e a voz convulsa:
« Então Tibiriçá recusa unir-se
A nós, e a seu irmão? Pois bem, que espere,
Que a morte lhe darei como deseja. »

E dando um passo, e resoluto olhando,
Como quem ordens dar queria a todos,
Seus olhos vêem Pindobuçú prostrado,
Triste chorando pela cara filha,
Co'a cabeça encostada sobre um hombro
Do mesto filho, em cujo peito anciado
As lagrimas dos dous juntas corriam.

Então Aimbire a colera soltando,

Brada: « Oh Pindobuçú, o pranto enxuga,
E p'ra grande vingança te prepara.
Terás livre Iguassú, eu te prometto;
E com ella dar-te-hei para vingar-te
Quantas filhas quizeres, mãis e esposas
Dessa raça cruel. Rios de sangue
Farei correr de Tacaré nas praias,
E erguerei de cadav'res um monte
Que chegue ao Marapé. Lauto banquete
Vai dar meu braço aos urubús famintos.
Eia! p'ra Bertioga! Ao mar canôas;
Não ha mais que esperar. Ao mar! voemos. »

Assim bradando, fez roncar na inúbia
O rouco som do alarma e da partida;
E pela praia e varzea, e na collina
Foram todos os chefes repetindo
O terrivel signal que ribombava,
Chamando a gente, que acudia em chusmas.
E os sons diversos das diversas trompas,

Co'os successivos echos misturados,
Concerto horrendo e funebre faziam.

Ao ver em confusão de toda parte
Como da terra erguidos, nús, poentos,
Correr á praia centenares de Indios,
A mente, ás margens do Cedron voando,
Cuidára ver os mortos revocados
Ao som da trompa do Juizo eterno,
Das entranhas da terra resurgindo,
A Josaphat correr em mestos bandos.

Pela areia arrastando ao mar lançaram
Os inteiriços lenhos monstruosos,
Cujos bojos, cavados pelo fogo,
Cincoenta a cem guerreiros abrigavam.
Era bello esse mar todo juncado
De innumeras canôas esquipadas,

Que iam como cardumes de golphinhos
Á porfia rompendo as curvas ondas,
Ao som da cantilena dos guerreiros,
Pelo bater dos remos compassada.

« Voga, canôa, que é maré de amigo;
Ligeira voga, sem temor das ondas;
São braços fortes que aqui vão remando,
Braços Tamoyos, que a remar não cançam.

« Gosto de ver-te pelo mar zingrando,
Cabeceando, levantando espuma;
Assim, canôa, assim bufando vôa,
Como esses peixes que lá vão fugindo.

« O mar stá manso, estão dormindo os ventos;
Mas p'ra o Tamoyo sempre o mar foi manso;
Eia, canôa! o teu balanço é doce
Como na terra o balançar da rêde. »

E a cantar, e a remar, como brincando,
As praias de Ubatuba emfim deixaram.

Já da crastina luz longinquos raios
Por entre os tristes arrebóes da tarde
Aos negrumes da noite o céo cediam,
Quando elles, suspendendo o afan dos remos,
De São-Vicente ás praias abicaram,
Nuas e solitarias, onde apenas
Desdobrando-se as ondas murmuravam.

Eil-os todos em terra; e logo Aimbire:
« Filhos da liberdade, assim lhes falla,
A terra em que pisais, que hoje é dos Lusos,
Já foi dos Guayanás, que agora os servem.
Sorte igual vos espera, qual tiveram
Os bravos Carijós e os Taboyaras.
Si amais a liberdade e a vossa terra,
Acabemos co'o mal na propria fonte.
Alli stão os terriveis inimigos!

Alli Tibiriçá unido a elles
Nos espera talvez. Alli captiva
A misera Iguassú vingança pede!
Ah! salve-se Iguassú. Eia, Tamoyos!
Vamos salval-a; e cada qual por ella
Como pai, como irmão, ou como esposo
Em quantos encontrar vingue-se irado. »

Tendo assim dito o exp'rimentado chefe,
Dos Francezes seguindo o sabio aviso
De atacar a cidade por tres lados,
Divide a sua gente em tres columnas,
E p'ra cada columna alguns Francezes.
Pindobuçú e o filho e mil flecheiros
Marcham p'ra o Marapé. Vai Jagoanharo
E seu pai Araray p'ra o lado opposto:
No centro marcha Aimbire: e a um tempo todos
Devem chegar e começar o ataque.

Porém Tibiriçá n'aquella noite

Co'a sua gente prompta e apercebida
Por aviso de Anchieta os esperava.
Mas como o soube Anchieta? Quem lh'o disse?
Algum Anjo talvez lh'o revelára!

O servo do Senhor, joven, ardente,
Nesse viver de ascetico eremita,
Em continuos jejuns, longas vigilias,
Prégações e trabalhos excessivos,
Tinha, á custa do corpo e dos sentidos,
As potencias do espirito exaltado;
E arroubado em seus extasis divinos,
Via co'os olhos d'alma algumas vezes
O futuro sem véo apresentar-se.
Foi n'um desses transportes estupendos,
Em que a alma dos sentidos se liberta,
Qu'elle teve a visão do mal propinquo;
Alto favor do céo, que tantas vezes,
Sempre talvez, em prol da humanidade
Que o aprecia tão mal, se manifesta.
Ah não faltam prophetas que revelem

O bem e o mal, só falta a fé que os ouça!
Riram-se alguns dos Lusos desse annuncio,
Mas de Tibiriçá a fé salvou-os.

Quando a correr p'ra villa os atalaias,
Que o chefe Guayaná postado tinha,
Novas levaram do imminente damno,
De uns a crença e os receios confirmando,
De outros tirando a duvida e incerteza,
Já dos tres principaes chefes Tamoyos
Por tres lados soavam as inúbias,
Dando signal ao concertado ataque,
P'ra os descridos tardío desengano.

Então rufando os marciaes tambores
Dentro da villa:—ás armas! todos bradam,
Ás armas, Portuguezes! Já Collaço
Seus soldados alinha, e já Ramalho
Se mostra em frente aos seus. Os mais incautos,
De subito terror apoderados,

Ás armas repetindo, ás armas correm,
Que neste caso o medo os torna alipedes.

Calmo Tibiriçá, da igreja á porta
Em defesa dos padres, firme espera
O perigo affrontar com seis mil arcos.
Talvez o unico seja em cujo peito
Tenha a inconcussa fé vencido o susto.
Cayoby, Cunhambéba, alli com elle
Tupís e Carijós guiam á pugna.

Para maior terror dos sitiados
Ao ataque os Francezes dão começo,
Seus arcabuzes juntos disparando.
Como ao som dos trovões repercutidos
Igneos fuzís nos ares serpenteam,
Assim ao som da horrivel vozeria
Que fazem os Tamoyos, junto ao estrondo

Das fulminantes armas dos Francezes,
Em torno a villa as balas sibilando
Coriscam pelos ares enfumados.

Ao medonho estridor não esperado
D'aquellas armas, que de em torno estouram;
Ao chover da metralha, que atravessa
Os tectos de sapê, levando o susto
Aos peitos feminís; de toda parte
Correm ao templo velhos e crianças,
E as mãis co'os tenros filhos em seus braços,
Bradando:—Senhor Deos! misericordia!

Alli aos pés do altar, co'os companheiros,
Humilde estava Anchieta, que prégando
Nesse dia dissera: « Quando ouvirdes
Nesta noite fatal, entre lampejos
Horrenda arrebentar a tempestade,
Vós, mulheres, crianças indefesas,
Vinde, vinde, correi á santa igreja

Pedir por vossos pais, por vossos filhos,
E por vossos maridos e parentes.
São gratas ao Senhor as debeis vozes
Dos pobres innocentes misturadas
Co'as supplicas das mãis em pranto envoltas. »

Na turma que da igreja o abrigo busca
Vai co'os filhinhos de Ramalho a esposa,
E a seu lado Iguassú, que a rogos della,
E do chefe seu pai e do marido,
Instados por Anchieta, consentira
Seu roubador trazel-a, e entregar-lhe
Para ser doutrinada e baptisada;
E assim mais branda após achal-a espera.

Em quanto dentro da mansão sagrada
Fervidas preces condoidas soam,
Entre pungentes ais e amargo pranto;
Fóra a pugna travada, porfiosa,
Rebramando ferina se encarniça.

Ao clarão dos troantes arcabuzes,
Que entre nuvens de fumo relampejam,
Vê-se um chuveiro de emplumadas frechas,
Que de todos os lados disparadas
Se cruzam, se atropellam, se abalroam,
E pelos ares pavorosas zunem;
E esse crebro zunir simula o vento
Por entre taquaraes bramindo irado.
A espessa alluvião, que no ar negreja,
Da lua o disco e o mesto alvor obumbra;
E o proprio dia convertêra em noite,
Si o sol nesse momento se mostrasse.

Não contarei os golpes e as frechadas,
E os tiros, que p'ra sempre nessa noite
Tantas almas dos corpos separaram.
Por terra em borbotões jorrava o sangue;
E o odôr do sangue, e os gritos dos feridos,
E os arquejos finaes dos moribundos,
Mais da guerra o furor exasperavam.

Cançado de espargir mortes a esmo,
Avança Aimbire os passos, e rodando
Os olhos, que o furor de sangue tinge,
Procura os principaes d'entre os contrarios,
Qu'elle veja morrer sob seus golpes.
« Traidor Tibiriçá, onde te escondes!
Cayoby! Cunhambeba! » E assim dizendo,
Com Braz Cubas se encontra. « És tu? lhe brada;
Dei-te a vida, e tu vens buscar a morte? »
—Venho vingar-me; o Portuguez lhe volta:
Vil escravo, selvagem! reconhece
Em mim o teu senhor, que vem punir-te.—
E assim dizendo lhe desaba o golpe,
Que apenas resvalou na maça do Indio.

« Tens a lingua mais forte do que o braço;
Pouca é a gloria de tirar-te a vida.
Si a queres, eu te a deixo; e tu bem sabes
Si dessa vida alguma vez fiz caso.
Mas vem comigo e mostra-me primeiro
Onde jaz Iguassú, e quem roubou-a. »

O Portuguez, que o julga alheio á lucta,
Calcula o lance, ironico dizendo:
—Quero poupar-te a magoa de choral-a.

« E eu a infamia da vida que te pesa. »
E co'a prompta resposta um prompto golpe
Acerta-lhe o Tamoyo, e a um tempo soam
Resposta e golpe, e do infeliz a queda.
« Dar-te não posso a morte que mereces
Lenta e cruel; n'um só momento morre;
Tenho pressa. » E o deixou nadando em sangue.

Como o ardente tufão vôa o guerreiro,
Por toda parte semeando estragos.
Parabuçú, que o irmão vingar deseja,
Com quantas frechas sólta a morte envia.
Pindobuçú, que a filha crê perdida,
Odiando a vida e procurando a morte,
Proezas faz que o proprio filho inveja;
Porém a morte aos temerarios foge.

O ancião Coaquira não desmente a fama
Que em annos juvenís colheo brioso.
Como a onça esfaimada e furiosa,
Bramindo anda Araray; corre-lhe o sangue
Da ingente maça ao incançavel braço,
Que vibrando sedento prosta e mata,
E junca o chão de mortos e feridos.

Entre os mais bravos do contrario lado
Se ostenta Cayoby, e se recorda
Que já contra Francezes e Tamoyos
Bravo em Villegagnon foi acclamado.
Não quer ceder-lhe a palma Cunhambéba,
Nem no zelo christão, nem na bravura;
E ambos por toda parte se assignalam.
O valor portuguez tem em Ramalho,
E em todos os colonos Lusitanos,
Novos, valentes braços que o sustentam
Nessa nocturna, encarniçada lucta,
Quaes sempre os teve nas diversas partes

Da Europa, Africa e Asia, onde seu nome
Com sangue escripto fez-se heroico e grande,
Ao seu vate immortal inchando a tuba,
Que esses duros engenhos mal pagaram.

Mas quem te negará, Cacique illustre,
Entre os mais fortes o lugar primeiro?
Gloria a Tibiriçá, gloria a teu nome,
Aos teus preclaros feitos e á constancia
Credora d'hymno excelso, com que sempre
Essa nascente igreja defendeste,
Fonte primeira nesta inculta plaga
Da luz sublime e santa que a illumina,
E hoje immenso fulgor sobre ella estende!

Onde vais, Jagoanharo? impetuoso,
Temerario mancebo! Não te basta
Tanto sangue espargido por teu braço?
Cega-te o orgulho do vigor dos annos?
Não vês, não ouves, de pavor não te enche

Essa ave negra, que voou da igreja,
E a teu lado passou triste gemendo?
Buscas Tibiriçá! Medir-te queres
Com quem tremer fizera o proprio Aimbire?
Lamento o teu furor! A morte buscas!

« A mim, Tibiriçá! brada o arrogante. »
Eil-os no adro da igreja que se encontram!
Tio e sobrinho se olham; por um pouco
Hesitam si travar devem a lucta.

—Que vens tu procurar?—diz-lhe o Cacique:
Desta espada não vês pendente a morte?

« Não a temo, replica-lhe o mancebo.
Entrega-me Iguassú, que alli 'stá dentro.
Um profugo dos teus certificou-me
Que alli a vira entrar com tua filha.
Vai buscal-a; senão irei eu mesmo. »

E assim dizendo, para a porta investe.
Porém Tibiriçá frio, impassivel,
Qual da foz do Janeiro a ingente mole,
Ante a porta da igreja se colloca.
A par da Cruz de Christo que o decora,
Brilha em seu peito um aureo relicario,
Que sobrenatural força lhe inspira,
E calmo o faz e sobranceiro a tudo.
Elle só contra todos combatêra,
Certo que não é dado á dextra humana
Tirar-lhe a vida tão votada á igreja!
O que não póde a fé n'alma do crente?!

Ousa o joven levar-lhe a mão ao peito
P'ra arrancal-o d'alli; mas empurrado,
Recúa tropeçando, e pouco falta
Que por terra não caia: onda arrojada
Repellida assim é por duro escolho.
Ligeiro se equilibra; e o pejo e a raiva
Satanico furor lhe accendem n'alma,
Nervos, arterias, musculos lhe inchando.

De colera convulso, co'as mãos ambas
Levanta a ingente maça e a descarrega;
Mas a espada do placido Cacique
Apara o golpe, pela maça entrando,
E encravada se quebra. Braço a braço
Se atracam, luctam, corcoveam ambos;
Ambos como um só corpo rodopiam,
Suam, fumegam, rugem: treme a terra,
Espuma Jagoanharo, o tio o aperta,
De si o arranca, o balanceia, o arroja.
Arfa, empina-se o indomito mancebo,
Já não homem, mas fera; e salta, e investe
Com força tal que derrubára um tronco
De annoso acayacá: mas como o touro, [1]
Para fincar no canguçú que o assalta [2]
Enrista as corneas pontas e as sacode;
Assim Tibiriçá, curvando o corpo,
Estica os fortes braços, e agarrando
Com força herculea o misero sobrinho,
O levanta da terra, e contra a pedra
Da soleira da igreja o arremessa,
Co'a fronte sotoposta, e a quebra, e a esmaga.

Vendo qu'inda estrebuxa, entra, e da pia
Com agua benta volta, e proferindo
As sagradas palavras, o baptisa:
« Tirei-te a vida, disse, mas ao menos
Salvo-te essa alma. » Jagoanharo expira;
E volta o vencedor a novas justas.

Que atroz carnificina! Que de horrores
A noite aos combatentes encobria!
A lua, que já mal os aclarava,
Occultou-se de todo espavorida.
E o odor do sangue, rescendendo ao longe,
Chamava os urubús, que em negros bandos
Fariscando o festim mudos já vinham.

Nessa hora Anchieta, que ante o altar prostrado,
Co'as mãos e olhos para o céo erguidos,
Ao côro gemebundo a litanía

Fervoroso apontava, de repente
Pasma, estremece, estatico alli fica
Attento olhando, como si visivel
A seus olhos celeste mensageiro
Ordem suprema lhe estivesse dando!
Cala-se o côro, e Nobrega não ousa
As preces proseguir, nem despertal-o.
Após breves instantes, como alçado
Por uma força occulta, se levanta
O ministro de Deos; olha, e direito
Vai a Iguassú; co'a mão no hombro lhe toca:
« Ergue-te, oh filha! diz-lhe, vem comigo. »
Ambos da igreja sahem. Todos absortos
P'ra deixal-os passar abrem caminho.
Onde irão! uns aos outros se perguntam.
Mas estranho prodigio esperam todos.

Pelas trevas lá vão silenciosos;
Ella cheia de assombro, a tudo alheia;
Elle como impellido, calmo e attento,
Evitando passar por onde ha sangue!

Que luz na escuridão, ou que Anjo o guia
Ao campo da batalha? Eil-o que pára:
—Aimbire! chama, e sua voz parece
Resoar em caverna harmoniosa.
Aimbire! Aimbire!—O rabido Tamoyo,
Que perto combatia, se apresenta
Todo escorrendo sangue, espavorido.
—Toma Iguassú, lhe diz, deixa-nos, parte.
Em quanto fascinado o Indio volvia
Os olhos a Iguassú, some-se Anchieta,
E andando sua voz dizia:—parte.

No mesmo instante ouvio-se o som da inubia
Dando signal de prompta retirada.
Não foi Aimbire quem o deo! Raivosos
Os Tamoyos ainda se lembraram
De accender e lançar por despedida
Os galhos seccos, de algodão envoltos,
Que deixaram ardendo; e carregando
Aos hombros os seus mortos e feridos,
Para suas canôas se partiram.

CANTO NONO.

ARGUMENTO.

Voltam os Tamoyos a Iperohy, enterram os seus mortos, e Coaquira cura os feridos.—Casamento de Aimbire com Iguassú, e de Ernesto com Potira.— Chegada de Nobrega e de Anchieta, que são bem recebidos e obsequiados.—A missa.—Reunem-se os chefes para ouvirem as proposições de paz, que lhes trazem os Missionarios.—Falla Aimbire, Anchieta, e o Francez Ernesto.— Conclusão do concilio.—Parabuçú e alguns Indios tentam assassinar os dous religiosos, mas á vista delles recuam.—Dissipa Aimbire todas as más intenções contra os seus hospedes.—Resolve-se Nobrega a partir para São-Vicente, a fim de concluir a paz com os Tamoyos, entre os quaes fica Anchieta.

A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

CANTO NONO.

De volta a Iperohy, sitio selvoso,
Perto do Cairuçú e de Ubatuba,
Os Tamoyos seus mortos enterraram
No meio do alarido das mulheres,
Que oito dias choraram sobre as campas.

Entre todos Coaquira, apregoado

Tanto pela sciencia excelsa e humana
Que ousa á morte se oppor sanando os males,
Quanto pelo alto dom dos sacros hymnos,
Cuidadoso os feridos animando,
Por modos varios lhes curava as chagas:
E dest'arte mostrava quanto é certo
Que o amor do bem, ao da verdade unido,
Pelo instincto do bello se revela.
Não te enganaste, veneranda Grecia,
Quando do sabio deos da Poesia
Filho julgaste o deos da Medicina!

De uns Coaquira acalmava as crueis dores
Com folhas virtuosas, que a Natura
Abundante produz nestas florestas;
De outros, co'um dente afiado abrindo as veias,
Correr deixava o rescaldado sangue;
A outros, ao calor de brando fogo
Os mal feridos membros de alto expondo,
Lhes seccava os humores e os curava.
Oh! por mais que infeliz e desgraçado

No estado de bruteza o homem caia,
Sempre da intelligencia a luz que o aclara
Sua origem revela e seu destino!

Aimbire cada vez mais fero e ousado,
Dos seus Tamoyos exaltando os feitos,
Para um novo combate os incitava.
« Nascemos para a guerra; assim dizia:
E o ocio é só dos vís. Pouco nos falta
P'ra extinguir essa raça de tyrannos.
Vingança Jagoanharo está pedindo.
E quem não quererá vingar o amigo?
Deixaremos em paz os que o mataram?
Impunes ficarão, jactanciosos,
Chamando-nos talvez vís e cobardes?
Cobardes nós? Jamais! antes a morte. »

Julgando os votos seus ter já cumprido
Co'o passado combate, em que a victoria
Posto que dubia para si tomára,

E por ter para nova sepultura
Os ossos de seu pai já trasladado;
Aimbire, dando a filha promettida
Ao Francez, que em consorcio lhe a pedira,
Quiz tambem premiar seus proprios feitos,
E esposo de Iguassú se declarára,
Mas só no nome esposo, p'ra a seu lado
Ver o lindo botão desabrochar-se,
Té que possa fruir de amor o nectar.
Assim destas impuberes esposas
Soem os Indios respeitar severos
A virginea innocencia, até que chegue
Das delicias a aurora. Ah tão brutos,
Tão lascivos não são, que avidos colham
De amor o fructo verde! Amava Aimbire
A sua tenra esposa, como um lyrio
Prestes a abrir o calice mimoso
Aos beijos do colibri: mas nos bosques,
Onde a Natura pouco esconde aos olhos,
O amor, sem o incentivo do mysterio,
Não mata, não subjuga os duros peitos,
Que da guerra o furor sómente inflamma.

Pindobuçú, Coaquira, e os dous amantes
Juntos em fresca tarde respirando
As auras de Ubatuba, reclinados
Na verdura de um combro ao mar fronteiro,
De elevadas ideias se occupavam.
Relatava Iguassú quanto aprendêra
Da esposa de Ramalho, e de Anchieta
Sobre as cousas de Deos e da outra vida,
E convencida quasi se mostrava:
O pai, o velho, com prazer a ouviam.
Aimbire, referindo o estranho sonho,
Ou nocturna visão, que Jagoanharo
Indo p'ra São-Vicente lhe contára,
Dos seus sobre o destino meditava,
E sobre esse futuro annunciado.

« Eu creio, elle dizia, que a doutrina
Desse Filho de Deos qu'elles mataram
É na verdade boa. Muitas vezes
A Lery e a Richer ouvi com pasmo
Fallar de um Deos tão bom, que é mesmo pena

Que por gente tão má morrer quizesse,
E depois lá do céo inda a proteja.
Todos esses que vem em nome delle,
De diversas nações e varias linguas,
Em guerra sempre estão uns contra os outros,
Lá mesmo em suas terras; e aqui dizem
Que o seu Deos não quer guerra! Todos elles
Só tratam de viver á custa alheia.
Oh! e quão loucos são, e ambiciosos!
Por um pouco de pó, por uma pedra,
Por um tronco de páo elles se matam!
Parece que tem medo que lhes falte
Terra e mar, ar e céo, aves e bosques!
Si fôssemos fazer o que nos dizem
Esses seus Abarés, em paz deixando [1]
Essa gente de tudo apoderar-se,
O que fôra de nós? Ah! bem depressa
Seriamos nós todos seus escravos!
Eis porque com tal gente paz não quero. »

Assim fallava Aimbire, quando viram

Esquipada canôa sobre as ondas
A praia demandando. Indios possantes
Afanados em pé vinham remando.
Distinguiram dous vultos assentados,
De longas, negras tunicas vestidos.
Iguassú mal que os vio reconheceo-os:
—É Nobrega o mais velho, o outro Anchieta!

—Vamos ver o que querem.—Logo os quatro
Para a beira do mar promptos desceram,
E em torno alguns Tamoyos se agruparam.
Já no alcance da voz erguem-se os padres,
E Nobregra assim falla:

« A vós, sem armas
Nós ministros de Deos nos entregamos.
Sabemos que sois bons, quanto sois bravos;
E que jamais Tamoyos recusaram
Agasalho seguro ao estrangeiro.
Mas si quereis em nós, que vos buscamos
Com proposta de paz, vingar affrontas

Que os nossos vos tem feito, eia, Tamoyos,
Disparai vossas flechas; nossos peitos
Expostos aqui stão a recebel-as,
Sem qu'os defendam nossas mãos inermes. »

—Quem nos procura em paz nos acha amigos;
Podeis desembarcar. Jamais Tamoyo,
Para dar agasalho ao estrangeiro,
Perguntou-lhe quem era, e o que queria.
De mais, ha entre nós quem vos conheça.—

Com tal resposta do sincero Aimbire,
Ferrou o lenho a praia; e os Missionarios,
Sahindo em terra, recebidos foram
Com grande acatamento. As mãos beijou-lhes
Respeitosa Iguassú, não deslembrada
Desse uso que aprendêra em São-Vicente;
E a todos mui festiva ía dizendo:
« Eis os dous Abarés nossos amigos!
São estes de quem eu vos tenho dito

Que fallam com seu Deos. De dia e noite
Para fazer-nos bem stão sempre promptos. »

Todos os principaes lhes offreceram
Suas pobres palhoças, mas Coaquira
Por mais idoso a preferencia teve;
E alegre os conduzio para seu pouso,
De toda aquella gente acompanhado.

P'ra que nada aos seus hospedes faltasse
Cada qual lhes levou algum presente
De cuias de farinha, aves e peixes,
Igaçabas de vinho e varias fructas;
E em frente da cabana de Coaquira,
Á sombra de frondosos cajueiros,
No chão pozeram tudo, sobre folhas
De banana e de inhame; e convidando
Os seus illustres hospedes p'ra meza,
Assentaram-se em roda, e sem ceremonia
Em boa paz comeram; reservando

Para o crastino dia a embaixada,
E as propostas de paz e de amizade.

Vinda a hora de dar repouso ao corpo,
Suspenderam nos cantos da cabana
Duas rêdes de palha recamadas
De pennas de sahís e de tucano;
E com ellas á escolha lhes pozeram
Lindas jovens, que os padres recusaram,
Não sem pasmo de gentes tão singelas.

Mal que a aurora raiou ao som do canto
De milhões de canóros passarinhos,
Os nossos eremitas, ajudados
Por Coaquira e alguns outros, prepararam
Tosco altar verdejante e mui florido,
Á sombra de um coqueiro, em cujo tronco
Pendia um Crucifixo, e cuja rama
De aberta e verde umbella lhe servia.
Alli o padre ancião e o companheiro,

Em alta voz cantando, celebraram
O primeiro incruento sacrificio
Que viram esses bosques. Curiosos
E pasmados os Indios, mui attentos,
De Anchieta e de Iguassú seguindo o exemplo,
Em pé ou de joelhos assistiam.
Muitos até, co'as mãos no rosto errando,
O signal de christão contrafaziam.

Entre esta gente inculta não se acharam
Templos, altares, idolos e culto;
Mas si em Tupan, seu Deos, acreditavam,
Si ouviam aos Payés, e si temiam
Os crueis Anhangás, talvez tivessem
(E quem o negará?) um culto interno,
Ou danças ou cantigas consagradas
Á deidade do bem, do mal aos genios!

Findo o sacro mysterio, os Missionarios
Co'os Caciques Tamoyos em concilio

Paz p'ra sempre e amizade propozeram,
Mostrando os gratos bens que fundiria
Para os Indios e Lusos a concordia.
Pró e contra razões se levantaram.
Em silencio os ouvintes sempre attentos,
As queixas e as respostas escutando,
Jamais o orador interrompiam.

« Em fim, Aimbire disse, si é verdade
Que desejais viver em paz comnosco,
Entregai-nos os nossos prisioneiros,
Que tendes como escravos, e com elles
Tambem Tibiriçá e Cunhambéba,
Caioby, e esse Dias, que atreveo-se
A raptar Iguassú. Estes punidos
Devem ser pelo mal que nos tem feito.
Não podemos ter paz co'os tres traidores,
Que contra seus irmãos vos dão apoio. »

Como a eloquencia apraz té aos selvagens,

E a palavra aquecida e perfumada
De santa inspiração abala os peitos,
A colera dissipa, o amor inspira,
E augmenta da razão a força e o brilho;
O venerando Nobrega, que via
Quanto o seu companheiro moço e ardente,
Mais versado na Túpica linguagem,
Com prazer pelos Indios era ouvido,
Pedio-lhe que ao Tamoyo respondesse;
E Anchieta obedecendo orou dest'arte:

« Sabei, bravos Tamoyos, que nós somos
Servos d'aquelle Deos auctor do mundo,
Qu'é pai de todos nós, e nos ordena
Que os homens todos como irmãos amemos.
Nós vos amamos, sim; e si affrontamos
Os perigos do mar e as vossas frechas,
É só p'ra obedecer ao seu mandado.
O mandado de Deos é que a verdade,
Luz eterna das almas, mais sublime,
Mais grata que esta luz que aos olhos brilha,

Vos seja em fim mostrada, dissipando
A noite em que viveis immersos no erro.
Como ao raiar do sol se abrem os olhos,
E tudo alegre renascer parece,
Assim abrir-se devem vossas almas
Á verdade que Deos por nós vos manda;
Então renascereis p'ra f'licidade,
E alegres saudareis a nossa vinda.
Crede-nos pois, Tamoyos! vis enganos
Não espereis de nós. O que for justo,
Sem que vós o peçais, nós vos faremos.
Em breve vos serão restituidos
Quantos dos vossos temos prisioneiros:
De amigos, não de escravos precisamos,
E si os fazemos trabalhar comnosco,
É que o trabalho aperfeiçôa o homem;
E os que comnosco a trabalhar se avesam,
E aprendem nossas artes, nossos usos,
Se ufanam de saber mais do que os outros,
E ao antigo viver voltar não querem.
Mas tu pedes, Aimbire, que te entreguem
O desgraçado Dias? E quem póde

Dar-te agora o que pedes? Ah! punido,
Bem punido elle foi! Talvez tu mesmo,
Nessa noite fatal p'ra São-Vicente,
Fosses quem lhe cravou no corpo a morte
Co'uma setta, que o peito atravessou-lhe.
Mortalmente ferido, pouco tempo
Após, em dura angustia blasfemando,
Morreo como vivêra o pobre Dias.
Onde estará sua alma? Ah! Deos piedoso
Como bom pai as culpas lhe perdôe.

Quanto a Tibiriçá, a Cunhambéba,
A Caioby, que pedes; onde, Aimbire,
Onde está a bondade de tua alma?
Onde a tua grandeza e lealdade,
Que uma perfidia assim de nós reclamas?
Que fé te merecêra quem trahisse
Deste modo os deveres da amizade?
Si algum nosso inimigo, algum Tapuya
Viesse aqui pedir-te as nossas vidas,

Tu, Aimbire, com quem juntos comemos,
Nos entregáras tu aos seus caprichos?
Não: jamais um Tamoyo tal fizera!
E jamais nós christãos tão vis seremos
Que amigos entreguemos tão sinceros.
Não, Aimbire, jamais! antes a morte.
E si a paz como espero celebrarmos,
Si fordes todos vós nossos amigos,
Tambem por todos vós o nosso sangue
Daremos com prazer, como por esses
De quem somos amigos, e o seremos. »

Assim fallou Anchieta, e os circumstantes
Co'um ligeiro sorriso á flor dos labios,
E um olhar entre si, o applaudiram.
E o mesmo Aimbire, que melhor que todos
Da palavra os encantos conhecia,
Posto que de vingança sequioso,
Cedeo á força da razão sublime,
E calmo respondeo por este modo:

« Apraz-me o teu fallar sincero e livre:
E si todos os teus tão leaes fossem
Como tu e o teu velho companheiro,
Jamais guerra entre nós teria havido.
A vós ambos conheço, e vos respeito,
Porque a minha Iguassú, a quem salvastes,
Grandes cousas de vós me tem contado;
Que o futuro sabeis como o presente,
E conversais com Deos, que vos concede
Tudo quanto pedís. Sei, qu'ella o disse,
Que na casa de Deos orando estaveis
Pelos vossos, na noite do combate,
Quando do céo não sei que mensageiro
A ti descendo, Anchieta, a ordem deo-te
De entregar-me Iguassú, e assim salval-os.
Eu não sei porque modo, ou porque força,
Quando com Iguassú me appareceste,
Teu olhar, teu aspecto fascinou-me,
A mim que dos Payés desprezo o mando!

« Mas quem foi que tocou a retirada,

Nesse momento que eu comtigo estava?
O primeiro signal cuidaram todos
Ser da inubia do bravo Jagoanharo;
E nesse engano os chefes o imitaram.
Mas não foi elle, ah não, que morto estava!
Quem foi então o auctor da vil astucia?
Em que mãos essa inubia atraiçoou-nos?
Sabei pois que si então nos retirámos,
Por esse engano foi, não por fraqueza.
Mas emfim esqueçamo-nos de tudo;
E por amor de vós de paz tratemos.
Uma só condição eu vos proponho,
Mas justa condição, boa p'ra todos.
Fiquem os Portuguezes muito embora
Com todas essas terras já tomadas
Aos filhos dos Tupís e dos Tapuyas,
Mas deixem-nos em paz no Guanabara:
Respeitem estas terras que habitamos;
Nunca mais aqui venham saltear-nos,
E roubar-nos os filhos e as mulheres;
Podem, sim, vir trocar o que quizerem
Comnosco em Nitheroy; porém não tentem

Jamais alli ser donos de um só palmo
Dessa terra, que é nossa; nem se atrevam
A roçar e a queimar nossas florestas,
E a vir edificar casas e villas.
Jamais, jamais consentirei que o façam.
Assim teremos paz, senão, só guerra! »

Todos os Indios com prazer o ouviram,
E justa a condição acharam todos.
Mas Anchieta, que nada promettia
Com tenção de illudir, assim replíca:

« Bravos Tamoyos, bem fallára Aimbire,
E a sua condição mui justa fôra,
Si de terras sómente se tratasse.
Terras e terras temos nós de sobra
Por todo o mundo, aquem e além dos mares.
Mas sagrado dever por Deos imposto
Nos obriga a tratar das vossas almas.
Esqueceis-vos talvez que a luz de Christo

Deve raiar p'ra vós? Qu'elle nos manda
Prégar-vos a verdade, e conduzir-vos
Á graça, á salvação, e á liberdade?
Não essa, que vos faz andar errantes,
Mas a que livra o homem do peccado,
Do dominio do inferno e da ignorancia.
E como este dever cumprir podemos
Si no meio de vós não habitarmos,
Para bem vos servir, edificando
Igrejas, casas, villas, onde o exemplo
Acheis das boas obras co'a doutrina
Que á civilisação guiar-vos devem?
Homens incultos n'uma terra inculta,
Sem haver quem os tire da ignorancia,
Naufragos são em vasto mar perdidos,
Que a morte bebem no volver das ondas.
Deos, que o mundo creou, e fez o homem
Dotado de razão e á imagem sua,
Quer que o homem tambem trabalhe e crie,
E por isso nos deo a terra bruta:
E quem desobedece á lei suprema,
Cultivar desdenhando a si e a terra,

Quasi que perde a natureza humana.
Vêde que desejais o proprio damno! »

Com ar de reflexão, que denotava
Desejo de acertar em bivio estranho,
Ia Aimbire fallar, quando temendo
Que elle fosse acceder, assim o atalha
O Franco Ernesto, de Potira esposo:

« Aimbire, antes de unir-me á tua filha
Já tinha unido a minha sorte á tua,
Certo que tu jamais consentirias
Em ter paz e amizade com tal gente,
Que de terra e de escravos não se farta.
De mais lhe tens cedido. E vós, Caciques,
Não acabais de ouvir os seus intentos?
Bem preciso ante vós fallou Anchieta.
Do bello Nitheroy nas ferteis margens,

Que ha muito os Portuguezes vos disputam,
Querem elles erguer villas e igrejas,
E assim a seus escravos reduzir-vos,
E de todo esbulhar-vos dessas terras,
Dessas tão poucas terras que vos restam.
E onde estarieis já sem o soccorro
Que os Francezes amigos vos tem dado
Na defesa dos vossos patrios ninhos?
Onde irieis agora, como as aves
Chorando quando os ninhos vêem tomados
Pelas serpes, que os ovos lhes devoram?
Onde irieis achar remoto asylo
P'ra tão grande furor de perseguir-vos?
Promette-vos Anchieta doutrinar-vos,
E instruir-vos na lei de Jesus Christo!
Mas quem de vós lhe pede esse serviço,
Que caro pagareis co'a liberdade?
Falta acaso entre nós quem vos instrua?
Não temos nós Lerys, Richers não temos,
Chartiers, e outros muitos, que a verdade
Melhor mostrar-vos podem, sem roubar-vos
A vossa liberdade e independencia?

E em troco desses bens, que a tudo excedem,
Que outro bem estes padres vos promettem?
A civilisação? . . . Fatal presente!
A civilisação qual dar-vos podem,
Qual ao vencido o vencedor concede,
Vos inspirára horror si a conhecesseis.
Eu, que nella nasci, eu que a conheço,
Della fugi p'ra sempre. Embora digam
Que homens incultos sois em terra inculta:
Antes, antes assim. Aqui ao menos,
Longe dessas nações civilisadas,
Somos todos iguaes. Ninguem de fome
E afadigado morre sem asylo,
A par do rico, que no fausto vive
Á custa do suor da pobre gente!
Aqui o que Deos dá pertence a todos.
Aqui não ha tyrannos, nem escravos,
Não ha ferros, prisões, não ha fogueiras,
Que elles do Santo Officio denominam,
Onde frades infames, furibundos,
Queimam por cousas vãs as creaturas,
Homens, mulheres, velhos e crianças!

Oh vergonha da Europa! E Reis, e Papas
Protegem essa infamia! Oh crime horrendo!
Oh impostura atroz!... Filhos dos bosques,
Homens da Natureza! Deos vos livre
Da civilisação que dar-vos querem.
Outra sorte melhor vos reservamos,
Nós, que de tantos crimes indignados
Fugimos para sempre á velha Europa.
Nós, que viver comvosco desejamos
Como vossos irmãos, como homens livres,
Ensinando-vos tudo o que sabemos.
Comvosco em Nitheroy p'ra sempre unidos,
Pelos laços de amor e de amizade,
Uma nação faremos, nova e grande,
Livre, forte e temida, e sem exemplo.
Para nos proteger nesta alta empreza
Temos em Nitheroy novo soccorro
De algumas náos francezas, apinhadas
De homens todos como eu vossos amigos.
Outras viráõ após com gente nova.
Nada temais, Tamoyos! Decididos
Podeis zombar dos inimigos vossos,

E dizer corajosos:—Portuguezes,
Paz comvosco e alliança não queremos. »

Bem respondêra Anchieta ao calvinista,
Si Aimbire interrompendo não bradasse:
« P'ra que tanto fallar inutilmente?
O qu'eu disse está dito; e terminemos.
Restituam os nossos prisioneiros;
E si quizerem paz, em paz nos deixem. »
E á longa discussão assim poz termo.

Ia soando a nova que chegados
Eram a Iperohy os Missionarios,
Dos quaes dizia Ernesto, e alguns selvagens,
Serem duas espias disfarçadas,
Vindas p'ra ver o campo dos Tamoyos,
E dar aviso aos seus, que após viriam
Por sorpresa atacal-os. Como o embuste
Azas parece ter, e accesso facil

No humano coração, a crer propenso
Sempre em tudo que é máo; um tal boato
Pelos sertões voando, e logo crido,
Alvoroçava os animos dos Indios,
Que em chusmas vinham p'ra matar os padres.
E até Parabuçú, que longe estava,
Correo a Iperohy, dos seus seguido;
E inopinado entrando na cabana
Que abrigava os dous santos eremitas,
Os achou de joelhos, co'as mãos postas;
E suspenso ficou, vendo esses corpos
Que o continuo jejum emmagrecera;
E essas mãos descarnadas, e essas faces
Pallidas, transparentes como a cêra
Que se queima no esquife dos finados;
E com pasmo os olhava. A voz erguendo,
Calmo lhe disse Anchieta: « P'ra que tantos
E armados contra duas creaturas
Fracas e sem defesa? Uma criança
P'ra tirar-nos a vida bastaria!
Eia, Parabuçú! Eis-nos immoveis;
Bem nos podes matar como quizeres. »

Envergonhado o Indio retirou-se,
Dizendo aos companheiros: « Dai-lhes antes
Alguma cousa que lhes mate a fome,
Que elles de fome e de fraqueza morrem. »

Soube Pindobuçú que era chegado
Seu filho a Iperohy com tal intento;
E já corria a soccorrer os padres,
Quando com elle, que d'alli voltava,
No caminho encontrou-se; e ouvindo o caso,
Disse: « Oh Parabuçú, meu bravo filho,
Tu me enches de alegria por não teres
Manchado as tuas mãos no sangue insonte
Dos grandes Abarés nossos amigos.
Respeita-os sempre, e nunca mais medites
Fazer-lhes mal algum; antes defende-os. »

Porém alguns dos Indios, não convictos
Da virtude dos dous religiosos,
Apezar dos esforços de Coaquira

E de Pindobuçú em defendel-os,
Contra elles murmurando, persistiam
Na barbara intenção de assassinal-os.
O que sabendo Aimbire, irado e presto
Foi ter co'os turbulentos, e lhes disse:
« Saibam todos qu'eu dei minha palavra
A estes Abarés, que aqui podiam
Comnosco estar sem susto; e quem matal-os
Co'a vida pagará o infame arrojo. »
E assim os máos intentos se acabaram.

Tendo dest'arte os padres conseguido
Dos Tamoyos ganhar a confiança,
Disse Nobrega a Anchieta: « É necessario,
Irmão José, que o tempo aproveitemos,
E que vá um de nós a São-Vicente
Patrocinar a causa destes Indios;
Dizer o que aqui temos visto e feito;
Pedir que os prisioneiros restituam
Para satisfação do nosso empenho;

Escrever p'ra Lisboa, e p'ra Bahia,
Rogando a Mem de Sá que sem demora
Mande gente p'ra o Rio de Janeiro
Fundar uma cidade, antes que o façam
Os astutos Francezes protestantes,
Que com grandes promessas e bom trato
Vão ganhando a affeição destes selvagens,
E com tal arte aos nossos se avantajam;
Que infelizmente os nossos Portuguezes
Querem tudo levar a ferro e fogo.
E quem de nós ficar, não fica ocioso,
Que tem de apostolar entre gentios,
Entregue a privações, á morte exposto,
E sujeito aos embustes do demonio.
De todos estes inimigos do homem
Na lucta assidua triumphar deve elle
Para gloria de Deos, e honra da igreja. »

« Padre, responde Anchieta, si consentes,
Escolho aqui ficar. Tua palavra
Tem mais autoridade em São-Vicente.

É justo que os trabalhos se repartam
Segundo as aptidões e as forças nossas. »

—Sempre modesto e corajoso escolhes
Os maiores perigos. Assim seja:
Caia o peso maior sobre o mais forte.—

Tendo nisso assentado os dous amigos,
Seus intentos aos Indios expozeram,
E qual dessa partida a justa causa.
E os Tamoyos, que muito nelles criam,
Contentes co'a ficada de Anchieta,
Na partida de Nobrega assentiram.
E tudo emfim disposto, pezarosos
Os dous santos varões se separaram.

CANTO DECIMO.

ARGUMENTO.

Grandeza d'alma de Anchieta.—Suas diversas occupações entre os Tamoyos: cura, catechiza, e compõe um poema latino em louvor da Santa Virgem.—Impacientam-se os Tamoyos com a tardança da resposta de Nobrega.—Annuncia-lhes Anchieta que em tres dias receberão noticias de paz.—Chega com effeito Cunhambeba no dia prefixo, trazendo cartas de Nobrega, os prisioneiros e presentes.—Regressa Anchieta para São-Vicente.—Pouco dura a paz.—Chega o Capitão-mór Estacio de Sá ao Rio de Janeiro, e começa a fundar a fortaleza da Praia Vermelha e a Cidade velha.—Vai Aimbire atacar os Portuguezes.—Prolonga-se a guerra.—Estacio de Sá manda Anchieta á Bahia pedir soccorro a seu tio Mem de Sá.—Vem este, trazendo a seu bordo o Bispo D. Pedro Leitão, e Anchieta já com ordens sacras.—Em dia de São Sebastião atacam os Portuguezes as trincheiras de Uruçú-merim e de Parnapicuhy, onde Estacio de Sá é mortalmente ferido.—Morte de Iguassú e de Aimbire.—Fundação da cidade do Rio de Janeiro.—Anchieta dá sepultura em suas praias aos cadaveres dos dous esposos.

A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

CANTO DECIMO.

Quanto me apraz a egregia heróicidade
Do illustrado varão, que não movido
De affecto vil, mas só de amor guiado,
Mil perigos e a morte assoberbando,
Todo se sacrifica a bem dos homens!
Que outra virtude a tanto amor iguala?
Nesta mansão de cardos e de espinhos,
O vero heroismo, que o dever só segue,

Floridas c'roas p'ra exultar não busca,
Nem os applausos e o pregão da fama:
Mas nem por isso o merecido encomio
Lhe negue a Musa da virtude amiga;
Antes mais sonorosa a voz erguendo,
Faça o mundo entoar do justo o nome.
Anchieta, de ti fallo! e o céo conceda
Que eterno o nome teu sôe em meus versos.

Interprete sincero da lei santa,
Que o Cordeiro de Deos legou aos homens,
Anchieta, igual no amor, no zelo ardente
Aos que da morte o Vencedor ouviram,
Todo se consagrava a bem dos Indios,
Praticando as virtudes que ensinava
No meio desta gente inculta e fera.

Sua alma pela fé purificada
Era como um altar da caridade,
Que em todos os seus gestos transluzia,

E sublime expressão lhe dava ao rosto.
Seu descarnado corpo, enfermo e fraco,
Só por essa virtude roborado,
A todos os trabalhos se amoldava.

Inda dormia a virgem Natureza,
E os alados cantores somnolentos
O hymno matinal não gorgeavam,
E já essa alma activa, que a seu corpo
Poucas horas só dava de repouso,
Anticipando o albor da rosea aurora,
Alerta erguia a Deos seu primo arroubo;
E do dia afanoso que o esperava,
Distribuindo as horas e os trabalhos,
Forças pedia ao céo p'ra tanta lida.

Com todos repartindo os seus cuidados,
Ia pela manhã colher nos bosques
Plantas medicinaes, qu'elle levava
Aos que enfermos jaziam, já deixados

Dos seus rudes, ineptos mezinheiros,
Que si algum tanto o mal lhes resistia,
Depressa desistiam de cural-o;
E elle mesmo, o remedio preparando,
Lhes dava carinhoso, e os animava
Com palavras de affecto e de conforto,
Que a esperança e o vigor infundem n'alma.
E a não poucos roubando á morte certa,
P'ra o rebanho de Christo os conquistava.
No clinico exercicio muito assiduo
O seguia Coaquira, ora aprendendo,
Ora a practica sua revelando.

Nessas horas do dia em que os Tamoyos,
Depois da caça, juntos repousavam
Sobre a fresca verdura, á sombra amiga
Do bosque protector vizinho á taba;
E sorvendo e soltando o fumo odoro
Dos tubos de taquara, que embocavam,
Cheios de seccas folhas de pituma, [1]
Se aprazem a ouvir estranhos casos,

E a memorar seus feitos e combates;
Anchieta, sempre assiduo em doutrinal-os,
Alli se apresentava e lhes fallava
D'alma, da vida eterna, do futuro,
Do premio e do castigo além da morte,
Da gloria perennal, pura, celeste
Aos justos reservada, e dos horrores
Desse Inferno em que os máos vão abysmar-se.
Contava-lhes de Christo a santa vida,
Seu infinito amor aos homens todos,
E o tremendo, sublime sacrificio
Do seu sangue vertido p'ra salvar-nos.
E jamais dessa morte elle fallava
Sem que os olhos de lagrimas se enchessem.

Como de Antão, nos ermos, a virtude
Os corações das feras abrandava,
Assim de Anchieta as vozes commoviam
Os peitos desses homens da Natura,
Que p'ra melhor ouvil-o, pouco a pouco
Erguendo-se da terra, se formavam

Em torno delle em circulo compacto.
E quando o eremita, respirando,
Seu vehemente discurso suspendia,
Questões sobre questões lhe dirigiam,
Ora Pindobuçú, ora Coaquira,
Sobre os pontos sublimes que os tocavam.
E Iguassú, que aprendêra em São-Vicente
A doutrina de Christo, a vida e as obras,
Do seu saber ufana, ora chamava
A attenção das mulheres que o escutavam,
Ora lhes repetia o que ia ouvindo,
Como p'ra mais gravar-lhes na memoria
As cousas que mais gratas lhe soavam.

Só Aimbire em silencio tudo ouvia,
E no fim perguntava ao Missionario:
—Acaso os Portuguezes não conhecem
Essa santa doutrina que nos pregas?
Como pois contra nós em guerra assidua,
Sem medo de seu Deos, crueis se mostram?
Ou porque elles de Deos ao Filho adoram,

Lhes é dado o poder de perseguir-nos?
Si elles do céo ás leis desobedecem,
Que Deos é esse então que os deixa impunes,
E vem por tua bocca ameaçar-nos?—

« Livres os homens são, lhe respondia
O illustrado varão; de livre impulso
Quer Deos que os homens seus preceitos cumpram,
Sem o que nenhum merito teriam.
Nem todas essas arvores regadas
Pelas aguas do céo dão fructos doces;
Mas vós que os bons colheis p'ra alimentar-vos,
Não destruis os troncos dos acerbos.
A grandeza de Deos dá vida a tudo,
E tudo serve a Deos por modos varios.
Elle tudo conhece, e a nenhum deixa
Sem premio ou sem castigo na outra vida. »

Com estas e outras practicas continuas
Anchieta os dias seus santificava.

No meio dessa virgem Natureza,
Onde pouco o recato occulta aos olhos
O aguilhão de paixões concupiscentes,
Elle moço e severo, p'ra furtar-se
A pensamentos vis e ao ocio indigno
Que embala os corações em devaneios,
Votos fez de cantar na Lacia lingua
A pureza da Virgem Soberana,
Que os castos pensamentos apadrinha
D'alma que ao throno seu a fé sublima.

Quando entre o céo e o mar o sol no occaso
Seus ultimos fulgores dardejava,
Tingindo o berço seu de um mesto roxo;
Nessas placidas horas em que os bosques
Se cobrem de sombria magestade,
Ia o vate christão meditabundo
Vagar sósinho na deserta praia,
Co'a mente cheia do celeste assumpto
Que em versos de seus labios derramava.
Como p'ra vel-o, e alumiar-lhe os passos,

Entre os cirios do céo se erguia a lua,
Longa zona argentina reflectindo
Sobre o mar salpicado de ardentia:
Disseras ser um rio de luz pura,
Que de vulcão celeste á flux surgindo,
Em campo diamantino deslizava.

Ao fulgor dessa luz tão cara aos vates,
Elle co'o seu bordão ia escrevendo
Seus espontaneos versos sobre a areia,
Que das vagas os beijos alizaram;
E na firme memoria recolhendo
Essa correcta pagina, deixava
Que o mar na enchente lhe varresse os traços.

Quantas vezes Aimbire receioso
Desse nocturno vaguear na praia,
Se escondia co'os seus, e o surprendia
No poetico arroubo murmurando;
Ora os olhos p'ra o céo erguendo e os braços,

Ora co'a dextra compassando a ideia.
E certos qu'elle só com Deos fallava,
Para a cabana após o acompanhavam.

Uma voz se espalhou que alli notou-se
Branca pomba adejar em torno ao vate.

Oh mil vezes feliz a alma sublime
Que abrazada no fogo da poesia,
Tudo que a toca de harmonia envolve,
Como a flor embalsama o ar que a beija!
Oh certo, quando Deos mandou que o homem
Fallasse, e elle fallou cheio de assombro,
Foi n'um hymno de amor que a alma em seus labios
Espontanea expressou seu pensamento.

Cantava Anchieta: e que al fazer podia
Que mais grato ao céo fosse em tal soidade,
Em horas taes que o vulgo ao ocio entrega?

Mas quem alli seus cantos entendia?
O céo, o puro céo, p'ra quem cantava;
Esse céo que o inspirava; e após, mais tarde
Biblicos hymnos inspirou a Caldas,
E a São Carlos os cantos numerosos
Da siderea Assumpção da Santa Virgem.
Esse céo, onde os Anjos já sabiam
Os nomes de Durão, dos Alvarengas,
De Bazilio e de Claudio, e de outros vates,
Que em seculos futuros assomando,
A terra do Cruzeiro honrar deviam.
Inspire-me esse céo, que vio-me infante
Nos braços maternaes beber co'a vida
Esse amor da harmonia que afagou-me;
E possa ouvir meu canto derradeiro,
E o meu suspiro extremo, nessas terras
Do saudoso Carióca, onde descançam
Os ossos de meus pais. E Deos conceda
Que junto aos ossos seus meus ossos jazam.

Nessas lucubrações que a mente apuram,

Nesses santos trabalhos que edificam,
Via o servo de Deos tranquillamente
Dias, semanas, mezes ir passando,
Sem o peso sentir do sacrificio.

Cinco signos o sol passado tinha,
Do Gemini á Libra percorrendo,
Desde que alli vivia o anachoreta;
E já o ardente chefe dos Tamoyos
Longo achava o armisticio, e demorada
De Nobrega a resposta promettida,
Que os ajustes de paz ratificasse.
Os Francezes, instructos nas fallacias
Com que em casos taes a gente culta
P'ra illudir o inimigo temporisa,
A não mais esperar os incitavam.
Além disso temiam que os Tamoyos,
Os conselhos seguindo de Anchieta,
Por esperanças vãs, e iguaes promessas,
Desistissem da guerra e se espalhassem.

E elles sós nestes bosques contra os Lusos
Nem as vidas se quer salvar podiam.

Mas o chefe selvagem, cujo peito
Nem medo, nem vilezas abrigava,
Calmo lhes respondia: « Nada temo.
Tarda a resposta, é certo; e já me cança
Este longo esperar: porém Anchieta
Foi quem nos procurou co'o seu amigo,
E ambos por esta paz muito se empenham.
Elle não mente, nem fugir procura,
E confiado em nós tranquillo vive.
De que pois receiar? Que nos illudam?
Bem caro pagarão si a tal ousarem.
Não temos nós Anchieta em poder nosso? »

Já contrarias razões os indispunham,
E a zizania no campo apparecia,
Quando o santo ermitão veio dizer-lhes,

Que uma celeste voz lhe annunciára
Que como o sol tres vezes se mostrasse,
Antes de transmontar a vez terceira
Novas de paz ao campo chegariam.

Entre a duvida e a crença vacillantes,
Mas curiosos todos, acudiram
Quaes desde o amanhecer, quaes desde a sesta,
E a praia encheram na aprazada tarde.

Com espanto e prazer tumultuario,
De uma ponta de terra surgir viram
Esquipada canôa, já vizinha,
Demandando a enseada. Indio galhardo
Na prôa vinha em pé, fazendo acenos
Em signal de amizade.
—Donde vindes?
Toda a chusma bradou.
« De São-Vicente.
E de paz boas novas vos trazemos. »

Quem tal resposta deo foi Cunhambeba,
Que mal saltando em terra, co'os Tamoyos
Á liberdade e aos seus restituidos,
Genuflexo beijou a mão de Anchieta,
E uma carta de Nobrega entregou-lhe.
E sem mais esperar indo á canôa,
Dalli voltou com todos os remeiros
Carregados de agrarios instrumentos,
Panos de vivas côres e avellorios,
Que aos pés do padre em montes depozeram.

Lida a carta e exultando, assim se explica
O servo do Senhor: « Foi Deos servido
Minhas preces ouvir, e dar-me annuncio
Desta paz que ora vejo confirmada!
Infinita de Deos é a bondade!
Altos, inexcrutaveis seus mysterios!
Graças demos ao Céo. Não mais da guerra
Nos divida o furor. Cessem os odios,
Apaguem-se as lembranças do passado,
E vivamos em paz, oh caros filhos,

Como Deos quer que irmãos entre si vivam.
Recebei, reparti estes presentes,
Penhores d'amizade que nos une;
Instrumentos de paz, deixai por elles
Essas armas crueis tintas de sangue.
A terra cultivai, luctai com ella,
Que assim domam-se os barbaros instinctos.
Eu vos devo deixar; e assaz me custa
Separar-me de vós: porém minha alma
Lembrados vos trará. Em toda parte
Em mim tereis um defensor e amigo,
Testemunha de vossa lealdade. »

« Só por amor de ti, voltou-lhe Aimbire,
Acceitamos a paz que, não pedida,
Nos vieste propor co'o teu amigo.
Vê bem que a tua gente a não quebrante,
Que entre nós ninguem falta ao promettido. »

Inda essa noite alli juntos passaram,

Mas a crastina aurora separou-os.
Cada qual nesse ensejo ao peregrino
Trouxe por despedida alguma offrenda
De pelles de animaes, aves e fructas,
Parcos dons, que o amor encarecia.

Jamais com tanta dôr, com tanto choro
Ternos filhos o pai viram saudoso
Partir dos braços seus p'ra longes terras;
Nem do amor filial mais convencido
Mesto pai de seus filhos separou-se.
Pindobuçú, a filha e o ancião Coaquira,
Cujos peitos a fé mais penetrára,
Com vehementes instancias lhe rogavam
Que depressa voltasse áquellas plagas,
Onde por elle a suspirar ficavam.
Anchieta o prometteo; e da canôa,
Que de um tiro amarou-se, abençoou-os.

Quão pouco os embalou a doce crença

Dessa paz mal firmada. — Ai! pobres Indios!
A paz que vos outorgam taes senhores,
Que de tudo que é vosso se crêm donos,
É a vida de escravo, e o dever cego
De ceder-lhes a terra, e obedecer-lhes.
Tal é a paz que ao fraco outorga o forte,
Que a despeito da voz da consciencia
Tem convertido a força em jus sagrado,
E em suprema razão o vil egoismo.

Grosso enxame de profugos Tamoyos
Alli chegou, com Guaxará seu chefe,
Dando a nova fatal que a Lusa frota,
Com grande estrondo o Guanabara entrando,
Gente sem conta despejára em terra.

Era Estacio de Sá, que obedecendo
Da Augusta Catharina ao regio mando,
Com duas náos deixára a foz do Tejo,
E alli era chegado co'o reforço

De mais dous galeões, que na Bahia
Lhe dera Mem de Sá, seu nobre tio,
Governador geral destes Estados;
E outros navios, barcos e canôas,
Com que se reforçára em São-Vicente,
Dalli trazendo grande copia de Indios,
E os Missionarios Oliveira e Anchieta.
Ordens trazia de expulsar os Francos
De todo o Nitheroy, e em suas margens
Do Janeiro á cidade dar começo,
Como já Mem de Sá proposto tinha.

Junto do alto penedo Pão d'Assucar,
Balisa natural do immenso golpho,
Já o Capitão-Mór entrincheirado,
De forte praça os bastiões erguia
Na praia que Vermelha hoje chamamos.

Como ao som de um trovão inesperado
Mudas e quedas por um pouco ficam

As aves que chilravam saltilantes;
Mas passado o momento da surpreza
Em confusas bandadas vão gritando:
Assim por breve espaço estatelados
Alli ficaram todos com tal nova,
E suspensos se olhavam; mas ao pasmo
Succedeo o furor; e pelo campo
Correndo em confusão, iam bradando:
« Guerra! guerra! Corramos! temos guerra! »
E sem mais esperar de Aimbire as ordens,
Armados p'ra marchar se apresentaram.

« Bem eu vos amoestei, dizia Ernesto,
Genro de Aimbire, que esta gente iniqua
Nos queria trahir com vãs promessas!
Bem eu vos amoestei que repellisseis
A proposta de paz, infame engodo
Com que temporisar só procuravam.
Vède si eu me enganei! Eil-os agora
Que reforçados vem, jactanciosos,
Da vossa boa fé dar-vos a paga. »

No furibundo olhar do irado Aimbire
Despeito, odio, vingança flammejavam.
Do Francez as palavras como espinhos
Mais o picavam que a fatal noticia;
E o silencio da colera rompendo:
« Antes assim! bradou. Agora ao menos
Melhor conhecem todos o inimigo.
Acabou-se a piedade; e dura guerra,
Guerra de morte aos perfidos faremos.
Ronque da marcha a inubia; á guerra vamos,
E por terra e por mar, eia, partamos. »

Todos da guerra o brado repetiram,
Menos os dous anciãos, que se lembravam
Das prégações de Anchieta, e já temiam
O castigo do Céo, e o fogo eterno.

« Que ides fazer? Pindobuçú bradava:
Sabeis vós que intenção traz essa gente!
Si ella vem contra nós, ou contra os Francos,

Que inimigos são seus? Deixai, oh filhos,
Qu'elles lá entre si sem nós se matem. »

Do outro lado Coaquira ia dizendo:
« Não quebremos a paz que promettemos
Ao amigo de Deos, que p'ra salvar-nos
Nos veio procurar. Os Portuguezes
Mais fortes do que nós a paz pediram,
É que comnosco em paz viver desejam.
Porque iremos sem causa provocal-os? »

Estas e outras razões iam soltando
Os dous prudentes velhos convertidos:
Mas todos vozeando caminhavam,
Sem prestar-lhes ouvido. Só Aimbire
Indignado bradou:—Velhos, calai-vos:
Si isso é medo, ficai-vos; quem vos chama?

« Como posso ficar? volta-lhe o sogro.

Não levas tu meus filhos? E sem elles
De que me serve a vida, que me pesa?
Irei morrer com elles a teu lado;
Que si hoje algum temor me esfria os membros,
Não é da morte, ah não! é do castigo
Qu'esse terrivel Deos reserva áquelles
Que desprezam as leis dos seus ministros. »

« Quem vai crer no que diz gente tão falsa?
Replicou-lhe o guerreiro destemido.
Quão diverso te vejo do que foste!
Pensa em teu Comorim qu'elles mataram:
E despreza de Anchieta as ameaças,
E os contos vãos com que turbou-te o siso. »

Nada mais disse o velho. O extincto filho
N'alma vagou-lhe; e um ai roçou-lhe os labios.

Eil-os em fim a Nitheroy chegados;

E á vista das muralhas mal erguidas
Da nova fortaleza, onde tremúla
Das Quinas o estandarte, enfurecidos
Investem os Tamoyos, disparando
Settas e settas, que lhe chovem dentro.
Das trincheiras bramando os arcabuzes,
Entre raios e fumo a morte espargem.
Redobra-se o furor de dia em dia;
Repetem-se os ataques; dura a guerra;
Succedem-se as ciladas. Longos mezes
Se devolvem na lucta porfiosa.
Aimbire não repousa; a sua gente,
Ceifada pelas flechas e pellouros,
Com reforços continuos se renova.

Duas vezes a terra completára
Sua orbita annual do sol em torno,
E a lucta pertinaz sem fim renasce.
Cançada anda de Estacio a forte gente,
Falta de munições e de soccorro;

E o sabio capitão, que a tudo attende,
Sobre a sorte dos seus dubio e cuidoso,
Manda Anchieta á Bahia, encarregado
De expôr á Mem de Sá suas fadigas,
E pedir-lhe efficaz, prompto soccorro,
Com que possa pôr termo ao longo pleito.

Cumpre Anchieta a missão; e ao mesmo tempo
O ensejo aproveitando, alli recebe
Do seu noviciado o augusto premio,
Que os deveres lhe impõe do sacerdocio.

Mem de Sá, cujo peito ama as fadigas
E os perigos da guerra, aprestar manda
A armada, e prompto vem, trazendo Anchieta,
Dar a Estacio soccorro decisivo.

No Aquorio signo, em meio, o sol gyrava,
Quando de Nitheroy no immenso golpho

Entrou soberba a protectora armada,
Saudando a terra e a nova fortaleza
Co'os trovões das flammigeras bombardas,
Que respondidos foram das ameias.

Ao prolongado, horrisono ribombo,
Que no vasto reconcavo resôa,
Surgem dos bosques, accorrendo ás praias,
Grandes cardumes de emplumados Indios,
Qual espessa floresta movediça,
Que do mar de improviso assombra as margens.

Vê-se entre elles Aimbire, olhando attento
Para a armada fatal. Na capitanea
Fitos os olhos tem; e a reconhece:
—É Mem de Sá!—murmura. E do passado
Cruel recordação lhe aviva n'alma
Do forte Coligny o atroz combate,
E põe-lhe o vencedor alli presente!
Essa náo, essa náo morte lhe augura!

Passa a dextra na fronte anuviada;

Mesto os olhos do mar ergue ás montanhas,
Que sublimam do golpho a magestade;
E as vai como saudando. Após os volve
De um lado e d'outro aos seus, á filha, á esposa,
Que alli com elle estão. Adeos saudoso,
O ultimo adeos, dizer parece a tudo.
De novo involuntario a náo attenta;
E a lagrima, que a dòr lhe nega aos olhos,
Lhe cahe no coração petrificada!

—Ficaremos aqui?—Bradou-lhe Ernesto.
—Que nos cumpre fazer?—
Como acordando:
« Combater e morrer!—voltou-lhe Aimbire.
Não podemos no mar ir atacal-os;
Mas vamos esperal-os nas trincheiras
De Parnapicuhy. Da nossa gente
Em Uruçú-merim metade fique,
P'ra que melhor possamos defender-nos,
Sem tudo aventurar n'um só combate. »
Disse, e a um aceno as turmas o seguiram,
Deixando as praias que branquejam nuas.

Entretanto em concilio se reunem
Estacio e Mem de Sá, e os mais illustres
Da companhia dos dous. Conformes todos
Sobre o plano de ataque discutido,
Commette Mem de Sá a grande empreza
A seu nobre sobrinho; decidindo
Que no crastino dia, consagrado
Ao Santo Padroeiro da cidade,
Rompa a batalha ao resurgir da aurora.

Ao alvorar da fausta madrugada
P'ra a morte a brava gente se apparelha,
Com grande devoção ouvindo a missa
Que Dom Pedro Leitão na náo celebra;
E a benção do prelado recebendo,
Em rapidos bateis demanda a terra.

Já de Uruçú-merim os defensores,
Que Ernesto e Araray capitaneam,
Francezes e Tamoyos, nas trincheiras
Com pellouros e settas os recebem.
Já em terra os do mar saltando avançam

Por São Sebastião chamando todos.
Estacio os guia, ninguem teme a morte!
N'ala direita vai Gaspar Barboza,
Illustre capitão de mar e guerra;
E na sinistra Salvador Corrêa,
De Estacio e Mem de Sá primo e sobrinho,
Que por morte d'aquelle tomar deve
Bem cedo do Janeiro a governança.

Trava-se horrenda e se encarniça a lucta;
Roncam bombardas, arcabuzes troam,
Balas e frechas pelos ares zunem.
Ninguem cede em valor ao seu contrario;
E no ardor de matar ninguem se guarda.
Já nos fossos espuma o sangue em lagos,
Em que rolam cadav'res mutilados,
E sobre elles os vivos ás trincheiras,
Leões ferozes, rabidos investem.
—Victoria!—brada Estacio; e o furor cresce
De um lado e d'outro ao grito de victoria.
Inutil resistencia!... Indios, Francezes,
E os seus chefes na atroz carnificina

Mortos todos em montes cahem por terra!
Tambem alli da vida despedio-se
O bravo capitão Gaspar Barboza,
E outros muitos varões e gente ignota,
De grandes feitos instrumento inglorio.

Á Parnapicuhy os vencedores
D'alli vão gloriosos e açodados.
Lá os espera Aimbire. Eil-o! seus olhos
Parecem fuzilar vendo o inimigo.
Ao crebro trovejar da artilharia
Sua alma irada como o mar se espraia.
Não repousa seu braço; a morte o impelle,
E em cada frecha ervada um raio vibra.
Em torno delle em vão seus companheiros
Feridos cahem bramando, ou mortos rolam
Salpicando-o de sangue: elle os conculca,
E a toda parte vôa. Em vão lhe zunem
Os pellouros em torno: elle os affronta!
Das trincheiras pedaços arrancados
Curvos lhe passam sobre a hirsuta fronte.
Sobre combros de mortos e ruinas

Desafiar parece a terra e o inferno,
Que ante elle em fumo, em fogo se desfazem.
Abobadas de fumo, em que lampejam
Mil vermelhos fuzís, o azul encobrem
Do céo de Nitheroy. É noite horrenda,
Medonho meteóro onde combatem
Demonios infernaes... Aimbire! Aimbire!
Vê quão poucos dos teus já se defendem!
Em vão luctas, oh Indio! O sol que desce,
Occulto aos olhos teus por tanto fumo,
Ha de ver amanhã a cruz alçada
Nas praias do Janeiro, e della em torno,
Á voz de Mem de Sá victorioso,
Erguer-se uma cidade, a quem destina
Grande futuro o Céo. . .
Inda um momento
O Indio seguirei. Victima illustre
De amor do patrio ninho e liberdade,
Elle que aqui nasceo nos lega o exemplo
De como esses dous bens amar devemos.

Poucos lhe restam da guerreira tribu,

Que livre aqui nasceo e morreo livre.
Iguassú, sua esposa, que o não deixa,
Varado o peito, aos pés lhe cahe e expira,
Sem exhalar um ai! Pára instantaneo
O indomito Tamoyo. Ante o inimigo,
Que victoria já brada, Estacio avulta,
E uma setta de Aimbire a esposa vinga,
Ferindo o Capitão, que da victoria
Por poucos dias gozará dos louros.
Rapido após como um possesso toma
O cadaver da esposa, ao hombro o lança,
Empunha a herculea maça e feroz brada:
« Tamoyo sou, Tamoyo morrer quero,
E livre morrerei. Comigo morra
O ultimo Tamoyo; e nenhum fique
Para escravo do Luso: a nenhum delles
Darei a gloria de tirar-me a vida. »

Rabido e cego, meneando a maça,
Foi abrindo uma estrada de cadav'res
Por entre o inimigo, e ao mar lançou-se.

Quando no dia crastino os valentes
Companheiros dos Sás já destas plagas,
Que Anchieta abençoára, se apossavam,
Traçando do Janeiro os fundamentos,
E a São Sebastião um templo erguendo,
Viram nas ondas fluctuar dous corpos,
Que o mar na enchente arremessára ás praias.
De Aimbire e de Iguassú os corpos eram!
Vio-os Anchieta com chorosos olhos:
Para a terra os tirou; e nessa praia,
Que inda depois de mortos abraçavam,
Sepultura lhes deo, p'ra sempre unidos.

Excelso Imperador, que justo empunhas
O Sceptro do Brasil, onde Teu berço
Por seu ardente amor foi embalado;
Onde um só coração não ha que um throno
De amor Te não consagre; onde espontaneas
De livres cidadãos as gratas vozes
Tuas grandes virtudes apregoam:

Tu, cuja vida vivifica os germens
Da gloria nacional, que Te circunda;
Defensor do Brasil, Tu que, instruido
Dos deveres de Rei, sabes que o throno,
Barreira de paixões desordenadas,
O apoio deve ser da liberdade,
Da justiça e da paz, e o altar sagrado,
Cujo fogo perenne animar deve
Sciencias, lettras, artes, e virtudes;
Monarcha Brasileiro, acceita o canto
Que Te dedica o vate agradecido;
E faze que outros muitos mais ditosos,
Porém não mais da nossa terra amigos,
Eterna gloria dêm a Ti e á Patria.

FIM.

NOTAS

CANTO I.

Nota 1, pagina 2.

Doçura deram do Carióca as aguas.

Diz Rocha Pitta, apoiado em uma tradição, que as aguas do Carióca tem a virtude de dar boas vozes aos musicos. Vem esta crença dos Indios, por quanto os Tamoyos, que habitavam o Rio de Janeiro, eram mui dados á musica, e mui conhecidos e estimados entre todos os selvagens pelo seu talento poetico, como affirma Gabriel Soares. Por muito tempo foram os filhos do Rio de Janeiro appellidados *Cariócas* por causa do grande chafariz da sua capital, onde correm as aguas desse rio, si bem que já hoje misturadas com as de outros: e sabem todos quanto os Fluminenses amam e cultivam a musica e a poesia; e nisto como na bravura, no amor da patria e liberdade, parecem-se elles com os antigos Tamoyos.

Nota 2, pagina 5.

Feroz sucuriúba horrida ronca.

A sucuriúba é uma serpente de 40 pés de grandeza, só anda nas lagôas e pégos de aguas mortas. Atando a cauda a uma raiz ou ponta de pedra, no fundo d'agua, agarra todo vivente que se aproxima á margem, e o engole sem o despedaçar, como fazem as cobras na Europa aos coelhos: ronca debaixo d'agua ouvindo algum estrondo fóra: as lontras são os seus maiores inimigos. (Ayres do Cazal, *Corographia Brasilica.*)

Nota 3, pagina 13.

Como o guará que perde as alvas pennas.

O guará, uma das mais lindas aves paludaes, tem o corpo de uma perdiz, pernas compridas, pescoço longo, bico comprido e um pouco curvo; sem cauda. A primeira penna é branca, passado algum tempo torna-se negra, e finalmente escarlate, conservando a segunda côr nas extremidades das azas. (Ayres do Cazal, *Corog. Bras.*)

Nota 4, pagina 15.

O incendio e a morte ás tabas indianas.

Tabas são as aldeias ou praças fortes dos Indios, fortificadas com grandes cercas de madeira.

Nota 5, Pagina 16.

Já o cadaver dentro da igaçaba.

A igaçaba dos Indios é como uma talha ou vaso de barro, de largo bojo: serve não só de deposito d'agua e dos seus licores, como tambem de urna funebre, onde mettem o cadaver antes de enterral-o.

Nota 6, pagina 18.

Aqui abaixo o Comorim se alarga.

A lagôa Comorim é a mesma que tambem denominam Jacarépaguá.

Nota 7, Pagina 19.

Quem um putumujú te não julgára.

O putumujú é uma das mais lindas e importantes arvores dos bosques pela sua duração ao tempo, e intima união com o prego no cintado, altos e cobertas dos navios, em que se emprega, e é uma especie de *Rubinia Brasiliense*: o seu comprimento chega a cento e cincoenta palmos, e até vinte e cinco de circumferencia, etc. (Balthazar da Silva Lisboa, *Annaes do Rio de Janeiro*.)

Nota 8, pagina 21.

O echo de nenhum Maraguigana.

Maraguiganas eram, segundo a crença dos Indios, os espiritos ou almas separadas dos corpos, como as nossas almas do outro mundo, que denunciavam morte, e a que davam muito credito.

Nota 9, pagina 22.

Apenas ha tres sóes que uns Emboabas.

Emboabas: assim appellidavam os Indios aos Portuguezes, por causa das calças de que usavam, por analogia aos passaros desse nome, que tem as pernas cobertas de pennas até abaixo.

CANTO II.

Nota 1, pagina 34.

E o mais forte é por chefe respeitado.

Ácêrca da crença, leis e governo dos selvagens, é curioso o que diz Gabriel Soares no Cap. 150, Parte 2.ª do seu *Tratado descriptivo do Brasil*; e foi depois repetido por Simão de Vasconcellos no § 116, Liv. 1.º da sua *Chronica*

da Companhia de Jesus: « que faltavam ao alphabeto dos Indios as letras F, L, R, porque elles não tinham Fé, nem Lei, nem Rei. » Como si em todas as nações, em todas as linguas sómente assim se devessem chamar as cousas correspondentes a esses nomes! Discorrendo o primeiro escriptor acima citado sobre a falta dessas tres letras, diz: « Si não tem F é porque não tem fé em nenhuma cousa que adorem; nem os nascidos entre christãos, e doutrinados pelos padres da Companhia, tem fé em Deos nosso Senhor, nem tem verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa que lhes faça bem. E si não tem L na sua pronunciação é porque não tem lei nenhuma que guardar, nem preceitos para se governarem; e cada um faz a lei a seu modo, e ao som da sua vontade; sem haver entre elles leis com que se governem; nem tem lei uns com os outros. E si não tem esta letra R na sua pronunciação, é porque não tem rei que os reja, e a quem obedeçam, nem obedecem a ninguem, nem ao pai o filho, nem ao filho o pai, e cada um vive ao som da sua vontade. »

Mas pergunto: si assim tão brutos e independentes eram os selvagens da raça Tupica; si nada dessas cousas tinham; si em nada criam; si a ninguem respeitavam e obedeciam; si por nenhuma lei ou practica se regiam: como então acreditavam elles na existencia de um Ente Supremo, a quem denominavam Tupan? Como admittiam os espiritos malignos Anhangás, Juruparís, Curupíras e outros? Como respeitavam os seus Payés ou feiticeiros? Como com tanto agasalho recebiam os estrangeiros? Como viviam em tabas ou aldeias? Como elegiam os seus Caciques, escolhendo os mais capazes para esse cargo, si o fallecido chefe não deixava filho ou irmão com as qualidades

necessarias para isso, segundo nos assegura o mesmo Gabriel Soares? Não acreditavam elles em nenhuma cousa? Esse mesmo auctor diz: « Bastava que um Payé lhes dissesse: vai, que has de morrer, para que esses barbaros se fossem deitar nas redes pasmados, sem quererem comer, e de pasmo se deixassem morrer! » Então eram elles nimiamente credulos. Não tinham lei com pessoa alguma? Eram por conseguinte egoistas, perfidos e ingratos. E Soares escreveo no capitulo 160, parte 2.ª « Costumam mais estes Indios, quando vem de caçar ou pescar, partirem sempre do que trazem com o principal da casa em que vivem, e o mais entregam ás suas mulheres, ou a quem tem o cuidado de os agasalhar no seu lanço... Tem estes Tupinambás uma condição mui boa para frades Franciscanos, porque o seu fato e quanto tem é commum a todos os da casa que querem usar delle; assim das ferramentas, que é o que mais estimam, como das suas roupas, si as tem, e do seu mantimento; os quaes, quando estão comendo, póde comer com elles quem quizer, ainda que seja contrario, sem lh'o impedirem, nem fazerem por isso carranca! » Logo tinham lei até com os seus inimigos; eram humanos e hospitaleiros, e exercitavam, sem o saberem, uma das mais bellas virtudes do christianismo!

O Padre Simão de Vasconcellos, que no livro 1.º da sua *Chronica* repete, sem declarar a origem, aquellas desarrazoaveis reflexões sobre a falta das tres letras, cita no principio do livro 2.º os nomes de grande numero de Caciques que, convertidos á Fé com milhares de Indios » foram, como diz elle, afamados, louvados e premiados dos governadores e reis por valerosos, engenhosos, guerreiros e fieis; e o que mais é, por doceis, pios, amorosos, republicos

e christãos soffredores de todos os contrastes. » E accrescenta : « Chegaram a ter para si muitos d'aquelles primeiros povoadores, não só idiotas, mas ainda mesmo lettrados, que os Indios da America não eram verdadeiramente homens racionaes, nem individuos da verdadeira especie humana, e por conseguinte que eram incapazes dos Sacramentos da Santa Igreja : que podia tomal-os para si qualquer que os houvesse, servir-se delles, da mesma maneira que de um camelo, de um cavallo, ou de um boi; feril-os, maltratal-os, matal-os sem injuria alguma, restituição, ou peccado. E o peior é que pôz o interesse dos homens em praxe usual tão deshumana opinião. » Eis pois revelado o segredo de todas as calumnias contra os pobres Indios! Cremos que bem se póde louvar a civilisação, e apreciar os serviços prestados pelos primeiros colonisadores desta parte da America, sem que por isso necessario seja infamar e calumniar os Indios.

Nota 2, pagina 34.

De tacapes e maças de páo-ferro.

Tacapes são umas grandes clavas de páo durissimo como as clavas dos antigos cavalleiros.

Nota 3, pagina 37.

A terrivel inúbia que assignala.

A inúbia é uma especie de grande bozina, feita de páo, e usada na guerra.

Nota 4, pagina 40.

Em seus corceis ao Curultai armados.

Curultai é a assembléa soberana dos Tartaros, onde todos os homens livres comparecem a cavallo, tratam de paz e de guerra, e proclamam as suas leis.

Nota 5, pagina 44.

Descido aos campos de eternaes deleites.

Crêm os Indios que as almas dos guerreiros, separadas do corpo pela morte, vão nos corpos dos colibres habitar os campos alegres, além das montanhas que denominam *azues*, onde gozam de continuos deleites.

As almas dos máos, porém, e as dos cobardes, são, segundo elles, devoradas pelos Anhangás, genios malfazejos como os nossos demonios.

Nota 6, pagina 47.

No Guanabara estava n'um rochedo.

Este rochedo é denominado hoje Villegagnon, occupado n'aquelle tempo pelos Francezes, que nelle se haviam fortificado, sob o commando do cavalleiro daquelle nome, que ficou em memoria.

Mem de Sá, mandado pela rainha D. Catharina, com alguns navios de guèrra, d'alli os expulsou em Janeiro de 1560, quatro annos depois que os Francezes se tinham apoderado d'aquelle ilhéo, e nelle edificado o forte

Coligny, que foi demolido pelos Portuguezes. Os Tamoyos prestaram apoio aos Francezes nesse combate.

Nota 7, pagina 48.

Os seus trovões não são Tupaçunangas,
Nem os seus raios são Tupaberabas.

Tupaçunangas quer dizer verdadeiros trovões de Tupan, e Tupaberabas verdadeiros raios de Tupan; em opposição aos trovões e raios produzidos pelas armas de fogo.

CANTO III.

Nota 1, pagina 73.

Ou sejam Anhangás, ou sejam homens.

Anhangás, espiritos máos, ou phantasmas. Creio ser esta palavra composta de *Anhõ*, só, e *Angá*, alma: isto é: alma só, ou alma sem corpo.

Nota 2, pagina 77.

O ardente nanauy, e outros diversos
Saborosos licores...

Muitas especies de vinhos fabricam os Indios: do ananaz fazem o na-

nauy, do cajú o cajuy, da pacova o pacoy, do milho o abatiy, da raiz do aipim o cauy ou cauim, etc.

Nota 3, pagina 79.

Pois eu te chamarei Guaraciaba.

Guaraciaba quer dizer—cabello do sol. *Guaracy*, sol, e *aba* cabello. Nome de uma especie de colibri.

Nota 4, pagina 81.

Como um sahy de um guanumby ao lado.

O sahy é uma linda especie de passarinho geralmente conhecido. O guanumby ou goanhamby é o nome generico que dão os Indios á todas as especies de colibris.

Nota 5, pagina 83.

Troam todas as bellicas inúbias,
Marraques e urucás.

Varios instrumentos musicos possuem os Indios: a inúbia guerreira, de que já fallámos na nota 3.ª do 2.º canto: o marraque, que consiste em um cabaço cheio de pedrinhas, suspenso em um cabo enfeitado de pennas; póde ser comparado a um grande chocalho com que brincam as nossas crianças: o urucá é outro instrumento, cuja fórma não sei indicar.

CANTO IV.

Nota 1, pagina 110.

Que o grão Tamandaré depois das aguas.

Tamandaré é o Noé dos povos brasilicos. Segundo a sua tradição, esse Payé, ou Mago de grande saber, fôra avisado por Tupan, excellencia superior, que um diluvio devia inundar a terra e cobrir os montes, á excepção de uma palmeira que estava em certa montanha mui alta: nessa palmeira salvou-se Tamandaré e sua familia, alimentando-se com os seus fructos durante o diluvio; findo o qual desceram, e de novo povoaram a terra.

Nota 2, pagina 113.

Com tanto amor te dèo? Caro Araujo.

Meu amigo o Snr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, Director da Academia Imperial das Bellas Artes.

Nota 3, pagina 115

Da immovel araponga que soluça.

A araponga é um passaro branco como a neve, do tamanho d'uma pequena pomba; tem o bico largo na raiz, um pedaço depennado e de côr

verde á roda dos olhos. Este passaro pousa no tôpo da mais alta arvore dos bosques, e alli passa a maior parte do dia em um canto, que imita bem o ferrador atarracando ferraduras na bigorna. (Ayres do Cazal, *Corographia Brasilica.*)

Nota 4, pagina 117.

Que os malignos genios Macacheras,
E os ruins Juruparís os acommettam.

Macacheras são os espiritos dos caminhos; e Juruparís, espiritos máos, que Simão de Vasconcellos confunde com os Anhangás, e que talvez sejam os espiritos dos matos.

Nota 5, pagina 121.

Fugir!... que Curupira malfazejo
Inspirou-te tão baixos pensamentos?

Curupiras são os espiritos dos pensamentos, segundo Simão de Vasconcellos. Mas no *Diccionario Portuguez e Brasiliano* publicado em Lisboa vejo Juruparí corresponder á palavra diabo, e Curupira a demonio que apparece no mato. Sendo pois certo que os Indios acreditam na existencia de uns espiritos que apparecem nos bosques, inclino-me a crer serem estes os denominados Juruparís, e não Curupiras, sendo estes ultimos os espiritos que presidem aos pensamentos, como diz o citado chronista Vasconcellos.

Nota 6, pagina 122.

Como as tapiras que de tudo fogem.

Tapiras, ou antas: quadrupede da grandeza de um bezerro, timido e velocissimo na carreira; foge quando é atacado, e só resiste quando cançado já não póde fugir.

Nota 7, pagina 128.

Que mysterios são estes da Natura?

Esta feitiçaria da Tangapema vem mencionada no livro 2.°, paragrapho 17, da *Chronica da Companhia de Jesus* pelo Padre Simão de Vasconcellos, que a não põe em duvida. Os que explicam a dança e oraculos das mesas, e evocação dos espiritos dos mortos pela influencia da força magnetica-animal, o que tanto occupa actualmente a attenção publica na Europa e na America, podem explicar este phenomeno do mesmo modo, e attribuil-o á mesma causa occulta. No caso contrario poderáõ recorrer a uma explicação, que li em um dos numeros da *Civiltá Catolica* do primeiro semestre de 1853, Revista publicada em Roma por Jesuitas, que admittindo como incontestaveis os extraordinarios phenomenos do movimento das mesas e evocação dos espiritos, attribue tudo á obra do diabo. Da mesma opinião são quasi todos os bispos de França, como o declararam em suas pastoraes publicadas nos jornaes de Paris de 1853, condemnando as experiencias das mesas fallantes: opinião que acaba de ser longamente desenvolvida e sustentada com grande erudição por Mr. Eudes de Merville

em um livro dado á luz em 1854, o qual tem por titulo: *Des esprits et de leurs manifestations fluidiques*: livro bastante extraordinario para o nosso seculo.

CANTO V.

Nota 1, pagina 150.

Estes ouviram de Sumé as vozes
Junto do Itajurú...

Simão de Vasconcellos e outros escriptores affirmam que os Indios das diversas nações da America conservavam uma tradição, pela qual se collige que entre elles estivera o Apostolo S. Thomé, a quem os do Brasil chamavam Sumé. Alonga-se o mencionado Jesuita Portuguez em demonstrar ser verdadeira essa tradição; e, entre as muitas razões que allega, dá como prova da passagem do Santo Apostolo pelas terras do Brasil certas pegadas de homem, que elle vira em uma pedra em Itapuã, pouco distante da cidade da Bahia: o caminho de areia em Marapé, dez leguas no interior do reconcavo d'aquella cidade: os signaes do seu bordão em um penedo de Itajurú, perto da cidade de Cabo Frio, e outros signaes e vestigios da mesma natureza. Sem entrar aqui na elucidação desta tradição, faço esta nota para os que, por pouco lidos em taes materias, podessem suppôr ser invenção minha tanto esta tradição, quanto o mais que no texto deste poema a ella se refere.

CANTO VI.

Nota 1, pagina 179.

E desse sabio Andrada, que se ufana
Co'os illustres irmãos. . .

José Bonifacio de Andrada, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, e Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, illustres promotores da independencia do Brasil, sabios e probos ministros.

Nota 2, pagina 185.

Desse prudente Lima acompanhado.

O benemerito tenente-general Francisco de Lima e Silva, um dos primeiros Regentes na menoridade do Senhor D. Pedro II.

Nota 3, pagina 187.

O nome de Caxias para exemplo.

Luiz Alves de Lima, Marquez de Caxias, tenente-general, filho do

precedente, illustre pacificador das provincias do Maranhão, S. Paulo, Minas, e Rio Grande do Sul.

CANTO VII.

Nota 1, pagina 226.

A força do brutal Francisco Dias.

Este supponho eu ser aquelle immoral Francisco Dias, muitas vezes e inutilmente admoestado por Anchieta; e que talvez por fim meio arrependido, entrando no Auto composto pelo dito Padre, e representando no adro da igreja de S. Vicente em vesperas do jubileo da festa de Jesus, como nos refere Simão de Vasconcellos, dizia, fallando em seu proprio nome:

A viagem 'stá acabada,
A náo vai-se alagando,
E nesta vida em que ando
Por tantas causas errada
Meus dias já não são nada,
Pois pecco por tantas vias;
Triste de Francisco Dias,
Não lhe sinto salvação,
Si vós, Mãi da Conceição,
Não pagais as avarias.

Nota 2, pagina 231.

Quando alguns d'entre vós té mesmo, oh crime!
A comer carne humana os aconselham!

Para que não cream ser isto exageração poetica, e para que vejam mesmo que não me animei a dizer em verso o que sobre isto li em prosa, transcreverei aqui o periodo de uma carta do respeitavel padre Manoel da Nobrega, dirigida ao governador Thomé de Sousa, em data de 5 de Julho de 1559. Diz a carta: « Em toda a costa se tem geralmente por grandes e pequenos que é grande serviço de Deos Nosso Senhor fazer aos gentios que se comam, e se travem uns com os outros, e nisto tem mais esperança que em Deos vivo; e nisso dizem consistir o bem e segurança da terra, e isto approvam capitães e prelados, ecclesiasticos e seculares, e assim o poem por obra todas as vezes que se offerecem, e daqui vem que nas guerras passadas que se teve com o gentio sempre dão carne humana a comer não sómente a outros Indios, mas a seus proprios escravos. Louvam e approvam ao gentio o comerem-se uns aos outros, e já se acham christãos a mastigar carne humana para dar com isso bom exemplo ao gentio. »

Essa carta bastante longa e interessante acha-se impressa no tomo 6.° dos *Annaes do Rio de Janeiro* por Balthazar da Silva Lisboa, da pagina 63 a 101.

CANTO VIII.

Nota 1, pagina 265.

De annoso acayacá. . .

Acayacá é o nome que davam os Indios ao cedro.

nota 2, pagina 265.

Para fincar no canguçú que o assalta.

Canguçú é uma especie de onça.

CANTO IX.

Nota 1, pagina 278.

Esses seus Abarés. . .

Abaré, appellido que davam os Indios aos padres.

CANTO X.

Nota 1, pagina 310.

Cheios de seccas folhas de pituma.

Pituma, ou pitima, é o nome brasilico do tabaco.

FIM.

Emp. Typ.—DOUS DE DEZEMBRO — de Paula Brito
Impressor da Casa Imperial.—1856.